

Coleção Marcello de Ipanema
Caderno 3

Francisco Antonio Doria

Acciaiolis no Brasil

Griffo

Projetos Gráficos Experimentais, ligado ao
Programa de Estudos em Teoria da Comunicação.

Coordenadores:

José Argolo, Paulo Roberto Pires e Raquel Paiva.

Equipe: Alunos da Escola de Comunicação da UFRJ.

Conselho Consultivo:

Carlos Alberto Messeder Pereira

Emmanuel Carneiro Leão

Francisco Antonio Doria

Marcio Tavares d'Amaral

Muniz Sodré

Oswaldo Caldeira

Raymundo Bittencourt Machado.

Escola de Comunicação, UFRJ.

Av. Pasteur, 250.

22295-900 Rio RJ.

Série Marcello de Ipanema 3

© Projeto Áquila

1994.

Versão 2.0.

2000.

The family which had settled here, round the central tower, in the eleventh century, was called Acciaiuoli, and from here its members had set out, in the thirteenth century, to conquer, first Malta, and then Corinth and Athens; in which two cities they had reigned for a century and more. Their chief residence was the castle they had built of antique fragments upon the Acropolis at Athens, and the ruins of which continued to stand there until the beginning of the last century. They, doubtless, were the Dukes of Athens in whose realm Shakespeare laid the scene of A Midsummer Night's Dream. They possessed, too, a castle upon the Acropolis at Corinth, and the skeleton of this crumbling rock fortress still rose above the cliff when last I saw Corinth, in 1935.

Sir Osbert Sitwell, *Great Morning*.

Quando Federigo Barbarossa passò in prima volta in Italia, in fra di molte famiglie Guelfe, che si uscirono, per fuggire le forze sue, da Brescia loro patria, e Città nobile di Lombardia, furono quegli, che hoggi per havere preso per habitazione diverse Città; parte si chiamano Ferrieri, che si dimorano à Vercelli, e parte Acciaiuoli, de' quali debbiamo parlare, che habitano à Firenze.

Giambattista Ubaldini, *Istoria della Casa degli Ubaldini*.

O Brasil foi colonizado a partir de quatro centros: a Bahia—Salvador, Olinda em Pernambuco, o Rio, e São Paulo. Para a Bahia foi uma fração significativa da classe dominante portuguesa ao tempo dos Avizes [53], em boa parte oriundos do Algarve, foco principal da expansão e do comércio no século XVI. São os Monizes Barretos de Meneses, dos alcaides-mores de Silves, futuros marqueses de Angeja; os Oliveiras Carvalhais e Vasconcelos, distantes sobrinhos de Cristóvão Colombo e colaterais aos marqueses de Castelo-Melhor; os Eças, bastardos da casa real, e muitos outros.

Para Olinda, chamados pelo donatário Duarte Coelho, foram diversos membros de um grande clã vianense, o clã dos Velhos Barretos: Regos Barros, Regos Barretos, Pais Barretos, Amorins Salgados, Barros Pimentéis. Eram colaterais aos Barretos de Meneses que também desembocam nos Monizes baianos, e, nobreza decadente, dedicavam-se ao comércio e à navegação costeira, ao norte de Portugal e da Espanha. Junto aos membros do clã dos Velhos chegam personagens com origens obscuras, como os Gomes de Mello e os Vieiras de Mello; personagens de raízes aristocráticas, como os Albuquerque e os Lucenas, ligados ao poder central do reino, e agentes de casas bancárias, como os Lins (Linz von Dorndorf), agentes dos Fugger, os Cavalcantis, os Accioliis—Acciaioliis.

Formam, todos e logo, a classe dominante nordestina. Reproduzem-se e reproduzem o poder que exercem desde o século XVI no Brasil. E a estabilidade de seu poder é nossa questão, no Projeto Áquila.

Acciaiolis no Brasil.

A FAMÍLIA ACCIAIOLI é uma família florentina *popolana*, de origens muito modestas, embora já a encontremos com largas posses no século XIII, e titular de um grande banco, *Acciaioli Filii*. Boa estrela e habilidade levam-na a uma posição importante nos acertos políticos de Florença a partir de 1282, e também no reino de Nápoles. Seu apogeu ocorre nos séculos XIV e XV, quando vivem o grão-senescal de Nápoles Nicola Acciaioli (1310–1366), o cardeal-arcebispo de Florença Angiolo Acciaioli († 1409), e os seis Acciaiolis duques de Atenas, que reinam sobre a Ática de 1380 a 1460. O ciclo familiar se cumpre no século XVI. Daí em diante os Acciaiolis são cortesãos pacatos na Toscana, confortavelmente aparentados a boa parte das casas reais européias, dos rurikidas na Rússia aos Bourbons franceses e espanhóis e aos Stuart ingleses. Aliás, possuem ascendentes entre os Acciaiolis Pedro I e Pedro II do Brasil, o rei Juan Carlos I da Espanha, o rei Carlos Gustavo da Suécia, a rainha da Inglaterra e sua nora, Diana, princesa de Gales, além de boa parte da nobreza toscana e napolitana.

E talvez haja sido um dos últimos membros da varonia familiar aquele maçoneiro pobre, Ariará Márcio Accioli de Vasconcellos, cearense, bandido *pé-de-chinelo*, cujos prováveis antepassados, os alcaides-mores da Paraíba, traçamos até meados do século XIX. Morreu Ariará numa rebelião de presidiários no Rio em 1975, poucos dias antes de ser libertado.

Em 1515 Simone Acciaioli, pertencente a um ramo menos ilustre da família, sai de Florença e chega à ilha da Madeira. Seu neto por varonia, Gaspar Acciaioli de Vasconcellos, passa ao Brasil em inícios do século dezessete, e dispersa o nome familiar, agora mutado em *Accioli* ou *Accioly*, por sobre todo o Brasil, a partir de Pernambuco. Historiamos aqui alguns de seus descendentes brasileiros, boa parte dos quais biografados nos dicionários que nos retratam a

elite brasileira da colônia, do império e da república até o regime de 1946: Sacramento Blake, Velho Sobrinho, Inocêncio Francisco da Silva, Armino Guarará, Alarico Silveira, Afranio Coutinho. Dão-nos uma amostragem da classe dominante brasileira, da classe dominante de sempre.

Ilustrados nomes, gente ilustradíssima: talvez se devesse perguntar a partir do que aqui se mostra, enfim, em quanto esta sempre poderosa *gens*, de banqueiros e senhores feudais, na Itália e no Brasil, poderosa no nordeste brasileiro durante dois, três séculos, contribuiu para o subdesenvolvimento e o acintoso atraso político da região que ela mesmo colonizou no Brasil.

Prosopografia dos Acciaiolis.

JÁ FOI FEITO um paralelo entre os Acciaiolis, em Florença, e os de la Pole, duques de Suffolk e pretendentes ao trono inglês [55]. Um outro paralelo, mais banal, aproxima as grandes famílias florentinas dedicadas ao comércio e à *Arte del Cambio*, como os Acciaiolis e os Médicis, mas também os Pitti, Buonaccorsi, Peruzzi, Bardi, Rucellai e outras tantas, das grandes famílias de comerciantes judeus radicados em Nova York no século XIX [33], como os Seligman, Guggenheim, Belmont (ou Schönberg), Loeb, por exemplo. Duas ou três gerações da família dedicam-se ao acúmulo de bens e propriedades, enquanto que as gerações seguintes, mais e mais, apropriam-se da *persona* de “príncipes mercadores,” e mecenas e protetores das artes. Isto vale para as famílias pertencentes ao *popolo grasso* em Florença, e para as dos grandes comerciantes judeus de Nova York.

Passando ao Brasil ocorre uma descontinuidade. O papel social da família é outro; aqui os Acciaiolis se tornam em senhores feudais, à maneira dos povoadores nobres do nordeste. Ou seja, adaptam-se aos *mores* da terra. Os ramos primogênitos da família Acciaioli ocupam a terra e nela se firmam, deixando para os ramos cadetes a exploração das fronteiras. Zenóbio Accioli de Vasconcellos casa-se, em 1654, com a herdeira da alcaidaria-mor de Olinda; seu irmão João Baptista (§ 4, XIV), é empurrado para mais ao sul, junto da fronteira entre Alagoas e Pernambuco. A filha de João Baptista, Maria Accioli, cruza a fronteira e se casa, por volta de 1670, com José de Barros Pimentel, senhor do engenho *do Morro* em Porto Calvo, e capitão-mor da Vila Formosa de Porto Calvo. Seu filho segundo, Francisco de Barros Pimentel, move-se mais para o sul ainda, onde herda do sogro um engenho, o engenho *Novo* da Vila das Alagoas, nessa vila (que hoje é Marechal Deodoro) junto a Maceió, onde seus descendentes permanecerão do século XVIII até meados do século XIX [24]. Outro ramo segue para o norte, e ganha a alcaidaria-mor da Paraíba. Este ramo sobrevive,

empobrecido e obscuro, na Paraíba e no Ceará até hoje. Seriam os herdeiros diretos das honras e títulos dos Acciaioli de Florença.

Do século XVII ao século XVIII os Acciaioli brasileiros são senhores de engenho, senhores de sesmarias, grandes feudos sobre os quais exerciam o poder econômico e político-militar, enquanto alcaides-mores, capitães-mores e sargentos-mores das tropas das ordenanças. Em fins do século XVIII ocorre uma transformação nos papéis assumidos pelos membros da família Accioli no Brasil: os senhores de engenho, certamente influentes, mas obscuros, da família, tornam-se em bacharéis, e daí em membros da burocracia do estado brasileiro, no século XIX. E, enfim, em membros da *intelligentzia*. Este movimento, no espaço das funções sociais, acompanha-se por um movimento do campo para a cidade, primeiro a cidade na província, e depois a corte, a capital do império.

Listamos em seguida alguns destes Accioli e descendentes, que se movem do espaço físico das suas sesmarias para o espaço abstrato do poder no Brasil.

Funcionários da Administração Colonial. Zenóbio Accioli de Vasconcellos e seus descendentes, os Mouras Accioli, alcaides-mores de Olinda até o século XVIII; Gaspar Accioli de Vasconcellos, alcaide-mor da Paraíba. João Baptista Accioli, sargento-mor da comarca de Pernambuco. José de Barros Pimentel, capitão-mor de Porto Calvo. Muitos coroneis e capitães de tropas de ordenanças em Pernambuco e Alagoas do século XVII até o século XIX, quando Luiz de Moura Accioli de Miranda Henriques é feito coronel comandante do regimento da nobreza em Olinda.

Senhores de Engenho. José de Barros Pimentel e sua mulher Maria Accioli, em fins do século XVII, e depois o filho homônimo, os irmãos João Batista Accioli e Francisco de Barros Pimentel (inícios do século XVIII), o filho deste último, Inácio Accioli de Vasconcellos e seus filhos e netos, assim como os irmãos e sobrinhos, inclusive os que viviam em Sergipe.

Titulares em Portugal e no Brasil. Além de morgadios, como os do Sibiró, que no Brasil remontam ao século XVII, e das Chiólicas, em Portugal, os Fonecas Acciaiuolis; e de titulares de senhorios em Portugal, como os Salgados Acciaiuolis, brasileiros que se tornam em senhores de Belmonte ao fim do século XVIII e inícios do XIX, descendem de Genebra Acciaioli, ancestral dos Acciaiuolis portugueses, filha de Simone Acciaioli, *Simão Achioli*, os condes de Avilez—Avilez Juzarte de Sousa Tavares da Fonseca Acciaiuoli, e das Galveas—Avilez Lobo de Almeida de Mello e Castro da Fonseca Acciaiuoli.

Descendiam de Gaspar Acciaioli de Vasconcellos, tronco dos Accioli brasileiros, os seguintes titulares madeirenses, cujos títulos (concedidos pelo rei de Portugal) datam do fim do século XVIII e de inícios do XIX, ou entram na família por esta época: os condes de Carvalhal, de Porto Santo, de Rezende, de Seisal, de Torre Bela, e o visconde da Ribeira Brava. Era também titular português o brasileiro Antonio Pedroso de Albuquerque Jr., bacharel por Olinda, filho de Maria Acciaiuoli de Vasconcellos, e visconde e conde Pedroso

de Albuquerque—títulos que foram comprados por este plutocrata, como os dos viscondes de Tourinho, da Sapucaia e de Mayrink.

Foram titulares no império brasileiro os seguintes descendentes de Gaspar Acciaioli, em sua maioria ligados aos Barros Pimentéis Accioli de Alagoas: Sebastião Antonio Accioly Lins (1824–1891), barão de Goicana em 1882; José Inácio Accioli do Prado (1824–1904), barão de Aracaju em 1872; Gonçalo Accioli de Faro Rollemberg (1819–1879), barão de Japaratuba em 1860; José Manuel de Barros Wanderley (1842–1909), barão de Granito em 1888; Henrique Marques Lins (1800–1877), visconde de Utinga em 1876; Belmiro da Silveira Lins (1827–1880), barão de Escada em 1874; Florismundo Marques Lins (1838–1895), barão de Utinga em 1888; João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu (1810–1908), visconde de Sinimbu em 1888; Henrique Marques de Holanda Cavalcanti (1853–1941), 2^o barão de Suassuna em 1889; João de Amorim Salgado (1853–1897), barão de Santo André em 1883. Prisciano de Barros Accioly Lins (1830–1892) recebeu em 1882 o título de 2^o barão do Rio Formoso; recusou-o e se declarou republicano.

Além do mais, descendiam dos Barros Accioli as seguintes mulheres de titulares: Leonor Felisberta Accioli, baronesa de Pereira Franco; Maria da Conceição de Barros Wanderley (1857–1910), baronesa de Granito; Feliciano Inácia Accioly Lins (1840–1896), baronesa de Goicana; Maria Lins (1857–1940), baronesa de Suassuna; Teudelina da Silveira Lins (1834–1903), baronesa de Araçagi e viscondessa do Rio Formoso; Ana Luiza Vieira Cansansão de Sinimbu (?–1876), baronesa de Atalaia; Ana Francisca do Amorim Salgado (?–1866), baronesa de Tracunhaem; e Cazuza Accioly de Barros Pimentel, casada com o barão de Murici, e falecida antes da concessão do título.

(Note-se que na primeira metade do século XX os ramos dos Accioli aqui documentados tendem a casar-se em famílias de titulares tanto portugueses como do império, ainda. A endogamia no complexo mantém o *status* familiar.)

Grandes Comerciantes e Plutocratas. José Inácio Acciaioli de Vasconcellos Brandão, Antonio Pedroso de Albuquerque e Venceslau Miguel d’Almeida, na Salvador do século XIX.

Bacharéis, Médicos e Burocratas. Inácio Accioli de Vasconcellos, bacharel coimbrão em inícios do século XIX, e depois constituinte e desembargador; seu filho, José Inácio Accioli de Vasconcellos, ministro do Supremo durante o império; o primo terceiro deste, José de Barros Accioli Pimentel, médico pelo curso de medicina do Rio; seu filho, Francisco de Barros e Accioli de Vasconcellos, diretor geral de Terras e Colonização no império, após haver servido no Paraguai. E mais: Joaquim Marcelino de Brito e Luiz Barbosa Accioli de Brito, ministros do Supremo ainda no império. E já no século XX, Maurício Eduardo Accioli Rabello, desembargador no Rio.

Políticos. José de Barros Acciaioli Pimentel, que foi presidente de Sergipe. Inácio Accioli de Vasconcellos e seu filho José Inácio, ambos presidentes do Espírito Santo durante o império. O barão de Pereira Franco, ministro de

estado também no império. Antonio Pinto Nogueira Accioly, presidente do Ceará na primeira república; Francisco Sá e Ronald de Carvalho; e mais Juracy Magalhães e o almirante Ivo Accioly Corseuil, da casa militar da presidência durante o governo João Goulart.

Poetas, Professores e Intelectuais. O historiador Inácio Accioli de Cerqueira e Silva; seu primo, Inácio de Barros e Accioli de Vasconcellos, † 1879, poeta alagoano. E mais, no século XX: José Cavalcanti de Barros Accioli e o filho Roberto Accioli, catedráticos do Colégio Pedro II; Eduardo Rabello, marido de Lucilla Accioli de Vasconcellos, e o filho Francisco Eduardo Accioli Rabello, como o pai médico e pesquisador em dermatologia, catedráticos da antiga Universidade do Brasil; o sobrinho do último, Armando de Freitas Filho, poeta ligado ao movimento *Praxis*. Wilson Accioli de Vasconcellos, professor titular de direito na UERJ. E Gustavo Alberto Accioli Doria, crítico de teatro no Rio até os anos 60, Antonio Paes de Carvalho, casado com Gilda Montenegro, neta de Quintilla Accioli de Vasconcellos, pesquisador em biofísica, professor titular da UFRJ e criador da Fundação Bio-Rio, e Teresinha Accioly Corseuil Granato, titular da Faculdade de Educação da UFRJ. E, mais, Ronald de Carvalho e Peregrino Júnior, da Academia Brasileira de Letras e da Academia Nacional de Medicina (o último, assim como Francisco Eduardo Rabello e Paes de Carvalho), e Antonio Accioly Netto, teatrólogo e pintor.

O motivo desta metamorfose nas funções assumidas pelos membros da família é simples: a aristocracia agrária, feudal, é chamada a participar, desde o início do século XIX, na consolidação do aparelho de estado. Daí a transição que leva dos senhores de engenho aos bachareis e médicos. Firmados no aparelho de estado, na capital do império e, depois, da república, dedicam-se à atividade intelectual, que é uma prática essencialmente urbana, cosmopolita—antes acessória à participação no aparelho estatal, e enfim valendo por si mesma [55].

Restaurando uma genealogia.

TALVEZ NÃO EXISTAM, nunca, genealogias seguras. Talvez algumas das matrilineares. Toda varonia é duvidosa: exemplos como a paternidade verdadeira da Excelente Senhora, ou o comportamento de rainhas e imperatrizes como Maria Francisca Isabel de Sabóia, Ana d'Áustria, Carlota Joaquina, ou a Grande Catarina, mostram como pode ser precária uma linhagem varonil no entanto documentadíssima.

Fontes e Critérios para a Feitura de uma Genealogia

São as seguintes as fontes para o preparo de uma genealogia:

- *Fontes Primárias.* Registros de batismo (hoje, de nascimento), casamento e óbito—originais e traslados. Inventários.

Documentos burocráticos: uma família pertencente à classe dominante age com frequência usando os recursos e poderes do aparelho estatal em seu favor. Assim, encontram-se muitos de seus membros peticionando, arguindo, diligenciando, e sendo nomeados e agraciados e amerceados, com grande insistência. Tais documentos dão corpo e história a uma genealogia, como se vê aqui.

- *Fontes Secundárias.* No caso de uma família ligada à classe dominante, ou em ascensão para aquela classe, existem as cartas de brasão e certidões de nobreza, que devem ser examinadas com bastante cuidado, pois costumam ser o veículo de falsificações grosseiras—é o caso dos Paes Leme de São Paulo, para quem uma carta de brasão de 1750 *fabrica* uma varonia na família Leme, com base talvez em dados fornecidos por aquele grande

forjador de *pedigrees*, *dom Tivisco de Nasáo Zarco y Colonna*, *alias* Manuel de Carvalho Ataíde, pai de Pombal [91].

Outras fontes secundárias: genealogias orais, manuscritas e publicadas. A tradição oral deve ser vista como um guia, e nunca como critério de verdade; genealogias feitas por membros das famílias—ou, no caso de famílias soberanas, por áulicos—devem ser examinadas com cautela.

- *Critérios de Consistência e a Restauração de Dados Perdidos*. Utilizamos aqui os seguintes critérios de consistência: supusemos que os homens têm o primeiro filho entre os 25 e 30 anos, e as mulheres, entre os 20 e 25 anos. Assim sendo, uma geração, na genealogia que se segue, se masculina, leva de 25 a 30 anos em média; se feminina, de 20 a 25 anos. Serve como um cálculo aproximado, que pode confirmar estimativas e conjecturas, e nos permite localizar prováveis ascendentes e descendentes, separados duas ou três gerações, mas não muito além disso.

No Brasil, no nordeste, os ramos de uma família costumam ser caracterizados por um sobrenome duplo habitual (dominante entre os descendentes); o uso obsessivo de certos prenomes masculinos e femininos—entre os Barros Pimentéis, José; entre os Acciolis de Vasconcellos da Vila das Alagoas, Inácio e José Inácio, por exemplo. Algumas vezes nas linhas femininas o sobrenome da família dominante desaparece, mas permanece o prenome obsessivo (abaixo temos exemplo deste comportamento com *Inácio Accioly d’Almeida*, sem o “Vasconcellos” típico do ramo (§ 12.3, XXI), mas insistindo no prenome). A coincidência ou proximidade geográfica vale também como marca da pertinência de indivíduos a um dado ramo da família para os quais não se achou documentação primária.

Em geral, coincidindo os seguintes critérios—consistência nas datas e na presença dentro da mesma região; coincidência de prenomes e de sobrenomes—supomos estabelecida a ligação genealógica.

A genealogia que se segue no § 1 e seguintes é, desta maneira, e muito francamente, uma genealogia restaurada, uma *work in progress*. As dúvidas que encontramos (além do caso dos Acciols do Ceará, discutido no local adequado) foram assinaladas usando-se colchetes [...]. As principais são as seguintes:

- *Acciaiuolo Acciaiuoli e Leone de’ Signori*. Encontram-se estes personagens no § 1, III e 4. Leone Acciaiuoli, algumas vezes chamado *messer Leone de’ Signori*, por haver servido várias vezes na Senhoria de Florença, também aparece como Leone di Riccomanno em algumas genealogias [122]. Acciaiuolo é por vezes dado como seu pai, e em outras ocasiões como seu irmão. O documento mais antigo que falava de algum membro da família Acciaiuoli, no tempo do historiador Pompeo Litta (ou seja, na primeira metade do século XIX), datava de 1237 [84]; uma revisão recente das fontes documentais para a história toscana [111] apenas mostrou os Acciaiuolis em documentos posteriores a 1274, de modo que, a menos de alguma descoberta inesperada, só podemos fazer conjecturas aqui.

Optamos pela opinião de Litta com respeito às posições, na genealogia dos Acciaioli, de Acciaiole e de Leone de' Signori. É o que se repete em quase todas as genealogias italianas, manuscritas e publicadas, que tratam dos Acciaioli.

- *Simão Achioli*. A mudança de um país a outro gera sempre discontinuidades numa genealogia. Com as discontinuidades vêm, por um lado, narrativas com características lendárias, e por outro lado, falsificações, *tout court*, das origens familiares. As grandes famílias italianas que passam a Portugal e depois ao Brasil oferecem o mesmo quadro: Acciaioli, Cavalcanti, Dorias. Filippo Cavalcanti, que chega ao Brasil com pouco mais de trinta anos, por volta de 1560, era filho de um mercador florentino, Giovanni Cavalcanti, que encontramos em 1520 em Londres, como comerciante *de grosso trato*, e honrado pelo rei Henrique VIII com um acrescentamento às suas armas, a *asna azul* que ainda vemos no brasão brasileiro dos Cavalcanti. Seriam estes próximos parentes de Bartolommeo Cavalcanti, amigo de Maquiavel. Filippo Cavalcanti era um agente dos banqueiros Affaitatis de Cremona, radicados em Portugal, assim como os dois primos Linz, Sebald Linz von Dorndorf e Christoph Linz, representarão no Brasil os interesses dos Fugger de Augsburg. Os Dorias, genoveses de uma família que se envolvera nas explorações do Atlântico desde o século XIII—quando Tedisio d'Oria financia os dois irmãos Vivaldi que se perdem no *Mar Oceano* em 1291—deixam dois ramos em Portugal: um, que provem de Luís ou Lodisio di Imperiale d'Oria, um mercador associado aos Lomellini, e como estes senhor de engenhos de açúcar na Madeira em 1480, na capitania dos Teixeiras. Seu parente Francesco di Aleramo Doria, genro do riquíssimo Lodisio Centurione, financiará Colombo. Do filho de Francesco, outro Aleramo, Aleramo di Francesco Doria, pois é o *Lourenço de Oria* dos nobiliários portugueses este Aleramo (cf. *Laramo*, *Loram*), descendem os Dorias da Bahia.

A história que assim se reconstitui é feita segundo a técnica de Capistrano de Abreu: “no meu método, o documento deve confirmar a adivinhação.” Até o momento, o quebra-cabeças tentativamente montado a partir de intuições e fatos fragmentários tem sido confirmado abundantemente pela documentação [53] [108].

Simone Acciaioli possuía relacionamentos familiares e comerciais com os Cavalcanti [108]. Devido a estes, passa à Madeira em 1515. Mas, quem era?

No século XVII, o dr. Miguel Acciaioli da Fonseca Leitão escreveu a primeira genealogia em português dos Acciaioli, e ao discutir a ascendência deste *Simão Achioli*, ou Simone Acciaioli, primeiro membro da família a passar a Portugal e à Madeira, entronca-o no ramo mais ilustre da família, aquele com os duques de Atenas e os Médicis grãos-duques da Toscana. Trata-se de uma descarada falsificação, e grosseira, o que pode ser percebido no absurdo número de gerações que teriam transcor-

rido entre os duques de Atenas, no século XV, e Simão Achioli, no início do século XVI (veja-se [79]). Litta comete também um engano quando fala de Simão Achioli (isto é, Simone Acciaioli) em sua genealogia, mas assinala, na dúvida, o que nos parece (e a outros) a ligação correta, dada no § 1, XI.

É o Simone Acciaioli que pertence à linha dos Zanobi, Simone e Giambattista, prenomes repetidos insistentemente no ramo madeirense. Não há portanto dúvidas aqui.

Sabemos que Simão Achioli era filho de um Zanobi Acciaioli, porque isso está na certidão passada pelos priores em Julho de 1515. É o que temos certo. E duas fontes independentes confirmam que Zanobi di Benedetto Acciaioli, nascido em 1476, é o pai de Simão Achioli: uma nota à margem do título “Acciaiolis” em Noronha [100], onde se diz que Simão era filho de Zanobi e de Ginevra Amadori, e o fato de que, em Litta e em outras genealogias, não existe nenhum outro Zanobi nascido na faixa cronológica onde se deveria encontrar o pai de Simone Acciaioli, o madeirense. A genealogia que está na Certosa [1] representa explicitamente esta solução, que é a que seguimos [52].

- *Inácio Accioli de Vasconcellos*, no §8, XVIII. A tradição oral no ramo dá ao avô de José de Barros Accioli, o prenome *Inácio*. José de Barros Accioli nasceu em 1820; seu avô paterno deve ter nascido por volta de 1760, o que o aproxima de José de Barros Pimentel (§ 7, XVIII), que, aliás, não é citado na *Nobiliarquia Pernambucana* [35], filho do segundo casamento do primeiro Inácio Accioli, já em Borges da Fonseca. Inácio Accioli de Vasconcellos, o deste ramo, casa-se também na família Cerqueira e Silva, da Vila das Alagoas, proprietários das terras em Massagueira onde os encontramos, a estes, no século XIX.

Além do mais, coincidem insistentemente os prenomes neste ramo, de José de Barros Accioli, com os do outro ramo, e vêm ambos da mesma Vila das Alagoas e arredores. A ligação está bem firmada, faltando apenas confirmar documentalmente o nome do avô de José de Barros, e descobrir o nome da mulher deste segundo [Inácio] Accioli.

A Grafia do Nome no Brasil

Borges da Fonseca escreve consistentemente *Accioli* ou *Accioly* [35], sem regra aparente que justifique uma ou outra grafia. É possível no entanto que o manuscrito original da *Nobiliarquia Pernambucana* apresentasse uma homogeneidade menor no nome da família, porque as fontes originais sugerem que (na Paraíba), no século XVIII e no início do XIX, se escrevia *Achioli* ou *Achiale* [107], grafia que Felgueiras Gayo também segue [61] no ramo dos Salgados *Achiolis*, senhores de Belmonte, e nos outros ramos familiares.

Os que vieram de Sergipe, no começo do século XIX, assinam-se, consistentemente, nos documentos que pudemos encontrar no Arquivo Nacional, no

Arquivo Público em Salvador, e na Biblioteca Nacional, *Acciaiuoli*. Sem variantes. Mas as citações referentes a membros deste ramo [51] [68] escrevem *Accioli*. Como se a grafia se mantivesse na forma original, mas a pronúncia seguisse a versão brasileira, já naquele tempo. A liderança do ramo, visto como um clã, pertencia ao marechal de campo José Inácio Acciaiuoli de Vasconcellos Brandão, homem certamente viajado. Atribuímos a restauração da grafia original do apelido familiar a um seu contacto com parentes da Madeira e, talvez, de Florença.

Na Madeira, àquela época, escrevia-se *Acciuoli*, como se vê em seguida.

Contactos Entre os Diversos Ramos da Família

Quando uma família muda de país surge, quase sempre, uma descontinuidade na sua memória genealógica. Este é um fato bem conhecido: por exemplo, as discussões a respeito da origem dos Cavalcantis do nordeste, ou as dúvidas cercando o *pedigree* dos Drummonds na ilha da Madeira, ou mesmo, nos Estados Unidos, as incertezas que afetam o esforço dos netos e bisnetos dos imigrantes lá aportados no início do século quando agora buscam fazer suas genealogias.

A situação dos Acciaiolis é semelhante. No entanto houve sempre contactos entre o ramo da ilha da Madeira e os ramos que permaneceram em Florença, afinal reduzidos à pessoa do marquês Antonfrancesco Acciaiuoli Torriglione d'Ancona em meados do século XVIII. Em 1618 João Baptista Acciaiuoli de Vasconcellos trocou correspondência com o grão-duque da Toscana, e é de se presumir que também haja entrado em contacto com os outros parentes, os Acciaiolis florentinos.

Antonfrancesco Acciaiuoli procurou seus parentes na Madeira (para saber se entre eles haveria algum varão capaz de sucedê-lo nos títulos, honras e propriedades da família) não depois de 1731, quando nasce Octaviano Acciaiuoli na Madeira—e seu prenome, inexistente no ramo madeirense, mas comum entre os florentinos, nos permite datar com boa precisão o momento em que o marquês alcançou os madeirenses, porque antes de Octaviano encontramos apenas, como seus irmãos, Jacinto, Roque, Ana, Mécia e Pedro, prenomes típicos do ramo da Madeira [100].

Octaviano Acciaiuoli foi religioso, chegou a monsenhor, e faleceu em 13 de Dezembro de 1811 [82]. Deixou, em herança ao sobrinho, o padre Luiz Correia Acciaiuoli, entre outras peças, “todos os retratos que tenho em painéis, assim dos cardeais meus parentes...” ([82]). Entre estes retratos estava, com certeza, o do cardeal Filippo, o núncio que Pombal havia expulsado em Junho de 1760. Muito peculiarmente, enfim, assinava-se o monsenhor Octaviano *Acciuoli*. Esta grafia de seu apelido, *Acciuoli*, aparece diversas vezes no seu testamento, e ao designar seu herdeiro, o sobrinho Luiz Correia *Acciuoli*.

No ramo dos Accioli de Vasconcellos da Vila das Alagoas (ao menos desde a segunda metade do século XIX) havia certa memória sobre um título de nobreza supostamente vacante e pertencente aos Acciaiolis na Itália. Tomamos isto como confirmação indireta, ou circunstancial, para estes possíveis contactos entre os ramos da Madeira, de Sergipe, e agora de Alagoas. E note-se, enfim, que as

genealogias da Certosa, de Litta e de Ugurgieri [1] [84] [123], destacam o ramo da Madeira e (no caso de Litta e da árvore na Certosa), o ramo brasileiro. Portanto, não há dúvidas no que diz respeito a historiadores florentinos quanto à existência do ramo brasileiro.

Sobre a Heráldica dos Acciaiolis

A tradição mais antiga diz que as armas dos Acciaiolis, “de prata com um leão de azul, armado e linguado de vermelho,” derivam-se das armas idênticas de Brescia, de onde teria fugido, em 1160, Gugliarello Acciaioli. É certo que os Acciaiolis já usavam destas armas pelo menos na segunda metade do século XIII, porque Leone de’ Signori (§ 1, 4) teve-as colocadas em seu túmulo, e Leone † c. 1300.

O grão-senescal Nicola recebeu um acrescentamento às suas armas: “de prata, com um leão de azul, armado e linguado de vermelho, e segurando o leão com as garras uma haste de... onde está preso um pendão de azul, desfraldado em chefe e voltado para sinistra, carregado de três flores de liz de ouro.” No século XV os reis de Nápoles [123] concederam a Agnolo Acciaioli outro acrescentamento: que o escudo das suas armas fosse acompanhado à dextra e à sinistra de dois ramos de folhas de louro, unidos por um torçal, e formando uma coroa honorífica. Finalmente, no século XVI, o embaixador Roberto Acciaioli recebeu o último dos acrescentamentos conhecidos às armas dos Acciaiolis, concedido por Luiz XII de França, junto a quem representava Florença: “de prata, com um leão de azul, armado e linguado de vermelho, e tendo sobre a espádua uma flor de liz de ouro cuja pétala central está coroada à antiga do mesmo.” Tais armas tornaram-se bastante difundidas, e com frequência aparecem brasonadas quando se passavam cartas de brasão a personalidades ligadas à família Accioli no Brasil. Como exemplo, no caso do bispo Adalberto Accioly Sobral, que as teve no primeiro quartel das suas armas eclesiásticas.

No entanto, no Brasil, durante o império, não foram concedidas armas com algum quartel de *Accioli* ou *Acciaioli*.

... da quando Gugliarello ed alcuni suoi congiunti avevano lasciata Brescia, ove trafficavano con fortuna negli acciai, fuggendo dinanzi alla minaccia del Barbarossa. Invece di seguire i parenti in Piemonte, Gugliarello prese la via di Firenze; e quando, ormai alla fine del suo lungo viaggio, dall'alto dell'ultima chiostra dei colli gli apparve, in una radiosa visione, la vallata dell'Arno e la città che doveva essere la sua seconda patria, egli sostò a riguardare.

C. Ugurgieri della Berardenga, *Gli Acciaioli di Firenze* (1962).

De Florença ao Ultramar.

A FONTE PRINCIPAL italiana para a ascendência de Simone Acciaioli, ou *Simão Achioli*, o primeiro membro da família a passar à Madeira, é a genealogia de Litta [84]. Na ilha da Madeira, a fonte é o *Nobiliário* de Noronha [100], além do livro de Menezes Vaz [88]; no Brasil, sobretudo a *Nobiliarquia Pernambucana* [35], mas também o livro de Venusia de Barros Mello [28], que descreve alguns ramos em Alagoas, ou o livro de Orlando Vieira Dantas, onde comparecem os Accioli de Sergipe [47], além de genealogias manuscritas, fontes documentais e, claro, a tradição oral, sempre muito escorregadia. Sobre os Acciaioli em geral, um livro mais recente, apaixonado [123], do conde della Berardenga, e um estudo que discute seu fracasso político no momento em que o controle de um estado fica a seu alcance [55]; outras referências sobre os Acciaioli em Florença, sua atividade comercial e sua importância histórica, são [23] [77].

1 *De Florença à Madeira.*

I. GUGLIARELLO ACCIAIOLI *venne a Firenze da Brescia l'anno MCLX*. É o que está escrito no retrato idealizado que o marquês Antonfrancesco Acciaioli Torriglione d'Ancona fez pintar, no século XVIII, para figurar o tronco e primeiro ancestral conhecido de sua família, e que hoje se acha num dos apartamentos para hóspedes da *Certosa* de Florença, aquele onde estiveram prisioneiros os papas Pio VI e Pio VII.

Gugliarello Acciaioli é citado, segundo Litta, numa escritura de 1237, na qual se vendem bens da família Giandonati, e se falam dos confins dos bens de Riccomanno, filho de Gugliarello. A tradição mais antiga afirma haver Gugliarello Acciaioli chegado a Florença em 1160 ou 1161, vindo de Brescia, de onde teria fugido devido às perseguições de Frederico Barbarroxa (que então invadia o norte

da Itália), por ser Gugliarello de partido guelfo. Era com certeza mercador, e ao que parece já banqueiro, e membro da *Arte del Cambio*, da corporação dos banqueiros e cambistas em Florença. Era também *popolano*, ou seja, de origens plebéias, nunca nobres.

Seu apelido deriva-se de *acciaio*, “aço.” Brescia e Bergamo eram centros importantes de comércio e indústria do aço, o aço bergamasco, e é possível que do envolvimento com este comércio derive-se o nome “Acciaioli.” “Gugliarello” parece uma alcunha; deriva-se de *guglia*, “agulha.” Sabe-se que Gugliarello Acciaioli comprou terras no Val di Pesa, em Montegufoni (“morro dos corujões”), onde fez construir uma torre fortificada, *La Gugliarella*, que ainda existia em 1588. Talvez a torre, alta e fina, haja dado o nome a seu proprietário e construtor, ou talvez o contrário haja acontecido.

Dizem que Gugliarello Acciaioli já usava das armas dos Acciaioli,

De prata, com um leão de azul, armado e linguado de vermelho,

e que estas armas viriam das armas idênticas de Brescia. Também é possível que tais armas, com um leão, que também estava nas armas da Parte Guelfa, ressalte a origem popular, plebéia, dos Acciaioli, assim como as pílulas dos Medici (“médicos”) indicavam seu primitivo ofício de boticários e médicos. Documentadamente, só vemos as armas dos Acciaioli representadas a partir da segunda metade do século XIII, ou seja, um século após Gugliarello.

Sua mulher pode ter pertencido à família Riccomanni (porque *Riccomanno* é o nome de um seu filho. Os Riccomanni eram uma família de banqueiros guelfos, algo obscura, também datando do século XII [81], e depois participando do *popolo grasso* no século XIII, em 1274.

Tiveram dois filhos:

2. Riccomanno Acciaioli, que segue;
2. *Messer* Leone Acciaioli, talvez doutor em leis e um dos juízes da comuna. Foi ancestral dos Acciaioli de Lucignano, que residiam naquele povoado junto a Florença, e que se extinguiram em 1820, com a morte de Antonio Maria Acciaioli, cônego da Sé florentina, último do seu ramo. (Este personagem pode, talvez, pertencer à geração seguinte, e ser o LEONE DI RICCOMANNO de quem alguns cronistas falam [23] [122].)

II. RICCOMANNO ACCIAIOLI é citado numa escritura de venda de terras que os Giandonati fizeram em 1237. Talvez sua mulher pertencesse à família dos Guidalotti ou a uma outra, homônima, a dos Guidalotti di Balla [111], já que um de seus filhos se chama Lotto (Guidalotto) e era comum serem derivados os prenomes dos apelidos nas linhas femininas, àquele tempo, em Florença. Tanto os Guidalotti quanto os Guidalotti di Balla eram famílias guelfas, que junto com os Acciaioli e muitas outras famílias fugiram de Florença após a batalha de Montaperti, na qual os gibelinos de Arezzo derrotaram os florentinos guelfos [111].

Foram seus filhos:

3. Lotto [Guidalotto ?] Acciaiola, já falecido em 1237. Teve um filho, Donato Acciaiola, que testou em 1247;
3. [Acciaiole Acciaiola], que segue; e
3. [Leone di Riccomanno Acciaiola], que talvez seja o *messer Leone* citado acima entre os filhos de Gugliarello Acciaiola. Esta é uma dúvida insolúvel.

III. [ACCIAIOLE ACCIAIOLI] foi, muito certamente, o filho primogênito de Riccomanno Acciaiola, mas Litta afirma haver alguma confusão quanto à sua posição no *pedigree* familiar. Praticamente todos os autores o colocam nesta exata posição, na árvore dos Acciaiolis, de modo que assim o mantemos.

Quase nada se sabe dele. Pertencia ao Sesto di Borgo, e ao *popolo* da S. S. Trinità (divisões administrativas de Florença). Como, novamente, um de seus filhos se chamava Guidalotto, talvez fosse sua mulher dos Guidalotti ou dos Guidalotti di Balla. (Ou seria uma Pucci, já que entre os filhos de Acciaiole Acciaiola está um Puccio Acciaiola ?)

Pais de:

4. [*Messer Leone Acciaiola*], dito *Leone de' Signori*, porque esteve entre os priores, em 1282. Como dissemos, aparece [122] um personagem, colocado na geração anterior, com o nome de Leone di Riccomanno; aqui seguimos Litta, no entanto, e supomos que Leone di Riccomanno fosse outro membro da família. Associado e líder da Parte Guelfa, lutou em 1259 para expulsar os gibelinos de Florença; foi então juiz, e no ano seguinte, em 1260, esteve na derrota dos guelfos em Montaperti, junto com seu irmão Puccio. Seus bens foram queimados pelos gibelinos—incluindo-se o Palazzo Acciaiola, no Borgo de' S. S. Apostoli, e sua família se viu expulsa de Florença. Voltaram após 1274. Documentos citados por Raveggi e outros [111] mostram que os danos causados pelos gibelinos a seu palácio foram depois indenizados com a soma de 100 libras. A ele se referem os documentos em que aparece, junto com o cardeal Latino Malabranca-Orsini, em 1280, como *dominus*, que é o tratamento dado aos cavaleiros. É prior em 1282 por duas vezes, e em 1296 Pistoia o elege capitão do povo; morre em 1300, e é enterrado na igreja dos S. S. Apostoli, onde seu túmulo foi descoberto e restaurado em 1514. (Este túmulo, uma grande lápide de mármore tendo em seu centro o leão dos Acciaiolis, está exatamente em frente ao altar-mor da igreja de' S. S. Apostoli, e contém também os ossos de *Tingo*—Lotteringo—e de um Zanobi Acciaiola.)

Leone fundou através de seu testamento a igreja de Santa Maria Nuova, no povoado de S. Lorenzo, nas terras familiares de Montegufoni (São Lourenço era o padroeiro da família Acciaiola). Teve filhos, mas sua sucessão (ao que se sabe) logo se extinguiu:

5. Simone di Leone, inscrito na Arte di Por S. Maria em 1287. Foi o pai de Leonetto di Simone, também inscrito na mesma arte à mesma época.

Estes dois personagens são citados a partir de documentos originais [111], e estão colocados aqui por ser *messer* Leone o único deste nome na presente geração. Simone di Leone é então, ao que parece, o primeiro com um tal prenome entre os Acciaioli; de geração em geração o seu prenome se repetirá, até desembarcar, com Simone di Zanobi, na ilha da Madeira.

4. Guidalotto Acciaioli, que aparece num conflito contra Arezzo em 1290. Casou-se com Ghisella [Alamanni], sobrenome que inferimos do prenome de seu filho Alamanno, apelidado Mannino. Foi neto (por bastardia) de um seu outro filho Niccolò o grande NICOLA ACCIAIOLI, filho de *messer* ACCIAIOLO ACCIAIOLI, banqueiro do rei de Nápoles, e de sua mulher Guglielmina de' Pazzi. Nasceu Nicola Acciaioli em Montegufoni em 12 de Setembro de 1312, e faleceu em Nápoles em 8 de Novembro de 1366. Litta, com outros historiadores, afirmam haver sido Nicola Acciaioli o maior estadista de seu tempo; foi grão senescal do reino de Nápoles, vice-rei da Apúlia, conde de Melfi e Malta, conde da Campanha, em Roma, senador de Roma, etc. etc. Recebeu de Inocêncio VI a Rosa de Ouro, havendo sido a primeira personalidade assim homenageada. (No século XIX, Isabel a Redentora, sua longínqua parenta, recebeu a mesma homenagem, devido à libertação dos escravos no Brasil.) Sua linha está extinta na varonia, mas persiste até hoje na nobreza de Nápoles [123]. De sua irmã LAPA ACCIAIOLI descendia o tsar IVAN IV O TERRÍVEL.¹

De Mannino, filho de Guidalotto Acciaioli, descendem os duques de Atenas da família Acciaioli². Em 1381 NERI ACCIAIOLI, que havia sido adotado por seu parente o senescal Nicola, e que vivia no Peloponeso, assenhora-se de Corinto, e depois de Atenas, assumindo o título de duque de Atenas. Testou em 1398, e morreu em 1400. Os Acciaioli reinam sobre o ducado de Atenas até 1463, quando o último dos duques, Franco ou Francesco Acciaioli, é estrangulado (ou morto a golpes de cimitarra) pelos janízaros de Maomé II durante um banquete.

Irmão de Neri Acciaioli, primeiro duque de Atenas, foi ANGIOLO ACCIAIOLI, nascido em 1349, arcebispo de Florença, e cardeal de S. Lorenzo in Damaso, regente do reino de Nápoles e tutor do rei Ladislau. O túmulo do cardeal na *Certosa* possui uma pedra tombal esculpida por Donatello; morreu em 1409, durante o concílio em Pisa, depois de quase haver alcançado

¹Lapa Acciaioli, casada com Manente Buondelmonte, foi mãe de Maddalena Buondelmonte, casada com Leonardo I Tocco. Este teve a Guglielmo Tocco, pai de Carlo II Tocco, conde de Zante e duque de Leucate, que teve a Leonardo II Tocco, conde de Zante. Este foi o pai de Creusa Tocco, que se casou com Centurione Zaccaria, m. 1432, príncipe da Acaia. Sua filha Caterina Zaccaria, m. 1462, casou com Tomás Paleólogo, irmão de Constantino XI, último imperador de Bizâncio. Pais de Sofia (Zoé) Paleologina, m. 1503, casada com Ivan III, grão-príncipe de Moscou, pais de Vassili III, m. 1533, e avós de Ivan o Terrível.

²Mannino foi o pai de Donato Acciaioli, m. 1335, que de sua mulher Taggia di Vanni Biliotti teve a Jacopo Acciaioli, m. 1356. Casou-se com Bartolommea di Bindaccio Ricasoli, e teve por filhos entre outros a Donato, o duque Neri e o cardeal Angiolo.

o papado no conclave em que foi eleito Bonifácio IX. Mais *condottiero* que religioso, pode ter sido seu filho ilegítimo o humanista Jacopo d'Angelo da Scarperia, que escreveu sobre um grande cometa visto no início do século XV. Sobrinha-neta do cardeal foi LAUDOMIA ACCIAIOLI, mulher de Pierfrancesco de' Medici, bisavó do grão-duque Cosimo I de' Medici, e ancestral de todos os Bourbons que descendem de Marie de Médicis e de Henrique IV de França. Laudomia Acciaioli in Medici e seu filho Lorenzo foram protetores de Botticelli, e para este Lorenzo di Pierfrancesco de' Medici, Botticelli pintou a *Celebração da Primavera*; Laudomia era filha de Iacopo Acciaioli e de sua mulher Costanza de' Bardi, e neta de Donato (a que nos referimos no nº VII, abaixo), e de sua primeira mulher Onesta di Carlo Strozzi.

Finalmente, primo-irmão de Laudomia in Medici foi o grande DONATO ACCIAIOLI, nascido em 15 de Março de 1428 em Florença, e falecido em Milão, onde chefiava uma embaixada florentina a mando de seu amigo e parente o Magnífico Lorenzo de' Medici, em 28 de Agosto de 1478. Era filho de Neri Acciaioli e de Elena, filha do grande Palla Strozzi, e neto de Donato, irmão do cardeal Angiolo, e de sua segunda mulher Tecca di Gaggio de' Giacomini di Poggio Tebalducci. Humanista, traduziu as *Vidas* de Plutarco, às quais acrescentou uma biografia de Carlos Magno. Comentou também a *Física* de Aristóteles. Morreu pobre, e seus filhos foram entregues à tutela do Magnífico Lorenzo de' Medici, e educados às custas da república.

A um deles, ROBERTO ACCIAIOLI, amigo e protetor de Maquiavel, mas personagem sem caráter, † em 1547 octogenário, concedeu Luiz XII de França, junto a quem serviu como embaixador, um acrescentamento às suas armas, a flor-de-lis de ouro com uma coroa à antiga à volta da pétala central, tudo sobre a espádua do leão. Este acrescentamento frequentemente aparece nas armas dos Acciaiolis e Acciolis de Portugal e do Brasil, colaterais do ramo do embaixador Roberto.

Mais detalhes sobre estes personagens podem ser encontrados na genealogia de Litta [84], ou nos dois volumes do conde della Berardenga [123].

4. Loteringo Acciaioli, que segue;
4. Bartolo Acciaioli, um dos membros do primeiro governo guelfo, antes da derrota em Montaperti, em 1254;
4. Jacopo Acciaioli, talvez eclesiástico;
4. Giunta Acciaioli, que casou com Monpurcio de' Mandoli; e
4. Puccio Acciaioli. Esteve em Montaperti, em 1260, e em 1283 foi um dos priores, na recém-implantada república popular de Florença.

IV. LOTTERINGO ACCIAIOLI, apelidado *Tingo*, é citado em três documentos, segundo Litta. Num primeiro, anterior a Montaperti, em 1260, aparece

como um dos guelfos deputados de S. Pietro di Mercato. No segundo, em 1278, é um dos conselheiros da comuna a negociarem um contrato com alguns religiosos. Finalmente, em 1280, está entre os que assinam a paz negociada pelo cardeal Latino. Morreu depois de 1293. Casou-se com Bella di Guido *Malabocca* Mancini. Estes Mancini do *dugento* em Florença eram guelfos, e aparecem nos documentos que datam da primeira metade do século XIII. Participam ativamente do primeiro governo guelfo em Florença, antes de Montaperti, havendo sido indenizados com um total de 1000 libras pelos prejuízos sofridos durante o regime gibelino pós-1260. Guido Mancini, o *Malabocca*, é prior diversas vezes depois de 1280, e seus parentes Rosso e Lapo di Guidotto Mancini, atestados em cargos públicos em 1278, surgem pouco depois como titulares de uma casa bancária [111].

Pais de:

5. Dardanno Acciaioli. Seu nome, que é o do fundador de Troia, sugere que já em fins do século XIII os Acciaioli possuíam interesses na Grécia. Mas seu comércio principal se faz com a Tunísia, onde os florentinos já possuíam representantes e agentes desde 1252. Fez a riqueza do banco Acciaioli. Foi gonfaloneiro em 1307 e 1309, e prior em 1302, 1311, 1318, 1323, 1324 e 1334; † 1335, e foi sepultado em Santa Maria Novella. Casou-se com Tancia di Banco Rigaletti, c.g.;
5. Simone Acciaioli, que está documentado em 1278 e em 1280, na paz do cardeal Latino. Foi prior em 1286 e 1291; e
5. Leone Acciaioli, que segue.

Tingo teve um filho ilegítimo:

5. Vanni [Giovanni] Acciaioli, castelão de Vinci em 1339, de Montecarlo em 1351, e depois de Montemurlo.

V. LEONE ACCIAIOLI foi obscuro, embora o encontremos em 1311 entre os priores florentinos, e em 1313 numa expedição contra Pistoia. Não se sabe quem foi sua mulher. Teve os filhos:

6. Zanobi Acciaioli, que segue;
6. Simone Acciaioli, que foi um dos três capitães da liga de Chianti em 1334, depois enviado pelo governo de Florença para representá-lo em Pistoia. Em 1341 está entre os dezesseis gonfaloneiros de companhia. Testou em 1350 em favor do ramo do senescal Nicola Acciaioli, donde se supõe não tenha tido filhos; e
6. Alberto Acciaioli, sem mais notícias, religioso.

VI. ZANOBI ACCIAIOLI estava em 1342 entre os conselheiros da república, e foi naquele ano um dos homens públicos que decidiram enviar a Clemente VI uma embaixada, solicitando-lhe que mantivesse Ferrara sob o vicariato da casa d'Este.

Casou-se com Lena d'Uberto di Lando degli Albizzi. Os Albizzi, ou Albizi, eram comerciantes e industriais guelfos, e grandes fabricantes de panos e tecidos de lã. Lando degli Albizzi foi prior diversas vezes entre 1284 e 1299, e seu filho Uberto ou Berto esteve entre os cônsules da *Arte di Calimala* [111].

Pais de:

- 7. Michele Acciaiolis, que segue; e
- 7. Leone Acciaiolis, que foi prior em 1381 e em 1398, e capitão do povo em Pistoia em 1392. †18 de Junho de 1405.

VII. MICHELE ACCIAIOLI era um dos priores no ano de 1396 quando seu parente Donato Acciaiolis, barão de Cassano e del Castagno nos Abruzzi, riquíssimo comerciante e banqueiro, conspirou contra o governo de Florença. Evitou Michele que fosse Donato condenado à morte, mas ajudou a decretar seu exílio para o castelo familiar de Montegufoni, onde fez Donato construir uma torre semelhante à do Palazzo Vecchio em Florença, segundo se diz por sentir saudades da pátria.

Esteve Michele entre os priores ainda em 1402 e em 1409, quando foi *podestà* de San Gemignano, e prometeu ao governo de Florença manter o castelo-fortaleza de Montegufoni, pertencente aos Acciaiolis, sempre em obediência à república.

Casou-se com Lisa di Paolo di Cino de' Nobili. Pais de:

- 8. Zanobi Acciaiolis, que segue;
- 8. Simone Acciaiolis, prior em 1446. Litta erradamente o confunde com seu homônimo, três gerações abaixo, que irá para a Madeira;
- 8. Piera, e Angiolo Acciaiolis, sem mais notícias;
- 8. Lisa Acciaiolis, que em 1418 casou-se com Arnolfo di Tommaso Orlandi; e
- 8. Dardanno Acciaiolis, prior em 1422 e gonfaloneiro em 1438 e 1445. Corrupto e abertamente irreligioso, dele se conta que, solicitando-lhe uma viúva cuja filha era bela e atraente um direito que à mãe era devido pelo governo de Florença, concedeu-o quando a viúva saiu da sala do gonfaloneiro, deixando-o sozinho pelo tempo suficiente com a filha. Casou-se este Dardanno em 1433 com Elisabetta d'Albertuccio d'Antonio de' Fibindacci de' Ricasoli, c. g.

VIII. ZANOBI ACCIAIOLI, inimigo acérrimo dos Médicis, ao contrário de seus filhos e demais parentes, esteve em 1433 na *balía* que determinou o exílio de Cosimo de' Medici, *il Vecchio*. Foi prior em 1418 e 1430, e se casou com Lia Lapaccini. Tiveram os filhos:

- 9. Onofrio Acciaiolis, que esteve entre os priores em 1466, quando da conjura de Luca Pitti contra Pietro de' Medici, *il Gottoso*, mostrando aí sua fidelidade aos *palleschi*, membros do partido dos Médicis. Foi delegado (*vicarius*) dos florentinos em Pescia, e chegou a gonfaloneiro da república,

preposto do Magnífico Lorenzo de' Medici, em 1482; †1490. Casou-se em 1472 com Alessandra di Francesco Spinelli, e teve dois filhos, Bernardo e Zanobi, que em 1532 foram nomeados por Alessandro de' Medici, duque de Florença, senadores do novo ducado, após o fim do período republicano;

- 9. Lisa Acciaioli, casada com Simone Recoveri em 1454;
- 9. Benedetto, que segue;
- 9. Leone, que vivia em 1429;
- 9. Sandra Acciaioli, que se casou em 1452 com Pietro da Laterina;
- 9. Nanna Acciaioli, que em 1442 se casou com Giovanni Castellani;
- 9. Angela Acciaioli, mulher em 1446 de Angelo di Romeo Salvucci;
- 9. Dea Acciaioli, que se casou em 1456 com Bruno del Groppante; e
- 9. Michele, um dos dezesseis gonfaloneiros de companhia em 1452; em 1474 casou-se com Ginevra di Lancelotto da Lutiano.

IX. BENEDETTO ACCIAIOLI foi prior em 1470. Nomearam-no *podestà* de Civitella em 1488; † 1506.

Casou-se em 1475 com Nanna d'Ormanozzo Dati. Litta [84] dá o nome *Deti*, mas esta família é desconhecida, de modo que supomos ser *Dati* a forma correta. Trata-se de uma família “nova,” isto é, que só aparece no século XIV, com origens bastante modestas, mas que enriquece e assume uma posição de proeminência em Florença no século XV, quando Gregorio Dati é feito prior (em 1425) e, depois, gonfaloneiro (em 1429) [37]. O mesmo Gregorio Dati conta a história de sua família:

Sei de registros antigos que Dato e Piero di Bencivenni eram pequenos comerciantes com uma loja no *Ponte Vecchio* junto dos peixeiros; esta lojinha foi destruída na enchente de 1333. Parece que Dato teve vários filhos, dos quais o mais velho, Stagio, nasceu em 9 de Março de 1317. Sua mãe se chamava Monna Filippa. De acordo com os registros de Stagio, ele se casou com minha mãe, Monna Ghita, no ano de . . . , oferecendo-lhe um anel de noivado em 3 de Agosto e celebrando-se o casamento em 4 de Novembro.

Descobri que Stagio se associou a Vanni di Ser Lotto Castellani em primeiro de Janeiro de 1353, organizando-se a companhia com um capital de mil florins de ouro [...] Nasci em 15 de Abril de 1362 [...]

Dati é patronímico de *Dato*, por sua vez corruptela familiar de *Donato*. Só na terceira geração é que a família, como se vê, ganha uma posição respeitável em Florença, onde Gregorio Dati torna-se um poderoso mercador e banqueiro. Ormanozzo Dati pode ter sido um seu neto ou sobrinho-neto.

Pais, Nanna e Benedetto, de:

10. Dardanno Acciaioli, nascido em 6 de Dezembro de 1475, e †1528. Comerciante em Nápoles, empobreceu; casou-se com Costanza di Donato Cocchi em 1503, e teve um só filho, Benedetto Acciaioli, ainda comerciante em Nápoles;
10. Zanobi Acciaioli, que segue; e
10. Giambattista Acciaioli, † 1502.

X. ZANOBI ACCIAIOLI nasceu em 26 de Setembro de 1476. Casou-se com Ginevra Amadori, que podia ser sua parenta pelo lado dos Acciaioli, bisneta do casamento de Lucia Acciaioli, irmã dos duques de Atenas Neri II, † 1451, e Antonio II, † entre 1439 e 1451, e casada Lucia com Angelo di Niccolò Amadori.

Pais de:

XI. [SIMONE ACCIAIOLI], ancestral dos Acciaioli e Accioli no Brasil. Genealogistas do século XVII e XVIII, em Portugal, interessados em dar maior brilho aos Acciaioli da Madeira [79], confundiram (decerto propositadamente) o ramo de onde veio este Simone Acciaioli, a tal ponto que mesmo Litta se engana [84]. O resultado é a dúvida quanto à filiação de Simone Acciaioli. No entanto, notas à margem do título “Acciaioli” no *Nobiliário* de Noronha [100], e uma tabela genealógica recente, que está exposta na *Certosa*, em Florença, datada de 1952 [1], dão Zanobi di Benedetto como pai de Simone Acciaioli. É também este o Zanobi que aparece na data mais provável para surgir como pai de Simone, na genealogia de Litta, (que inclusive afirma ser Zanobi di Benedetto, *secondo alcuni*, o ancestral dos Acciaioli da Madeira).

O motivo da falsificação pode, no entanto, ser um fato mais específico. Em 11 de Janeiro de 1394, através de um ato co-promulgado pelo cardeal Angiolo Acciaioli, na qualidade de legado pontifício e bailio real na Acaia, Ladislau, rei de Nápoles concede formalmente a Neri Acciaioli o título de duque de Atenas. Em 12 de Janeiro, seguem-se letras patentes determinando que, à falta de sucessores, herdem o ducado os descendentes de Donato Acciaioli, irmão de Neri. A linha de sucessão no ducado passou, efetivamente, aos herdeiros de Francesco Acciaioli, filho natural do mesmo Donato Acciaioli, e nesta linha se extinguiu. Sendo [talvez] Simone Acciaioli descendente por sua mãe desta linha de Donato Acciaioli, o embaralhamento de sua ascendência pelos genealogistas portugueses do século XVII pode ter sua origem nas fantasiosas ambições ao ducado de Atenas, constantemente referido pelos que escrevem sobre esta família.

Creemos não haver dúvidas, mas a confusão feita pelos genealogistas áulicos faz com que assinalemos aqui esta questão. Uma discussão mais detalhada está em [52].

Simone Acciaioli passou, no segundo semestre de 1515, à ilha da Madeira, provavelmente devido ao desejo de expandir os interesses comerciais e financeiros de seu ramo da família, então em decadência. Trazia consigo uma certidão dos priores de Florença, cuja tradução está no *Nobiliário* de Noronha [100]:

Os Priores da Liberdade e das bandeiras da Justiça do povo de Florença, a todos e a cada um que estas nossas presentes letras patentes

virem, saúde. Para não perecer em parte alguma a nobreza que é virtude e resplendor da casta dos antepassados, e lhes é dada muitas vezes de todos por honra e galardão, fazemos saber a todos e testemunhamos fé das presentes letras nossas, as quais queremos tenham perpétuo vigor de verdade, como nessa cidade e república nossa: de tempo antiquíssimo para cá são os Acciaiolis gentil família, assim na cidade como fora dela, e na igreja de Deus floresceu em dignidades seculares, por muito tempo e em muita virtude e glória das coisas que fez, da qual família no decurso de seus antepassados em diversos tempos houve cardeais e bispos, e no reino de Nápoles, no tempo dos reis angevinos teve senescais, e agora também na Grécia alguns príncipes, e assim desta mesma casa nesta república e cidade nossa, muitos que tiveram a honra da cavalaria e de embaixadas em todo o mundo, e todos os insignes ofícios maiores que tiveram na república, os quais ainda agora, segundo as leis e costumes da nossa república, governam com muita fé e honra de Deus, e cada dia podem governar priorituras, decemviratos e a bandeira da Justiça, e qual honra é a maior de todas entre nós. E por esta causa faz com que os amemos mui principalmente, e enquanto lícito é, sejam outrossim de boa vontade autores de todos os bens, louvando juntamente a todos, e em particular a cada um, e encomendando-os aos estrangeiros. O qual fazemos agora por Simão, filho de Zenóbio, pelo qual com a mesma fé acima dita testemunhamos ser ele mesmo Acciaiolis da casta e família dos Acciaiolis, gerado de matrimônio legítimo e honroso, participante da nobreza e resplendor dos Acciaiolis, e na mesma maneira e ordem de ter as honras e todos os ofícios desta república entre nós, os quais seus antepassados tiveram, e nos será um grande contentamento que ele por tal seja tido em toda a parte, pela causa e assim também pela lealdade e virtude e merecimentos seus e de seus antepassados, recomendamos a todos nosso cidadão e nosso natural, por nós muito amado, rogando aos sereníssimos reis, príncipes, oficiais, juizes e a todas as gentes em todos os lugares, para nos fazerem mercê, tenham por bem defendê-lo em sua fazenda e proveitos, e acrescentar em honras, para que pela mercê que lhe fizerem sejamos todos para o tempo em grande obrigação et bene valete. De nosso Palácio, nos 14 de Julho de 1515. Sinais dos Gonfaloneiros e Priores.

Teria entre quinze e vinte anos quando chegou à Madeira. Precocidade? Nem tanto [74], desde que era comum crianças com menos de oito anos, na Florença do século XV, serem emancipadas para começarem a trabalhar nos negócios dos pais.

Justificou nobreza perante o dr. Braz Netto, desembargador do paço, e D. João III mandou que lhe fosse passada carta de brasão de armas, o que foi feito em 27 de Outubro de 1529 pelo bacharel Antonio Rodrigues, rei d'armas Portugal, no seguinte teor:

*De prata, com um leão de azul, armado e linguado de vermelho.
Elmo de prata, aberto e guarnecido de ouro; paquife de azul e prata,
e por timbre o leão do escudo.*

Estabeleceu-se Simone Acciaioli no Funchal, na rua que levou seu nome, *rua de Simão Achioli*, onde teve casas. Instituiu um morgadio com uma capela dedicada à Natividade de Nossa Senhora. Foi também fundador do capítulo velho do Convento de São Francisco no Funchal, e de Nossa Senhora da Piedade, onde foi enterrado. E lá jaz numa campa defronte do altar, junto com sua mulher.

Morreu Simone Acciaioli no Funchal, na ilha da Madeira, em 15 de Fevereiro de 1544. Fora casado com Maria Pimentel, filha de Pedro Rodrigues Pimentel, fidalgo nos livros d'El Rei de Portugal, dos Pimentéis de Torres Novas, e de sua mulher Izabel Ferreira Drummond. Era neta paterna de Rodrigo Pimentel e de sua mulher Catarina de Brito, e neta materna de Gaspar Gonçalves Ferreira e de Catarina Annes, filha esta de João Escócio e de sua mulher Branca Affonso. Como se sabe, era João Escócio irmão de Sir Walter Drummond, † 1445, senescal de Lennox, e filhos de Sir John Drummond, *laird* de Stobhall, também senescal de Lennox, juiz-mor da Escócia em 1391, † 1428, e de sua mulher Lady Elizabeth Sinclair, e era Sir John Drummond irmão de Annabella Drummond, rainha da Escócia, mulher de Roberto III [56] [57] [101]. Faleceu Maria Pimentel em 12 de Outubro de 1541.

(Os Drummonds que vieram para o Brasil descendiam por fêmea de todas as dinastias escocesas e da casa real da Noruega. Lady Elizabeth Sinclair, mulher de Sir John Drummond, era filha de Sir Henry Sinclair, † 1400, duque de Oldenburg pelo rei da Dinamarca e conde de Orkney pelo rei da Noruega, e de sua mulher Lady Egydia Douglas, filha ou de William *Black* Douglas, ou de seu irmão James, 2º conde de Douglas e Mar (c. 1358–1388), e de sua mulher Lady Isabella Stewart, filha do primeiro casamento de Robert II Stewart, rei da Escócia (n. 1316, † 1390, reinou desde 1371) com Lady Elizabeth Mure, † 1353. Acima de Robert II, como ascendentes e colaterais, há o grande Robert *the Bruce*, Duncan, e mesmo Macbeth. Para detalhes desta ascendência, veja-se [56] [115]. Por sua vez, era Sir Henry Sinclair filho de Sir William Sinclair of Rosslyn e de Isabel, filha de Malise, conde de Strathearn, † c. 1350, e de Florentine, filha de Cristiano I da Dinamarca.)

Pais de:

12. Francisco Acciaioli, falecido em 20 de Agosto de 1562. Casou-se com Catarina Rodrigues de Mondragão, falecida em 8 de Agosto de 1568, com um filho, Simão, que nasceu em Outubro de 1545 e morreu menino; e
12. Zenóbio Acciaioli, que segue.

Deixou Simone Acciaioli uma filha ilegítima,

12. Genebra Acciaioli, mulher de Pedro Folgado, com quem se casou na ilha da Madeira em 13 de Junho de 1539; criada em casa de seu pai com estimação de legítima, dela descendem os Acciaioli de Portugal [79], entre os quais

os condes de Avilez, os condes das Galvêas, os morgados das Chiólicas, Fonseca Acciaiolis e depois Acciaiolis de Sá Meneses, e muitos outros.

XII. ZENÓBIO ACCIAIOLI viveu na Madeira e sucedeu no morgadio após o falecimento de seu irmão. Foi cavaleiro do hábito de Cristo e fidalgo cavaleiro da casa real; faleceu em 20 de Maio de 1598, e está enterrado junto de seus pais e irmão, com sua mulher. Tem por epitáfio:

*Sepultura de Zenóbio Acciaiolis e sua mulher Maria de Vasconcellos,
e seus herdeiros, cuja é esta capela.*

Casou-se em 19 de Maio de 1562 com Maria de Vasconcellos, filha de Duarte Mendes de Vasconcellos, † 1554, e de sua mulher Joana Rodrigues Mondragão; neta paterna de Joane Mendes de Vasconcellos e de sua mulher Maria Lourenço de Miranda, e bisneta de Martim Mendes de Vasconcellos, o Velho, e de sua mulher Helena Gonçalves da Câmara, filha de João Gonçalves, o zarco ou zargo (isto é, aquele que tem olhos azuis), navegador a serviço do infante D. Henrique, e descobridor, com Tristão Vaz, da ilha da Madeira. João Gonçalves recebeu então um nome novo, *da Câmara de Lobos*, encurtado pelos seus descendentes em *da Câmara*, e foi nomeado capitão-donatário de parte da ilha em 1451 por D. Afonso V.

(Ao contrário do que dizem os nobiliários, a varonia dos Vasconcellos não vem dos reis godos; *basconçillo* é “pequeno basco,” e trabalhos mais recentes [86] sugerem que Martim Moniz, tronco dos Vasconcellos no século XII, descende de certo Fromarico Moniz, atestado no século XI, e filho provável de Munio ou Monio Viegas *Gasco*, tronco dos de Riba Douro; os de Riba Douro eram de óbvia origem basca, visível no apelido “gasco,” e nos nomes “Munio” (“Nuño,” no País Basco) e “Egas” (“Enneca,” ou “Iñigo”). A genealogia que Mattoso restaurou recentemente nos diz que Monio Viegas *Gasco* é atestado em 1015, e † 1022 na região do Riba Douro, sendo irmão do bispo do Porto D. Sisnando. Mattoso supõe que dele fosse filho Fromarico Moniz, atestado antes de 1071 na mesma região. Deste Fromarico seria filho Monio (ou Nonio, Nuño) Fromariques, atestado na mesma região, sempre, em 1087 e 1095. Casado com Elvira Gondesendes, teve—entre outros filhos—a Egas Moniz, atestado em 1095 e 1115, e marido de Dorotéia (“Dordia”) Osores, esta citada em documentos de 1106 e 1121, sendo já viúva neste último. De um dos filhos deste Egas, Monio Viegas (atestado em 1128 e 1134), supõe enfim Mattoso haja sido filho Martinho ou Martim Moniz, atestado no intervalo de 1140 a 1149, e casado com Ouroana Rodrigues. Este seria o “Martim Moniz” de quem descendem os Vasconcellos. Não teria, ao contrário da lenda, morrido no cerco de Lisboa, em 1147, no local que se conhece como *Porta de Martim Moniz*; aliás, nenhum documento de 1147, referente ao cerco de Lisboa, o cita, ou atesta a sua presença naquele evento.)

Esta é, com certeza, uma genealogia com dois nexos precários, a filiação de Fromarico Moniz e a deste último Martim Moniz. Mas está baseada nos documentos da época, e parece mais razoável que a tradicional, onde se faz Martim Moniz descendente de D. Fruela II, rei de Leão, a despeito do apelido de óbvia origem basca desta família.

Martim Moniz, tronco dos Vasconcellos, foi o pai de Pedro Martins *da Torre*, senhor da torre dos Vasconcellos, de quem se originam os deste apelido. Maria de Vasconcellos, mulher de Zenóbio Acciaioli, era sua 7^a neta na varonia. Os trabalhos de Mattoso [86] restauram realisticamente as origens tradicionalmente muito fantasiosas—na verdade, modestas—da nobreza portuguesa, e os esforços de medievalistas como Dietrich Claude têm desmitificado as antiquíssimas genealogias que os nobiliários portugueses e espanhóis fazem subir até os visigodos de antes da conquista moçárabe. Daquela época pouco sabemos com respeito às famílias da alta nobreza, mesmo as de estirpe real, o que nos faz jogar no lixo qualquer genealogia ibérica que se proponha anterior ao século IX [42]. (Para um exemplo autêntico, as genealogias do *Códice de Roda*, manuscrito que data do século X, e que atingem os fins do século VIII, na pessoa de certo Galindo *Belascotenes*, talvez Galindo *ibn Balaskut*, personagem navarro, Galindo, filho de Velasco, atestado em 781; veja-se [78].)

Morreu Maria de Vasconcellos em 24 de Setembro de 1621; deste casamento surgiu o crônico sobrenome duplo *Acciaioli de Vasconcellos*, ou *Accioli de Vasconcellos*, conservado até hoje. Tiveram os seguintes filhos:

13. Francisco Acciaioli de Vasconcellos, nascido em Agosto de 1563 e falecido em 26 de Março de 1648, na Madeira, onde viveu sempre. Casou-se em 25 de Abril de 1588, na ilha de Lançarote, com D. Joana de Rojas y Sandoval, filha de d. Hernando de Herrera Saavedra y Rojas, marquês de Lançarote e conde de Fuerteventura, e descendente dos duques de Gandia, Borgias, e do papa Alexandre VI. Faleceu D. Joana em 6 de Maio de 1623. Aparentemente toda a descendência deste casamento se extinguiu na segunda e terceira gerações:
 14. D. Gonçalo Acciaioli, que se casou em 1^o de Setembro de 1622 com Luiza Spinola, filha de Luiz Meirelles da Gamboa e de sua mulher Maria Spinola Adorno, falecendo Luiza em 11 de Novembro de 1629, e D. Gonçalo em 1^o de Dezembro de 1626, s. g.;
 14. D. Zenóbio Acciaioli, † moço em Janeiro de 1623, s. g.;
 14. D. Antonio Acciaioli de Rojas y Sandoval, que militou na Itália, sucedeu no morgado de seu pai e tentou, sem sucesso, herdar o título e as propriedades do marquês seu avô materno. Casou da primeira vez em 2 de Setembro de 1626 com Filipa de Souto Maior, s. g. Da segunda vez, em 24 de Junho de 1638, com sua prima Inês de Vasconcellos, filha de seu tio Simão, abaixo, s. g.;
 14. D. Cosme de Médicis, que teve este nome devido a seu parentesco aos Médicis. Viveu na Madeira, onde † de uma rocha que lhe esmagou a cabeça. Casou, s. g. Teve dois filhos bastardos, D. Manuel Acciaioli, que † solteiro, e D. Zenóbio Acciaioli de Médicis, que foi clérigo e estudou teologia em Coimbra;
 14. frei Bernardino Acciaioli, que teve o nome da avó materna, criou-se na casa do marquês seu avô, e foi frade franciscano;

14. D. Pedro Acciaioli, que † menino, D. Maria Acciaioli, † solteira em 30 de Abril de 1642, e D. Constança, que † solteira em 1643;
13. Simão Acciaioli de Vasconcellos, que segue;
13. João Baptista Acciaioli de Vasconcellos, nascido em Junho de 1576 e falecido em 29 de Abril de 1649. Cavaleiro do hábito de Cristo, casou-se duas vezes. Da primeira, com Anna de Affonseca, viúva de Joane Mendes de Miranda e filha do dr. Tomé Nunes de Gaula, falecida esta D. Anna em 1609. Casou-se em seguida, em 1625, com Fé Perestrello, filha de Diogo Perestrello Bisforte, donatário de Porto Santo.

Correspondeu-se João Baptista Acciaioli com o grão-duque da Toscana, seu parente distante, Cosimo II de' Medici, de quem recebeu uma carta em 1618, do seguinte teor [79]:

Muito magnífico cavaleiro, nosso muito amado, nós temos particular gosto em reconhecer nossos vassallos em qualquer lugar, principalmente aqueles que, havendo habitado longo tempo nas partes remotas, têm feito ações e portamentos honrados com grangeio de crédito e reputação. Pelo que tive contentamento da notícia que me destes de vossa pessoa, mas não eram já necessários para comigo testemunhos da família Acciaioli, porque somos bem informados de sua antiguidade e nobreza, e a temos entre as principais desta nossa cidade de Florença, e vos agradeço o devoto afeto que haveis mostrado com vossa obsequiosa carta, e vos oferecemos nossa benevolência e naquilo que vos prestar daqui queríamos que fizésseis cabedal de nós, porque vereis sempre amorosos afetos. E o senhor Deus vos conceda os maiores bens. De Florença, 8 de Abril de 1618.

Sem sucessão.

13. Gaspar Acciaioli de Vasconcellos, que segue no § 2;
13. Izabel de Vasconcellos, nascida em Fevereiro de 1580 e falecida em 20 de Abril de 1645; casada em 26 de Novembro de 1618 com André de Bettencourt de Freitas, s. g.;
13. Maria de Vasconcellos, que em 26 de Fevereiro de 1623 se casou com Mateus Favella de Vasconcellos, s. g.; e
13. Lourença de Vasconcellos, falecida em 9 de Junho de 1625, e que em 1612 casou-se com Gaspar de Béthencourt de Sá, também s. g.

XIII. SIMÃO ACCIAIOLI DE VASCONCELLOS estudou em Coimbra e viveu na Madeira, onde faleceu em 17 de Maio de 1644, estando sepultado junto a seus pais e avós. Casou em 10 de Abril de 1600 com sua parenta Isabel de Vasconcellos, filha de Fernão Favella de Vasconcellos e de sua terceira mulher Beatriz de Andrade. Tiveram descendência ampla, que persistiu na varonia até

o século XVIII, quando Antonfrancesco Acciaioli, marquês de Novi, convidou o herdeiro do ramo, Jacinto Acciaioli de Vasconcellos, a que passasse a Florença, para lá se casar com a filha herdeira do marquês, donna Marianna Acciaioli, o que ocorreu, em 24 de Julho de 1742.

Foram Simão Acciaioli e sua mulher Isabel de Vasconcellos os pais de:

14. Rafael Acciaioli de Vasconcellos, que foi despachado para o Brasil com o hábito de Cristo e tença, e que no Brasil morreu, s. g.;
14. Roque Acciaioli de Vasconcellos, que segue;
14. Inácio, e José, que †† meninos;
14. Inês de Vasconcellos, mulher de seu primo Antonio Acciaioli de Rojas y Sandoval, acima, s. g.;
14. Brites de Vasconcellos;
14. Vicência de Vasconcellos, que teve opinião e fama de santa;
14. Cristina (ou Crispina), Francisca, e Maria, que †† solteiras.

XIV. ROQUE ACCIAIOLI DE VASCONCELLOS nasceu em 21 de Agosto de 1618, foi batizado na Sé e † em 3 de Dezembro de 1694. Sucedeu no morgadio e casa de seus pais e avós, e casou-se com Sebastiana de Albuquerque, filha de Jacinto de Freitas da Silva e de Sebastiana de Albuquerque, sua mulher, falecendo a segunda Sebastiana em 18 de Abril de 1668, do puerpério de sua última filha.

Pais de:

15. Antonio, que † menino;
15. Jacinto Acciaioli de Vasconcellos, que segue;
15. Simão, que † menino;
15. Ana, e Francisca, igualmente;
15. Vicência Maria de Vasconcellos, que nasceu em 25 de Fevereiro de 1660, no dia de São Matias, e se casou com João de Béthancourt de Vasconcellos, c. g. (Depois de viúva fez-se freira no Funchal.)
15. Maria Acciaioli de Vasconcellos, nascida em Abril de 1661 e casada com Henrique de Freitas da Silva, c. g.;
15. Brites do Céu e Guiomar da Estrela, freiras no convento de Santa Clara no Funchal.

XV. O CAPITÃO JACINTO ACCIAIOLI DE VASCONCELLOS sucedeu na casa paterna, e faleceu no dia de Natal, 25 de Dezembro, de 1721; jaz com sua família no capítulo de São Francisco. Teve o prenome do avô materno, que irá

transmitir às gerações seguintes. Casou-se da primeira vez com Francisca da Velosa, filha herdeira de Inácio Teixeira Doria e de sua mulher Ana de Ornelas, falecendo a noiva em 6 de Dezembro de 1684 sem se consumar o matrimônio. Casou-se da segunda vez, em 7 de Agosto de 1689, com Guimar de Sá, filha de Diogo Afonso de Aguiar e de sua mulher Maria de Ornelas.

Pais de:

- 16. Antonio Acciaioli, que † em 22 de Janeiro de 1743;
- 16. Gaspar, † criança;
- 16. Jacinto Acciaioli de Vasconcellos, que segue;
- 16. Andreza Francisca Acciaioli de Sá, que em Novembro de 1717 casou-se com Pedro Nicolau de Béthancourt de Freitas, c. g.;
- 16. Isabel de Hungria, freira em Santa Clara;
- 16. Guimar Jacinta de Moura, que em 23 de Novembro de 1718 se casou com Antonio Correa Lomelino, c. g.; e
- 16. Maria, que † menina.

XVI. JACINTO ACCIAIOLI DE VASCONCELLOS nasceu em 5 de Setembro de 1693, sucedeu no morgadio da família e † em 5 de Setembro de 1763. Casou-se em 15 de Novembro de 1717 com sua cunhada (a troco, segundo os costumes do tempo), Mécia de Béthancourt de Freitas, nascida em 16 de Agosto de 1695 e † em 17 de Agosto de 1760, filha de João de Béthancourt de Freitas e de Ana de Vasconcellos Lomelino. Filhos,

- 17. Jacinto Manuel Acciaioli de Vasconcellos, que segue;
- 17. Roque João Acciaioli, que nasceu em 21 de Novembro de 1720;
- 17. Ana, † 31 de Março de 1744;
- 17. Pedro Acciaioli, nascido em 21 de Abril de 1726;
- 17. Mécia Francisca Acciaioli, que nasceu em 10 de Novembro de 1728, e se casou em 8 de Junho de 1745 com José Agostinho de Vasconcellos Correa, nascido em 5 de Maio de 1725 e † 28 de Dezembro de 1758, filho de Jorge Correa de Vasconcellos e de sua mulher e prima Isabel Maria de Vasconcellos (§ 4.1, 16). Pais de:
 - 18. Jorge Correa de Vasconcellos, nascido em 18 de Julho de 1747;
 - 18. Ana Maria, nascida em 16 de Julho de 1748;
 - 18. Maria Luiza, nascida em 25 de Maio de 1749;
 - 18. Luiz Correa Acciaioli, clérigo, herdeiro de seu tio Otaviano, abaixo;
 - 18. Isabel Maria, que nasceu em 2 de Setembro de 1751 e se casou com seu tio Manuel, abaixo;

- 18. Alexandre, nascido em 3 de Maio de 1753 e † criança;
 - 18. Filipe, nascido em 14 de Setembro de 1754; e
 - 18. Jacinto, nascido em 30 de Agosto de 1755.
- 17. João, frade franciscano, nascido em 16 de Junho de 1727;
- 17. Otaviano Acciaioli, nascido em 23 de Março de 1731, e falecido em 13 de Dezembro de 1811 [82];
- 17. Manuel Acciaioli de Vasconcellos, que nasceu em 2 de Março de 1734 e casou-se na Sé em 1783 com sua sobrinha Isabel Maria, acima; e
- 17. Antonio, que nasceu em 11 de Maio de 1735.

XVII. JACINTO MANUEL ACCIAIOLI DE VASCONCELLOS nasceu em 8 de Setembro de 1718 na Madeira, e faleceu em Florença em 1^o de Abril de 1781. Passou a Florença com vinte e três anos, e lá casou-se, em 24 de Junho de 1742, com Marianna Acciaioli Serlupi, nascida entre 1724 e 1727, filha primogênita do marquês Antonfrancesco Acciaioli Torriglioni d'Ancona, chefe da família, marquês de Novi e conde del Cassero, e de sua mulher Teresa Serlupi. Falecendo o marquês Antonfrancesco Acciaioli em 1^o de Março de 1760, sucedeu Jacinto nos bens e títulos do sogro, havendo sido marquês de Novi e conde del Cassero; em 1745 tomou assento na magistratura dos conservadores de Roma, e em 1767 foi nomeado camareiro do grão-duque da Toscana, já um Lorena.

Tiveram três filhos:

- 18. Nicola Diacinto Acciaioli, que segue;
- 18. Giulia, condessa Acciaioli, que se casou com Cesare Orazio Ricasoli, filho de Giovanfrancesco Ricasoli, c. g. até os dias de hoje na Inglaterra—estando ela e seus descendentes enterrados no piso do claustro da Certosa fundada pelo senescal Nicola Acciaioli no século XIV; e
- 18. Donato, † menino.

XVIII. NICOLA DIACINTO ACCIAIOLI DE VASCONCELLOS, marquês de Novi, etc., nasceu em Florença em 25 de Março de 1753. Pagem do grão-duque em 1767 e cavaleiro de San Stefano em 1771, casou-se em 1772 com Maria Francesca, filha de Lodovico Pannechieschi, marquês d'Elci, sendo ela dama de honra da corte toscana em 1773. Morrendo-lhe a mulher pouco após, sem filhos, desejou Nicola Diacinto seguir a carreira eclesiástica, tornando-se em 1787, em Roma, prelado doméstico papal, e em 1789 auditor (por Florença) junto à Rota. Segundo Litta, *cervello molto bizzarro, amante del bel sesso più che non conveniva*, fez-se um erudito, dono de imensa biblioteca, e faleceu em Veneza em 27 de Janeiro de 1834, com ele se extinguindo o ramo florentino da família Acciaioli na varonia.

2 Os Alcaides–Mores de Olinda

XIII. GASPAR ACCIAIOLI DE VASCONCELLOS, filho de Zenóbio Acciaioli no § 1, XII, nasceu em 1578 e casou com “sua parenta” (no dizer de Noronha e Lacerda Machado [79] [100], mas não no de Litta [84]) Ana Cavalcanti de Albuquerque, em 10 de Junho de 1618, em Pernambuco.

Ana Cavalcanti, † Março de 1674, era filha única de João Gomes de Mello e de sua mulher Margarida de Albuquerque, viúva de Cosme da Silveira; neta paterna de outro João Gomes de Mello, natural da Beira, e de sua mulher Ana de Holanda, filha de Arnau de Holanda (que *não* era sobrinho do papa Adriano VI, ao contrário do que dizem os nobiliários) e de Brites Mendes de Vasconcellos; neta materna de Filippo di Giovanni Cavalcanti, nascido em Florença em 1528 e radicado em Pernambuco após 1558, e de Catarina de Albuquerque, filha de Jerônimo de Albuquerque *o Torto* (ou *o Adão Pernambucano*) e da índia Maria do Arcoverde, *Muyrá-Ubi*. Aparentados em Florença, a relação exata entre o ramo da família Acciaioli que veio para o Brasil e os Cavalcantis do nordeste é ainda obscura.

Era cavaleiro do hábito de Cristo, que recebeu em 26 de Março de 1647. Gaspar Acciaioli voltou à Madeira ao fim de sua vida, e lá faleceu, muito idoso, em 4 de Maio de 1668. Tiveram os filhos:

14. Zenóbio Accioli de Vasconcellos, que segue;
14. João Baptista Accioli, que segue no § 4;
14. Miguel Accioli, falecido aos dez anos;
14. Gaspar Accioli de Vasconcellos, nascido no Brasil em Abril de 1631 e casado com sua parenta Mariana Cavalcanti, s. g.;
14. Francisco Cavalcanti, nascido em Outubro de 1635 e casado no Brasil, também s. g.;
14. Margarida, Maria, Maria Madalena, que morreram moças; e
14. Izabel de Vasconcellos, que nasceu em Setembro de 1633 e faleceu em 17 de Abril de 1719; sepultada no Carmo, em Pernambuco. Casou-se em 6 de Janeiro de 1662 com Felipe Gentil de Limoges, francês, falecido em 27 de Junho de 1683, e sepultado na Sé, em Pernambuco, s. g. Em 23 de Outubro de 1674 instituíram, Izabel e Felipe, um morgadio na ilha da Madeira, a ser herdado por seu sobrinho Zenóbio Accioli de Vasconcellos, abaixo, § 4.1, XV, o que ocorreu.

XIV. ZENÓBIO ACCIOLI DE VASCONCELLOS nasceu no Brasil, em Pernambuco, em 30 de Abril de 1619; † 1697. Sua biografia está em Pereira da Costa [106]; foi herói da guerra contra os holandeses, como seu irmão mais moço, João Baptista, tendo lutado nos combates dos Afogados e nas duas batalhas dos Guararapes; e esteve na capitulação da campina da Taborda, em 27 de Janeiro de 1654.

Foi comendador das ordens de S. Miguel da Ribeira de Diu e de Cristo, além de haver recebido a alcaidaria-mor da cidade de Olinda, que se tornou hereditária entre seus descendentes diretos até o século XVIII. Até 1681 era Zenóbio Accioli de Vasconcellos coronel de cavalaria das ordenanças; em 22 de Outubro de 1681, D. Pedro II concedeu-lhe a patente de mestre de campo do terço da guarnição da praça de Pernambuco, posto que conservou até sua morte em 1697.

Casou-se em Olinda com sua parenta Maria Pereira de Moura, em 1654 ou após, filha de Cosme Dias da Fonseca e de sua mulher Maria de Moura, filha esta de D. Filipe de Moura Rolim e de sua mulher Genebra Cavalcanti. D. Pedro II de Portugal deu-lhe o foro de fidalgo cavaleiro da casa real, pelos seus serviços, além do hábito de Cristo, como se disse. E como também se disse, dele descendem os Mouras Accioli, alcaides-mores de Olinda até inícios do século XVIII.

Pais de:

15. Filipe de Moura Accioli, que segue;
15. Mécia Accioli, mulher de Duarte de Albuquerque, filho de Jacinto de Freitas da Silva, madeirense, e de sua mulher Sebastiana de Albuquerque, que era neta de Jerônimo de Albuquerque, *o Torto*, e da portuguesa Filipa de Mello e São Payo. Tiveram um filho:
 16. Jacinto de Freitas Accioli de Albuquerque, casado duas vezes. Da primeira, com Isabel da Câmara de Albuquerque, filha do capitão-mor Afonso de Albuquerque Maranhão; da segunda vez com sua prima, abaixo, Rosa Maria Pereira de Moura, filha de Filipe de Moura Accioli, deixando descendentes na Madeira, mas sem o apelido *Accioli*.
15. Ana Maria Accioli, mulher do coronel Afonso de Albuquerque e Mello, filho do capitão-mor José de Sá e Albuquerque, s. g.

XV. FILIPE DE MOURA ACCIOLI viveu em Pernambuco. Foi vereador à câmara de Olinda em 1692, e eleito em 1703 para a função de juiz ordinário da mesma cidade, não tomou posse porque foi transformado o cargo no de juiz de fora. Foi feito fidalgo cavaleiro da casa real e alcaide-mor de Olinda, sucedendo ao pai, através de carta régia de 20 de Março de 1705, havendo tomado posse em Setembro do mesmo ano às mãos do governador Francisco de Castro Moraes. Lideraria o levante de 1710 contra os *mascates*, em lugar de Bernardo Vieira de Melo, o que não ocorreu porque † em 1710, antes de 10 de Outubro, quando começa a rebelião com o atentado contra o governador Castro Caldas. (Os conjurados pretendiam fazer de Filipe de Moura Accioli o governador da capitania, em lugar de Castro Caldas [38] [66].)

Do termo que assinou em 26 de Março de 1676 como irmão da Misericórdia consta que já era casado. Foi sua mulher Margarida Accioli, filha de seu tio João Baptista (§ 4, XIV). Pais de:

16. João Baptista Accioli de Moura. Segue.
16. Zenóbio Accioli de Vasconcellos, fidalgo cavaleiro da casa real e senhor do engenho *do Meio* de Ipojuca, onde vivia em 1761, já velho. Casou-se com sua prima Adriana de Almeida, filha de José de Barros Pimentel e de Maria Accioli (§ 5, XV), s. g.;
16. Francisco de Moura Rolim, de quem [supomos] descendem os Acciols do Ceará. Segue no § 3.
16. Rosa Maria Pereira de Moura, que se casou duas vezes. Da primeira com seu primo co-irmão Jacinto de Freitas Accioli de Albuquerque, acima, c. s. na ilha da Madeira, e da segunda com Simão Gonçalo Ribeiro, familiar do santo ofício e tenente-coronel da ordenança, por patente de 15 de Março de 1725, agora s. g.

16. Maria, sem mais notícia.

XVI. JOÃO BAPTISTA ACCIOLI DE MOURA achava-se, no dizer de Borges da Fonseca, “em idade avançada em 1761 no seu engenho *Itabatinga* de Ipojuca.” No entanto um documento precisamente de 1761 [72] cita aquele engenho como “onde se acha” (isto é, onde tem a posse) Luiz Filgueira de Menezes. Foi fidalgo cavaleiro da casa real e alcaide-mor da cidade de Olinda por carta régia de 21 de Janeiro de 1711, e por este cargo tomou homenagem às mãos do governador Félix José Machado de Mendonça Castro Eça e Vasconcellos em 6 de Junho de 1712.

Casou duas vezes. Da primeira, com sua prima Brites de Almeida, filha de José de Barros Pimentel e de Maria Accioli, no § 5, XV, e foram os pais de:

17. Filipe de Moura Accioli, já † em 1761, que casou com Adriana Teresa de Melo, filha de Francisco do Rego Barros, fidalgo cavaleiro da casa real, provedor e proprietário da real fazenda em Pernambuco, e de sua mulher Maria Manoela de Melo. S. g.;
17. João Baptista Accioli de Moura, que segue;
17. Simão Accioli de Vasconcellos e Antonio José de Moura, que viviam solteiros em 1761.
17. Inês Francisca de Moura, com descendentes na ilha da Madeira até hoje. Segue no § 2.1.
17. Margarida de Moura, que não casou; e
17. Luzia Francisca Accioli, mulher de Manuel Gomes de Melo, seu parente e concunhado, filho do provedor Francisco do Rego Barros e de Maria Manoela de Mello. Pais de:
18. Maria Accioli.

Casou-se João Baptista Accioli de Moura em segundas núpcias com Ana Carneiro de Mesquita, filha do capitão João Carneiro da Cunha, senhor do engenho *do Meio* da freguesia da Várzea, e de sua mulher e prima Ana Carneiro de Mesquita, como a filha. Pais de:

17. Joana Manoela de Moura, mulher de seu primo Alexandre Salgado de Castro Accioli, filho do capitão-mor João Salgado de Castro Accioli, senhor do engenho de *S. Paulo do Sibiró*, e de sua mulher Teresa de Jesus Maria. Têm, até hoje, descendência, mas nem sempre com o apelido *Accioli*. Um ramo que destes descendia voltou a Portugal, e eram, no século XVIII e inícios do XIX, os *Salgados Acciaiuolis*, senhores de Belmonte ([61], XI).

XVII. JOÃO BAPTISTA ACCIOLI DE MOURA sucedeu ao irmão Filipe nos direitos à alcaidaria-mor de Olinda. Foi fidalgo cavaleiro da casa real e capitão dos auxiliares do terço de Itamaracá. Casou-se com Teresa Micaela Pacheco de Faria, filha de Antonio Gomes Pacheco, cavaleiro da ordem de Cristo e capitão-mor do terço local de infantaria, e de sua mulher Maria Coelho de Revoredo. Pais de:

18. Brites, † menina;
18. Maria Luiza Francisca Xavier Accioli, que nasceu em 25 de Março de 1747 e casou depois de 1761;
18. Josefa Maria Inácia, nascida em 7 de Outubro de 1753, sendo afillhada de batismo do genealogista Borges da Fonseca († 1786); e
18. Luiza Margarida do Sacramento, nascida em 6 de Agosto de 1757, e noiva (em 1761) de seu primo José Jerônimo de Albuquerque Maranhão, filho do capitão Jerônimo de Albuquerque Maranhão e de sua mulher Luzia Margarida Coelho de Andrada.

Deste ramo certamente era descendente Luiz de Moura Accioli, que em 16 de Novembro de 1816 é nomeado, através de carta patente, para o posto de tenente-coronel do regimento de milícias dos nobres da Vila do Recife [92]. De modo que a família Moura Accioli não se esgotou no que nos informa Borges da Fonseca. Pereira da Costa ([105], 8, p. 66) dá seu nome por inteiro, Luiz de Moura Accioli de Miranda Henriques, e diz que em 1823 era este Luiz de Moura Accioli coronel comandante do batalhão de milícias dos nobres de Pernambuco. Sacramento Blake acrescenta haver nascido na Paraíba ou no Rio Grande do Norte. [Supomos fosse] neto de Francisco Xavier de Miranda Henriques, governador do Rio Grande do Norte em 1739, e filho ou de Maria Luiza ou de Josefa, acima; o prenome *Luiz* é tradicional na família dos Miranda Henriques. Não sabemos se este Luiz de Moura Accioli teve sucessão.

2.1 *De Volta à Madeira*

XVII. INÊS FRANCISCA DE MOURA, ou INÊS TERESA ACCIOLI DE MOURA, filha de João Baptista Accioli de Moura, alcaide-mor de Olinda, no § 2, XVI,

casou-se em 1729 com o dr. Lourenço de Freitas Ferraz de Noronha, natural da ilha da Madeira, onde nasceu na freguesia de Santo Antonio, filho de Manuel de Freitas Ferraz e de Domingas de Noronha, sua mulher; neto paterno de Antonio Ferraz e de Maria de Freitas; neto materno de Antonio Martins de Noronha e de Inácia Gonçalves, ou Lopes.

Foi o dr. Lourenço de Freitas Ferraz juiz de fora em Olinda em 6 de Abril de 1728, por carta régia de 13 de Novembro de 1727. Nomearam-no depois governador da Paraíba, e em seguida ouvidor-geral de Angola, onde faleceu.

Os descendentes deste casal, no século XIX, mudaram a grafia do nome da família para *Acciaiuoli*, que é a versão do apelido no dialeto romano.

Filho:

XVIII. FILIPE DE MOURA ACCIAIUOLI FERRAZ DE NORONHA (onde respeitamos, na grafia de seu nome, aquela usada pelos descendentes que teve), nascido em Angola e casado em S. Vicente, na Madeira, com Antonia Maria de Freitas e Andrade, filha do capitão Jo sé de Freitas e Mendonça e de sua mulher Antonia Spinola [88].

Pais de:

19. Filipe Joaquim Acciaiuoli, coronel, ajudante de ordens do general Valdez, pronunciado pela alçada em 1822, o que provocou sua fuga para fora da Madeira. Casou em 1771 com sua prima Ana Coleta de Freitas, filha do capitão Francisco de Abreu e Freitas e de sua mulher Ana Joaquina de Freitas e Mendonça, c. g.;
19. Jordão Acciaiuoli, solteiro;
19. João de Bucio Acciaiuoli, que se casou com Catarina . . . e deixou sucessão;
19. Ana Joaquina, † em Santa Ana (Madeira) em 1831. Casara em 1798 com o capitão-mor Joaquim Francisco de Oliveira, † 1839, s. g.;
19. Angélica, Maria Luiza e Carlota.

Os muitos descendentes deste ramo, radicados na Madeira e lá subsistindo até hoje, se acham descritos no livro de Meneses Vaz [88]. É possível que este ramo ainda tenha mantido contacto com o ramo brasileiro, notadamente os Acciaiuolis de Sergipe (§ 12), o que explicaria o momentâneo retorno, em alguns membros daquele ramo, à forma romana da grafia do nome familiar, adotada na Madeira e em Portugal.

3 *A Oligarquia Accioly no Ceará*

Antonio Pinto Nogueira Accioly, patriarca dos Acciolys no Ceará, nascido em 1840 e falecido no Rio em 1921, era, segundo Studart,

[Nascido] em Icó a 11 de Outubro de 1840, sendo seus progenitores o tenente-coronel José Pinto Nogueira e D. Antonia Pinto Nogueira.

([121], I, 118). Acrescente-se que os pais de Nogueira Accioly casaram em 1828, donde sua mãe ter nascido em torno de 1808. No volume III do *Diccionario*, à pág. 236, diz mais:

[Era Antonio Pinto Nogueira Accioly] neto, pelo lado materno, de José Pinto Coelho, português, negociante em Icó.

De onde lhe vinha, então, o nome *Accioly*? Segundo a família ([14], p. 19), era

Antonia Pinto Nogueira filha de Rosa Leonarda Accioly, de Goiana, em Pernambuco, de onde se transferira já viúva para Icó, devido a perseguições que moviam contra sua família.

Nertan Macedo ([85], 98) dá uma genealogia um pouco diferente, e contraditória:

Nasceu [Nogueira Accioly] em Icó [...] sendo seus pais José Pinto Nogueira e D. Antonia Pinto Nogueira, filha de José Pinto Coelho, português e negociante naquela cidade.

José Pinto Coelho foi filho de João Bento da Silva e Oliveira e de D. Rosa de Oliveira, da família Accioly, de Goiana, em Pernambuco, e neto pelo lado paterno de Bento da Silva e Oliveira, senhor do Brejo de Salamanca (Barbalha), e fundador, juntamente com João dos Santos Lopes, da igreja do Bonfim em Icó.

Pelo que conta Macedo, José Pinto Coelho não deveria ser português, já que seu avô e pai, aparentemente, viviam radicados no Brasil. Como conciliarmos tais informações?

Notamos, de início, que as origens de Nogueira Accioly eram, se não modestas, ao menos bastante obscuras: Studart, no apêndice ao 3º volume de seu *Diccionario*, apresenta genealogias bastante detalhadas para diversos personagens (num dos casos, falando de José Jucá de Queiroz Lima, chega-se aos quintos avós). É silencioso, no entanto, com respeito a Nogueira Accioly. E o problema, com certeza, não é uma eventual ilegitimidade num dos ascendentes de Accioly, desde que bastardos aparecem com bastante naturalidade no *Diccionario* de Studart. Note-se que não há, também, traço de qualquer destes pais, avós e bisavós de Nogueira Accioly, nos atos referentes à independência, seja no Ceará, seja em Pernambuco [21] [22], embora Studart dê a patente de tenente-coronel a seu pai. Como fazer sentido destas informações? Tentativamente restauramos a genealogia de Nogueira Accioly, à luz destas indicações, da seguinte forma:

1. *Pais*. Tenente Coronel José Pinto Nogueira e sua mulher Antonia [Accioly] Pinto Nogueira.
2. *Avós Maternos*. José Pinto Coelho, negociante português em Icó, e sua mulher Rosa Leonarda [Accioly].
3. *Pais de Rosa Leonarda*. João Bento da Silva e Oliveira, e sua mulher Rosa [Accioly] de Oliveira, de Goiana, em Pernambuco.

4. *Pai de João Bento*. Bento da Silva e Oliveira, português, co-fundador da igreja do Bonfim em Icó.

Icó foi fundada em fins do século XVII. Sua economia, de início baseada na pecuária, sofre imensa expansão na segunda metade do século XVIII com a introdução do cultivo do algodão, atraindo migrantes de Pernambuco. A capitania do Ceará é, enfim, separada da de Pernambuco pela carta régia de 17 de Janeiro de 1799. É portanto possível que membros empobrecidos de grandes famílias pernambucanas hajam migrado para a região de Icó, devido à expansão econômica. Studart registra diversos exemplos de tais migrações.

Falta estabelecermos quem seria *Rosa de Oliveira*, de Goiana. *Rosa* não é um prenome frequente, entre as descendentes de Gaspar Acciaioli. Se Antonia [Accioly] Pinto Coelho nasceu por volta de 1808 em Icó, sua avó materna Rosa de Oliveira teria nascido entre 1760 e 1770 em Pernambuco. Ora, precisamente em 1759 (ou, talvez, em 1760), nasce (em Olinda ou em Igarassú) Rosa, filha de Francisco de Moura Rolim, mestre de campo do terço de auxiliares de Igarassú, vila razoavelmente próxima a Goiana. Não há outra Rosa [Accioly] nesta época em local próximo a Goiana. Assim, e enfatizamos, tentativamente, propõe-se aqui a identificação de *Rosa de Oliveira* com esta Rosa [Accioly de Moura], nascida em 1759 e filha do mestre de campo e fidalgo cavaleiro da casa real Francisco [Accioli] de Moura Rolim. Assim sendo, teremos:

XVI. FRANCISCO DE MOURA ROLIM, filho de Filipe de Moura Accioli, no § 2, XV, já era falecido em 1777. Foi fidalgo cavaleiro da casa real, e serviu como mestre de campo do terço de auxiliares da Vila de Igarassú. Casou três vezes. Da primeira com Joana Carneiro da Cunha, filha de João Carneiro da Cunha, senhor do engenho *do Meio* da freguesia da Várzea, sem sucessão, como também não houve sucessão do seu segundo casamento, com Rosa Francisca de Barros, sua prima, filha de Maria Accioli e José de Barros Pimentel, no § 5, XV. Da terceira vez casou-se com Maria José da Silveira, filha de José Gomes da Silveira, capitão da ordenança da Vila do Recife, natural de Torres Novas, e de sua mulher Inês de Freitas Barbosa.

Pais de:

- 17. Francisco de Moura Rolim, que nasceu em 1749;
- 17. Rosa, que segue; e
- 17. Felipe de Moura Accioli Rolim, nascido em 1761.

XVII. ROSA ACCIOLI pelo que supomos será a ROSA ACCIOLY, ancestral dos Acciols do Ceará. Se for correta a identificação, terá esta Rosa Accioly casado com João Bento da Silva e Oliveira, filho de Bento da Silva e Oliveira, português, senhor do Brejo de Salamanca em Barbalho, e, junto com João dos Santos Lopes, fundador da igreja do Bonfim em Icó. Pais, Rosa [Accioly] de Oliveira e João Bento, de:

XVIII. ROSA LEONARDA DE OLIVEIRA [ACCIOLY], que se casou com José Pinto Coelho, negociante português, estabelecido em Icó [121]. Teria Rosa nascido entre 1780 e 1790, aproximadamente. Foi com certeza filha deste casamento:

XIX. ANTONIA PINTO COELHO [ACCIOLY], nascida por volta de 1808, e casada em 19 de Novembro de 1828 com José Pinto Nogueira, comerciante em Icó. Não usava o nome *Accioly*. Tiveram vários filhos, dos quais:

XX. ANTONIO PINTO NOGUEIRA ACCIOLY, que nasceu em Icó em 11 de Outubro de 1840. Ao que parece adotou o apelido *Accioly*, que lhe chegava das linhas femininas, e que estava quase esquecido, para se diferenciar de primo homônimo, Antonio Pinto Nogueira, que com Nogueira Accioly cursou quase ao mesmo tempo a faculdade do Recife.

Bacharel em direito pelo Recife em 1864 (onde era aguerrido e agressivo, e onde conflituou-se com a direção da faculdade durante seu curso de direito), foi de início promotor de justiça em Icó, logo depois em Saboeiro, e, enfim, juiz municipal em Baturité e Fortaleza. Membro do Partido Liberal e protegido (e em seguida, genro) do senador Pompeu, foi eleito deputado geral em 1880. Segundo colocado na lista tríplice para senador em Julho de 1889, junto com o barão de Ibiapaba e Tristão de Alencar Araripe (tiveram os três cerca de 4 mil votos cada), foi nomeado senador do Império através de carta imperial de 25 de Outubro de 1889. Não chegou a tomar posse, devido ao 15 de Novembro. Havia sido vice-presidente do Ceará em 1884; nomeado presidente do Espírito Santo ainda durante o Império, recusou a nomeação [109].

Depois do golpe de Deodoro, foi presidente do congresso estadual cearense, 1º vice-presidente republicano do estado, senador federal durante dois mandatos, e, enfim, presidente da convenção partidária que escolheu Rodrigues Alves como candidato à presidência, em 1902 [85]. Sobre sua passagem pela política cearense, citamos della Cava ([49], p. 126 e ss.):

No Ceará, os sustentáculos políticos do Império haviam sido comandados pelo antigo senador imperial, comendador Antonio Pinto Nogueira Accioly; em 1892, retomaram eles a direção do estado. Quatro anos mais tarde, sob a bandeira do Partido Republicano Conservador—Ceará (PRC-C), Accioly elegeu-se presidente do estado. Duas vezes reeleito (em 1904 e 1908), conseguiu dominar a máquina estadual e o PRC-C até 1912 (sem excetuar o período de 1900 a 1904, quando um testa-de-ferro assumiu a governança do estado).

Accioly dirigiu o interior do Ceará da mesma forma que o governo federal dirigia os estados. Deu, de bom grado, aos *coronéis* locais, ou chefes políticos, plenos poderes sobre o governo municipal, reconhecimento político, controle fiscal e distribuição dos favores e cargos estaduais e federais. Em troca, exigia apoio eleitoral e solidariedade partidária. Tal sistema, conhecido pelo nome de *coronelismo*, preconizava que o poder político no interior era uma prerrogativa tradi-

cional dos grandes proprietários rurais—os fazendeiros—fato esse que a queda da monarquia não chegou a alterar de forma radical. Incorporava, no entanto, as mudanças estruturais que a república havia introduzido: cada estado passava a assumir a responsabilidade em matéria de educação, serviços públicos, administração e solvência financeira própria. O município tornava-se, assim, o elo crítico nas malhas do governo; era ele a principal fonte de renda que o governo estadual utilizava para manter sua burocracia em expansão. Com o objetivo de assegurar a continuidade do pagamento do tributo legal, a oligarquia do estado recompensaria os chefes dos municípios tanto com empregos estaduais e federais e o poder de distribuir favores locais, quanto com a garantia de uma maior participação nas rendas municipais. Mais do que a mera perpetuação de rivalidades locais entre famílias ilustres, sedimentadas pelo tempo, foi esse aumento acentuado do poder e riqueza no âmbito local o que desencadeou, através dos sertões, as lutas violentas pelos governos municipais, nos primeiros decênios que se seguiram à proclamação da república.

Os adversários chamaram *Babaquara* a Nogueira Accioly. É termo com duplo sentido: *Babaquara* pode ser um iterativo de *baquara*, palavra tupi significando “homem de preparo, homem inteligente” [120]. Ou *babaquara* lembra *babaca*, outro termo tupi, agora chulo, “aquilo que se mexe, se revira; vulva” [120]. Nogueira Accioly fora senador federal em 1894, deputado federal em 1901, e de novo senador em 1903. Foi deposto da presidência do estado em 20 de Janeiro de 1912, num golpe apoiado em tumultos de rua e com o patrocínio do governo de Hermes da Fonseca. As residências dos Acciolys foram incendiadas, assim como a fábrica de tecidos que pertencia à família.

Embarcados às pressas para o Rio num navio alemão de peculiar nome, *Desterro*, os membros da família do presidente deposto, e ele próprio, foram em seguida transferidos para outro barco, agora do Lloyd, o *Pará*. Na escala em Natal, três bandidos de nome Clementino invadiram o *Pará*, e tentaram matar Nogueira Accioly. Procurando defender o pai, um de seus filhos, o *Acciolito*, Antonio Pinto Nogueira Accioly Filho, foi ferido gravemente a golpes de peixeira, vindo a morrer no porto de Salvador; seu enterro, com vaias e tumultos, motivou um protesto de Ruy Barbosa, num discurso com o título “O Cadáver Vaiado” [14].

Radicado no Rio, Nogueira Accioly faleceu em 14 de Abril de 1921, estando sepultado no cemitério de São João Baptista. Casara-se em 26 de Janeiro de 1867 com Maria Teresa Pompeu de Souza, nascida no Ceará em 1849, filha do senador padre Tomás Pompeu de Souza Brasil (1818, † 2 de setembro de 1877) e de sua *common-law wife* Felismina Carolina Filgueiras, aliás, segundo os retratos que dela ainda podemos ver, uma bela mulher. (Nascera Felismina Filgueiras, *Mãe Mina*, em 1827, e † em Fortaleza em 22 de Agosto de 1905.) Era o senador Pompeu filho de Tomás de Aquino de Sousa, e de sua mulher Geracina Isabel Pinto, de Santa Quitéria, no Ceará [85]. Chefe liberal durante o Império, foi nomeado senador em 1864 através de carta imperial [85]:

CARTA IMPERIAL nomeando o Padre Doutor Tomás Pompeu de Souza Brasil Senador do Império.

Tomás Pompeu de Souza Brasil. Eu, o Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil vos envio muito saudar.

Atendendo ao distinto merecimento, letras e mais requisitos que concorrem na vossa pessoa e usando da autoridade que Me compete: hei por bem nomear-vos Senador do Império.

E com este emprego haveis o subsídio estabelecido e gozareis de todas as honras, prerrogativas, autoridade, isenções e franquezas que, como tal, vos pertencem.

Escrita no Palácio do Rio de Janeiro em 9 de Janeiro de 1864, 43º ano da independência e do Império.

Imperador. Marquês de Olinda.

Foram Antonio Pinto Nogueira Accioly e Maria Teresa Pompeu de Souza os pais de:

21. Tomás Pompeu Pinto Accioly, que segue;
21. Olga Accioly, seguindo no § 3.3;
21. Branca Accioly, no § 3.4;
21. José Pompeu Pinto Accioly, no § 3.6;
21. Benjamin Pompeu Pinto Accioly (1874–1947), engenheiro e professor de matemática no Liceu de Fortaleza, no Ceará. Casou-se com Aline Coelho de Albuquerque, filha de José Pinto Coelho de Albuquerque e de sua mulher Josefa Osório, s. g. Adotaram três filhos. Deixou, no entanto, ilegítimo, este Benjamim, de uma serviçal de seu sítio em Morro Azul (RJ):
 22. Francisco da Costa Accioly.
21. Alice Accioly, nascida em 1877, e † . . . ; casou-se com José Francisco Jorge de Souza, médico em Fortaleza. Permaneceu no Ceará depois de 1912. S. g.
21. Antonio Pinto Nogueira Accioly Filho, no § 3.7; e
21. Hildebrando Pompeu Pinto Accioly, no § 3.8.

XXI. TOMÁS POMPEU PINTO ACCIOLY nasceu em Fortaleza em 30 de Julho de 1868, e † Rio em 8 de Fevereiro de 1941. Foi professor de literatura no Liceu em Fortaleza, deputado federal em várias legislaturas, e, enfim, senador.

Casou-se com Suzette Braunschweiler (n. 17.12.1871, † 4.7.1950), filha de Jacob Braunschweiler, de origem suíço-alemã. Pais de:

22. Leilah Accioly, mulher de Ronald de Carvalho, no § 3.1;

- 22. Thaís Braunschweiler Accioly, solteira, s. g.;
- 22. Antonio Accioly, que segue;
- 22. Tomás Accioly Filho, primeiramente casado com Neusa Amaral, e em segundas núpcias com Ester Campos. C. g. de ambos os casamentos.
- 22. Wanda Accioly, casada com Peregrino Júnior. Segue no § 3.2.

XXII. ANTONIO ACCIOLY casou-se em primeiras núpcias com Marina Pinto de Albuquerque, sua prima. Pais de:

- 23. Marília Isadora Accioly, casada com Manuel Faustino Teixeira de Oliveira, c. g.

Casou-se em segundas núpcias com Júlia Mendonça. Pais de:

- 23. Antonio José Accioly, nascido em 24 de Junho de 1945, doutor em física teórica e casado (em 20 de Dezembro de 1973) com Monica Monni. Pais de Clara Accioly, nascida em 4 de Dezembro de 1974.
- 23. Tomás Accioly;
- 23. Julio César Accioly, casado com Maria Emília Schwartz. Pai de Príamo e Alexander.
- 23. Maria Célia Accioly.

3.1

Ronald de Carvalho

XXII. LEILAH ACCIOLY, filha de Tomás Accioly, no § 3, XXI, casou-se com Ronald de Carvalho (1893–1935), filho do capitão-tenente Antonio Augusto de Carvalho e de sua mulher Alice Paula e Silva. Jornalista e poeta simbolista, começou sua carreira em 1910 com poemas e colaborações publicadas no *Diário de Notícias*. Sua obra mais interessante, no entanto, é um ensaio crítico, a *Pequena História da Literatura no Brasil*, de 1919.

Foi diplomata e político. Bacharel em direito pela que viria a ser a Faculdade Nacional de Direito, era secretário da presidência da república, em 1935, quando † num acidente de automóvel.

Leilah e Ronald de Carvalho tiveram os seguintes filhos:

- 23. Tomás Hildegard Accioly Ronald de Carvalho, que se casou com Wilma de Freitas, c. g.;
- 23. Fernando Haroldo Ronald de Carvalho, diplomata, casado com Adila . . . C. g.; e
- 23. Ronald de Carvalho Filho, casado duas vezes, c. g.

Como se sabe, Ronald de Carvalho é, hoje, nome de rua em Copacabana, no Rio de Janeiro.

3.2 *Peregrino Júnior*

XXII. WANDA ACCIOLY, filha de Tomás Accioly (§ 3, XXI), casou-se com João Peregrino da Rocha Fagundes Jr., natural do Rio Grande do Norte, onde nasceu em 1898. Ficou mais conhecido através do *nom de plume* Peregrino Júnior. Estudou, de início, em Belém do Pará, e antes dos vinte anos já havia iniciado a carreira de jornalista. Veio em 1920 para o Rio, onde concluiu o curso de medicina. Como médico, recebeu o prêmio da Sociedade de Medicina e Cirurgia em 1937–1938, sendo eleito para a Academia Nacional de Medicina e, depois, para a Academia Brasileira de Letras. Talvez seu melhor livro seja *Histórias da Amazônia*, de 1935.

Tiveram os filhos:

- 23. Fernanda Accioly Peregrino, casada com Everardo Espírito Santo, c. g.;
- 23. Helena Maria Accioly Peregrino, casada com Luiz Fernando Fontenelle Raposo, c. g.;
- 23. Wanda Heloisa Accioly Peregrino, casada com José Clemente Monteiro, c. g.; e
- 23. Isolda Accioly Peregrino, casada com João Roberto Leão Velloso, c. g.

3.3 *Francisco Sá*

XXI. OLGA POMPEU PINTO ACCIOLY, filha do comendador Nogueira Accioly, no § 3, XX, casou-se com Francisco Sá, nascido em 14 de Setembro de 1862 na fazenda do Brejo de Santo André, a 14 léguas de Grão Mogol, em Minas Gerais, e falecido em sua casa na av. Atlântica, no Rio, de um acidente, em 23 de Abril de 1936. Era filho de Francisco José de Sá e de Agostinha Josefina . . . , e neto de outro Francisco José de Sá. Engenheiro de minas pela Escola de Ouro Preto, casou-se com Olga Accioly em 1885. Especialista em ferrovias, dirigiu as estradas de ferro de Baturité e Mogiana; depois de casado, foi participar da administração da fábrica de tecidos dos Pompeus e Acciolys no Ceará, a *Pompeu & Irmão*. Foi, em Minas, depois do 15 de Novembro, secretário de agricultura (1893, presidência Afonso Pena), e de obras públicas (1894, presidência Bias Fortes). Deputado federal pelos liberais em 1897, chegou a ministro da viação e obras públicas no governo Nilo Peçanha, em 1910. Senador em 1911, foi adversário de Pinheiro Machado, devido à ação deste contra seu sogro no Ceará. Em 1922 volta ao ministério da viação, a convite de Artur Bernardes, aposentando-se após 1930, quando era senador.

Tiveram, Olga e Francisco Sá, os filhos:

- 22. Carlos Accioly de Sá, casado com Maria José de Sá Lessa. Médico sanitário, s. g.
- 22. Déa Accioly de Sá, casada com Francisco de Sá Lessa, engenheiro, diretor da cia. Vale do Rio Doce e depois prefeito do Rio, então capital federal. C. g.

- 22. Antonio Accioly de Sá, engenheiro, s. g.;
- 22. Francisco de Sá Filho, advogado. Foi deputado federal. Casou-se com Helena Morinos Pires Ferreira, c. g.;
- 22. Paulo Accioly de Sá, engenheiro, chefe de gabinete do pai no ministério, e depois diretor do INPM. Casou-se com Benvinda Tostes, c. g.;
- 22. Maria Alice Accioly de Sá, “Nanasinha,” casada com João Leopoldo Modesto Leal Filho, neto do conde Modesto Leal. C. g.;
- 22. José Pompeu Accioly de Sá, casado com Ormindia de Sá Lessa. Médico, c. g.;
- 22. Agostinho Accioly de Sá, engenheiro civil, nascido em Paris, casado com Maria Rosa Barbosa da Silva, c. g.; e
- 22. José Accioly de Sá, engenheiro e professor, casado com Weber Martins Ferreira, c. g.

Como seu sobrinho Ronald de Carvalho, Francisco Sá é também nome de rua em Copacabana.

3.4 *Raymundo Borges*

XXI. BRANCA POMPEU PINTO ACCIOLY nasceu em Fortaleza em 1872, filha do comendador Nogueira Accioly § 3, XX). Em 1896 casou-se com o militar Raymundo Borges, filho de Raymundo Antonio Borges, natural de Fortaleza. No posto de tenente, em 1910, foi nomeado comandante da força pública do Ceará, ainda no regime do sogro. Serviu em seguida no Paraná, em Santa Catarina, e, enfim, no Rio, onde dirigiu a fábrica de pólvora na Raiz da Serra até 1921. Chegou a general de exército, posto no qual se reformou em 1928.

Tiveram os filhos:

- 22. Raymundo Accioly Borges, casado com Heloisa Monteiro, c. g.;
- 22. Maria de Lourdes Accioly Borges, “Nenem,” casada com o médico Eliezer Monteiro Magalhães, c. g.;
- 22. Antonio Accioly Borges, reformado como marechal, casado duas vezes. Primeiro, com Zilda . . . ; pela segunda vez, com Amélia Moura. C. g. do primeiro casamento;
- 22. Nícia Accioly Borges, casada com o general Waldemar da Costa Seixas. C. g.;
- 22. Ninon Accioly Borges, que se casou com Philadelpho Leal. Desquitados, s. g.;
- 22. Tomás Pompeu Accioly Borges, engenheiro e economista, casado com Maria da Cruz, s. g.;

22. Alba Accioly Borges; e

22. Lavinia Accioly Borges, casada com Juracy Magalhães, no § 3.5.

3.5 *Juracy Magalhães*

XXII. LAVINIA ACCIOLY BORGES, filha de Branca Accioly e de Raymundo Borges, no § 3.4, XXI, casou-se com Juracy Montenegro Magalhães, natural de Fortaleza, Ceará, onde nasceu em 4 de Agosto de 1905, filho de Joaquim Magalhães e de Julia Montenegro. Cursou a Escola Militar do Realengo, tendo chegado na carreira militar a general de divisão em 1957, posto no qual se reformou. Participou como tenente do movimento de 30. Foi interventor federal na Bahia de 1931 a 1935, e, em seguida, elegeu-se governador do estado, renunciando em protesto ao golpe de 1937. Fundador da UDN, foi deputado federal de 1947 a 1951 por aquele partido. Presidiu a Vale do Rio Doce (1951–1953), e em seguida a Petrobrás (em 1954), de que foi o primeiro presidente. Elegeu-se para o senado em 1955, largando o mandato para assumir o governo da Bahia, reeleito que fora em 1958; exerceu a governança até 1963. Após o golpe de 64 foi embaixador nos E. U. A. (1964–1965), quando substituiu o liberal Milton Campos no ministério da justiça. Nesta função, leu pela tv o texto do ato institucional nº 2, em outubro de 1965; foi em seguida ministro das relações exteriores (1966–1967). Desde então foi-se aos poucos afastando da vida política.

Tiveram dois filhos, netos e bisnetos [14] [44].

3.6 *José Pompeu Pinto Accioly*

XXI. JOSÉ POMPEU PINTO ACCIOLY, filho do dr. Nogueira Accioly, no § 3, XX, nasceu em Fortaleza em 1873. Foi advogado, professor de direito, político, deputado federal. Casou-se com Tellina de Alencar, e teve uma filha:

XXII. YOLANDA DE ALENCAR ACCIOLY, que se casou com Sebastião Fragelli, engenheiro civil, construtor, c. g. ampla.

3.7 *O Acciolito*

XXI. ANTONIO PINTO NOGUEIRA ACCIOLY FILHO, filho do comendador Accioly, no § 3, XX, nasceu em 1880 em Fortaleza, e † em Salvador em 1912, depois de haver sido ferido a peixeira por três jagunços à cata de seu pai, em Natal, no navio em que vinham exilados para o Rio, depois de deposto o dr. Nogueira Accioly do governo do Ceará. Era bacharel em direito pelo Rio, havendo exercido de início a advocacia criminal, e, em seguida, sido nomeado diretor do Liceu do Ceará por seu pai.

Casou-se com Hermengarda Gemaque de Mello, filha do comendador João Gemaque Pereira de Mello, introdutor da criação de búfalos em Marajó. Tiveram os filhos:

- 22. Ivan de Mello Accioly, † criança;
- 22. Antonio, que segue; e
- 22. Maria Teresa Accioly, que se casou com Antonio Fragelli, filho de José e Teresa Fragelli, imigrantes italianos, radicados em Mato Grosso, c. g.

XXII. ANTONIO PINTO NOGUEIRA ACCIOLY NETTO, ou A. ACCIOLY NETTO, como costuma se assinar, nasceu em Fortaleza em 1906. Estudou no colégio Santo Inácio, no Rio, e no colégio Anchieta, em Nova Friburgo. Formou-se em medicina pela antiga Faculdade Nacional de Medicina; exerceu a medicina, mas suas paixões foram o jornalismo e a crítica teatral. Dirigiu as revistas *O Cruzeiro* e *O Cruzeiro Internacional* durante sua melhor fase, quando sua circulação semanal atingia um milhão de exemplares. Escreveu muitas peças para teatro, libretos para *ballets* e textos para teatro musicado de revista, como “O Teu Cabelo Não Nega,” “Feitiço da Vila,” “Zelão Boca Preta,” “Mister Samba,” e muitos outros, apresentados no *Golden Room* do Copacabana, na boate *Fred’s*, e na *Night and Day*.

Como pintor, fez cinco exposições individuais no Rio, tendo decorado com uma Via Sacra a capela do Morro do Pavãozinho no Rio.

Casou-se duas vezes. Da primeira, com Silvia Duarte Machado da Silva, s. g. Da segunda, com Alice Pereira de Figueiredo, filha de José Bento de Figueiredo e de sua mulher Adalgisa Pereira [14]. Pais de:

- 23. Antônio Luiz Accioly Netto, publicitário, casado em primeiras núpcias com Betânia Vital Brazil, c. g., e casado em segundas núpcias com Sheila Pimentel.
- 23. Maria Carmen Figueiredo Accioly, casada com João Manuel de Almeida Leite, divorciados. C. g.

3.8 *O Embaixador Hildebrando Accioly*

XXI. HILDEBRANDO POMPEU PINTO ACCIOLY, filho de Nogueira Accioly, no § 3, XX, nasceu em Fortaleza em 25 de Julho de 1888 e † no Rio em 1962. Bacharelou-se em direito pela faculdade de direito do Ceará em 1908. Entrando para a carreira diplomática em 1914, chegou a encarregado de negócios em Washington em 1934 e a ministro de primeira classe em 1936. Serviu como embaixador ao Vaticano (1939–1944), à ONU (1949–1952), à OEA (1950–1951), mas é melhor conhecido como especialista em direito internacional, campo no qual publicou uma série de livros-texto e tratados nos anos 50, enquanto servia como consultor jurídico do Itamaraty.

Casou-se com Olga Leite Barbosa, natural de Fortaleza, filha de Maximiano Leite Barbosa e de sua mulher Maria de Moura. Foi o fundador do Instituto Rio Branco.

Tiveram os filhos:

- 22. Maria Luiza Barbosa Accioly, casada com Armando Rocha de Souza, c. g.;
- 22. Renato Barbosa Accioly, engenheiro, na vida religiosa monge beneditino com o nome de D. Inácio Accioly, O. S. B.; e
- 22. Pompeu Barbosa Accioly, engenheiro, professor da antiga Escola Nacional de Engenharia. Casou-se com Yvonne de Souza. C. g.

4 *Accioli de Vasconcellos na Paraíba*

XIV. JOÃO BAPTISTA ACCIOLI, filho de Gaspar Acciaioli de Vasconcellos, no § 2, XIII, nasceu em Pernambuco, na freguesia de Santo Antonio do Cabo, em Abril de 1623, e consta haver falecido em 1677. Sentou praça para combater os holandeses em 1647, tendo lutado até a vitória de 1654. Vindo ele certa vez, durante a guerra, da ilha da Madeira, três fragatas holandesas renderam o navio que o trazia, e foi João Baptista feito prisioneiro e levado à praça do Recife, onde o puseram no calabouço. Fugiu pelo mar, nadando meia légua até o buraco de São Tiago. Lutou sob as ordens de Henrique Dias e esteve nas duas batalhas de Guararapes.

Na campanha contra os holandeses, passou de praça a capitão de infantaria, e depois, em tempo de paz, a capitão de cavalaria da freguesia do Cabo, por patente de 22 de Março de 1667. Feito sargento-mor da comarca de Pernambuco, faleceu nesta posição. Foi vereador de Olinda em 1652, e juiz ordinário em 1655, 1662 e 1667, e enfim fidalgo cavaleiro da casa real, em 23 de Março de 1669.

Casou-se, provavelmente em 1654, com sua parenta Maria de Mello, viúva de Kasper van't Nieuwhof van der Leij, o *Gaspar Wanderley*, e filha de Manuel Gomes de Mello e de sua mulher Adriana de Almeida Lins.

A imensa maioria dos que levam o nome Accioli, hoje, no Brasil, descende deste João Baptista Accioli. Foram seus filhos:

- 15. Zenóbio Acciaioli de Vasconcellos, que segue no § 4.1;
- 15. João Baptista Accioli, que se casou com Jerônima Lins, filha de Sibaldo Lins, senhor do engenho *Maranhão* de Porto Calvo, c. g.:
 - 16. Manoela Accioli Lins, que se casou com seu parente Rodrigo de Barros Pimentel, senhor do engenho *de Riba* da freguesia de Camaragibe, e filho de José de Barros Pimentel e de Maria Accioli, c. g.; no § 5, XV.
- 15. Gaspar Accioli de Vasconcellos, que segue;
- 15. Francisco Accioli de Vasconcellos, que se casou com Catarina de Mello Barreto, filha de João Paes de Mello, fidalgo cavaleiro da casa real, s. g.;

15. Antonio Accioli de Vasconcellos, que se casou duas vezes, com uma filha de Zacarias de Bulhões, e depois com Maria Cavalcanti, s. g.;
15. Miguel Accioli de Vasconcellos, que se casou na Paraíba com Maria Valcazar, filha de Manuel Nogueira de Carvalho, c. g.:
16. . . . , † menino;
16. Braz Accioli, que se casou com uma filha de Miguel Ribeiro, s. g.;
16. Maria de Mello, que se casou com Luiz Lobo;
16. Ana Accioli de Vasconcellos, mulher de seu primo Francisco Accioli de Vasconcellos, abaixo;
16. Manoela e Francisca, † † solteiras; e
16. Josefa, mulher de um filho de Miguel Ribeiro, senhor do engenho *Mossuípe*; e
15. Maria Accioli, que segue no § 5;
15. Francisca Accioli, que se casou duas vezes. Da primeira vez, com João Baptista Pereira, capitão de cavalaria nas guerras contra os holandeses, s. g. Da segunda, com o coronel Paulo do Amorim Salgado, senhor do engenho *São Paulo* do Sibiró, c. g. ampla. Passaram alguns destes Salgados Acciolis a Portugal no século XVIII, onde se tornaram nos *Salgados Acciaiuolis*, senhores de Belmonte no século XVIII e inícios do século XIX ([61], XI);
15. Anna Cavalcanti, mulher de Belchior Alves Camello, morgado das Alagoas e sargento-mor da comarca de Pernambuco, s. g.; e
15. Margarida Accioli, que se casou cerca de 1678 com seu primo co-irmão, filho de seu tio Zenóbio Accioli de Vasconcellos, Filipe de Moura Accioli, alcaide-mor de Olinda por carta régia de 20 de Março de 1705, falecido em 1710 antes do início da guerra dos mascates. Ver § 2, XV, e seguintes.

XV. GASPAR ACCIOLI DE VASCONCELLOS, alcaide-mor da Paraíba, e senhor do engenho *Santo André* da Paraíba, lá casou com Joana Fernandes César, filha bastarda de João Fernandes Vieira. Em 1732 era membro do senado da câmara da Paraíba, e em 5 de Setembro recebe carta régia “mandando estranhar severamente pelo ouvidor-geral, na casa da câmara, aos oficiais dela *Gaspar Achioly de Vasconcellos* e José Gonçalves de Medeiros, por não terem acompanhado o capitão-mor na sua ida a Cabedelo, como lhes ordenara o mencionado capitão-mor” [107].

Pais de:

16. João Fernandes Vieira, que foi comissário geral da cavalaria na Paraíba;
16. Antonio Accioli de Vasconcellos, que segue;

- 16. Luiz Gomes de Mello, que se casou com Teresa, filha de João Soares de Aguiar;
- 16. Francisco Accioli de Vasconcellos, que se casou com sua prima Ana Accioli de Vasconcellos, supra, filha de seu tio Miguel Accioli de Vasconcellos e de sua mulher Maria Jácome;
- 16. Matias de Mello Accioli;
- 16. Joana Baptista Accioli, 3ª mulher do sargento–mor João Ferreira Baptista, s. g.;
- 16. Maria Accioli de Mello, que se casou com João Bezerra da Silva Velez; e
- 16. Ana das Neves, solteira.

XVI. ANTONIO ACCIOLI DE VASCONCELLOS casou–se com Feliciano Vidal de Negreiros, de quem foi o terceiro marido, filha (bastarda ?) de Matias Vidal de Negreiros, fidalgo cavaleiro da casa real e cavaleiro da ordem de Cristo, e por sua vez filho bastardo de André Vidal de Negreiros, o comandante nas lutas contra os holandeses. Tiveram diversos filhos, entre os quais:

- 17. Maria Accioli, que se casou com Francisco Xavier da Gama, soldado na Paraíba que deu baixa em 1769 [e presumivelmente se casou depois], filho de Antonio Cosme da Gama e de Antonia Bandeira de Mello, sua mulher. Pais de:
 - 18. Francisco da Gama,
 - 18. João Baptista Accioli,
 - 18. Manoel de Mello,
 - 18. Antonio Cosme da Gama,
 - 18. José Bandeira de Mello, e
 - 18. Margarida da Gama.

Deste Antonio Accioli foi [certamente] neto *André Achioles e Vasconcellos*, que aparece em 1817 entre os que naquele ano se revoltaram, na Paraíba, junto com os pernambucanos. Era André Accioli de Vasconcellos “segundo sargento de infantaria de tropa de linha na Paraíba, natural das margens do Jaguaribe, comarca do Ceará e morador na capital [Paraíba]. Contava 36 anos (nascera em 1783) quando foi interrogado no processo feito aos revolucionários de 1817, em 18 de Fevereiro de 1819. Esteve à frente da revolução, e por ela foi parar nos cárceres da Bahia até 1821” [7] [107]. (Seria neto de Antonio Accioli devido ao prenome *André*, que repete o do ascendente ilustre, André Vidal de Negreiros.) Em meados do segundo império, Belarmino Accioli de Vasconcellos, sargento de linha, pobre e cheio de filhos, residindo no Ceará, apela ao governo central por ajuda [10]. Também pertenceria a este ramo, como, enfim, o maconheiro Ariará Márcio Accioli de Vasconcellos, † 1975 numa revolta de presidiários no Rio.

Creemos que pertenciam também a este ramo dos alcaides–mores da Paraíba os filhos do cel. Tomás de Aquino Pinto Bandeira e de sua mulher Maria Rita Accioli de Vasconcellos, o historiador Antonio Vitruvio Pinto Bandeira e Accioli de Vasconcellos, nascido como seu irmão (abaixo citado) em Ipojuca, em Pernambuco, em 1827, e † no Recife em 1904, e o poeta *Francisco Cismontano*, isto é, Francisco do Brasil Pinto Bandeira e Accioli de Vasconcellos (1849–1882), falecido no Recife. Foram ambos fundadores do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco. Para suas biografias, vejam-se [116] [124].

4.1 *Condes de Carvalhal, de Porto Santo, de Rezende, de Seisal, de Torre Bela, e Visconde da Ribeira Brava*

XV. ZENÓBIO ACCIAIOLI DE VASCONCELLOS, filho de Gaspar Acciaioli de Vasconcellos (§ 4, XIV), nasceu em Março de 1655 e faleceu em 3 de Agosto de 1708. Foi criança para a ilha da Madeira, para herdar o morgadio instituído por seus tios paternos, Izabel e Filipe Gentil, em 1674, e na ilha casou em S. Pedro, em 25 de Maio de 1683, com D. Mariana de Sá e Meneses, filha de D. Francisco de Béthencourt e Sá. Teve ampla descendência, que em parte voltou ao Brasil, e participou de sua história: o intendente Câmara, Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt e Sá, e seu irmão, o inconfidente José de Sá Bittencourt Accioli.

Em 25 de Maio de 1683 casou-se, como ficou dito, com D. Mariana de Sá e Meneses, filha de dom Francisco de Béthancourt e Sá e de sua mulher D. Joana de Meneses. Morreu D. Mariana de parto em 1688.

Foram os pais de três filhas:

16. Izabel Maria de Vasconcellos Delphin, que nasceu em Outubro de 1686 e se casou em 18 de Janeiro de 1699 com seu primo Jorge Correa de Vasconcellos, nascido em Outubro de 1680 e † em 23 de Março de 1741, filho de João de Béthencourt de Vasconcellos e de sua mulher Vicência Maria Acciaioli de Vasconcellos, filha esta de Roque Acciaioli de Vasconcellos (§ 1, XIV). C. g. até hoje. (Ver § 1, 17.)

Deste casal foi filha Antonia Maria de Sá Acciaioli de Vasconcellos, nascida em Junho de 1707, e que se casou com Francisco Aurélio da Câmara Leme, filho de Pedro Julio da Câmara Leme e de sua mulher Mariana de Meneses. Tiveram dois filhos, Francisco Antonio da Câmara Acciaioli Leme, fidalgo cavaleiro da casa real, e Isabel Maria de Sá Acciaioli, que nasceu em 1741 e † 1814 na Madeira, tendo sido casada com João de Carvalhal Esmeraldo Atouguia e Câmara, 12º morgado de Ponta Delgada. O filho destes, João José Xavier de Carvalhal Esmeraldo Bettencourt Sá Acciaioli Machado da Câmara Leme (1778–1837) foi feito por D. Maria II, em 1835, conde de Carvalhal. O título passou em seguida à casa dos condes de Rezende, que o representam hoje em dia ([20] [61], XII, p. 396).

Outra das filhas de Isabel Maria de Vasconcellos e Jorge Correa foi Isabel Rita Acciaioli de Vasconcellos, nascida em 28 de Setembro de 1719, e casada com seu primo Henrique João Correa Henriques (1715–1741),

filho de Antonio Correa Bettencourt Henriques e de sua mulher e prima Antonia Joana Francisca Henriques de Noronha. Tiveram, entre outros, o filho Antonio João Correa Henriques, nascido em 1737 e casado em 1761 com Ana Rosa de Vilhena Carvalhal Esmeraldo. Foi destes filho Fernando Correa Henriques de Noronha Brandão, moço fidalgo da casa real, embaixador em Estocolmo e Berlim, e, enfim, primeiro visconde da Torre Bela. A terceira viscondessa, Filomena Gabriela Correa Brandão Henriques de Noronha, e seu marido, Russell Manners Gordon, foram agraciados com o título de condes de Torre Bela.

Antonio João Correa Henriques teve ainda um filho natural, José Anselmo Correa Henriques, pai de José Maurício Correa Henriques, primeiro barão, visconde e depois conde de Seisal, com representação até hoje ([20], [61], XII, p. 585).

16. Inácia Micaela de Sá Meneses de Vasconcellos, que se casou com seu parente João de Freitas da Silva, em 30 de Julho de 1707, nascido em 2 de Fevereiro de 1684 e † em 9 de Dezembro de 1748, na Madeira, filho de Henrique de Freitas da Silva e de sua mulher Maria Acciaioli de Vasconcellos, filha esta de Roque Acciaioli de Vasconcellos (§ 1, XIV). C. g. Sua filha Isabel Antonia de Bettencourt, nascida c. 1718, [pelo que supomos], é a *Isabel de Bettencourt* que em Portugal se casou com o capitão João Ferreira dos Santos. Tiveram diversos filhos, entre os quais Francisca Antonia Xavier de Bettencourt e Sá, que se casou com Bernardino Rodrigues Cardoso, filho de Domingos Rodrigues e de Luiza Maria. Pais de José de Sá Bittencourt Accioli, nascido em Caeté, nas Minas Gerais, em 1755, e † no mesmo local em 28 de Fevereiro de 1828. Bacharel em ciências naturais pela Universidade de Coimbra, coronel de milícias, começava a estabelecer as indústrias de fundição de ferro em Minas quando se envolveu na conjuração do Tiradentes. Foi preso na Bahia, e perseguido, e liberado após a intervenção de uma tia rica—e das duas arrobas de ouro que esta pagou pela sua liberdade. Foi o pai da indústria de mineração e beneficiamento de minério no Brasil. De sua filha Maria, casada com Sylvanus Earp, descende a família *Sá Earp*, do atual Estado do Rio de Janeiro.

Era irmão deste José de Sá Bittencourt Accioli o dr. Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt e Sá, o *intendente Câmara*, nascido em Serro Frio, Minas Gerais, e † na Bahia em 1835. C. g.

16. Antonia Basília, que segue.

XVI. ANTONIA BASÍLIA ACCIAIOLI DE VASCONCELLOS nasceu em 1688, e casou por sua vontade em 17 de Janeiro de 1720, com Diogo Villela Béthancourt, filho mais velho de João de Béthancourt Villela e de sua mulher Catarina da Silveira.

Tiveram quatro filhos:

17. Diogo João Béthancourt Villela, nascido em 17 de Outubro de 1720 e casado em 24 de Setembro de 1742 com Rosa Jacinta Esmeraldo Henriques,

c. g.;

17. Antonio Agostinho, franciscano, † 30 de Agosto de 1749;
17. Antonia Genoveva, † Junho de 1736; e
17. Ana Margarida Béthancourt Villela Acciaioli de Vasconcellos, que se casou com D. Sancho Gaspar de Brito Leal de Herédia, nascido em 5 de Outubro de 1721, e filho herdeiro de D. Sancho Bernardo de Herédia e de sua mulher D. Francisca Maria de Meneses. Tiveram diversos filhos, entre os quais D. José de Brito Leal de Herédia, que casou com sua parenta D. Antonia Esmeraldo Villella (n. 1745), e foram os pais de D. Antonia de Herédia, condessa de Porto Santo pelo seu casamento com D. Antonio de Saldanha da Gama, conde de Porto Santo, s. g. Outra filha foi D. Francisca de Herédia, casada com seu primo co-irmão Francisco Moniz Herédia de Aragão e Melo; destes foi filho Francisco Correia Herédia de Aragão e Melo, cujo neto na varonia, outro Francisco Correia de Herédia, recebeu em 4 de Maio de 1871, por mercê de D. Luiz I, o título de visconde da Ribeira Brava. Detalhes da descendência estão em [20].

5 *Barros Pimentais e Acciolis*

XV. MARIA ACCIOLI, filha de João Baptista Accioli, no § 4, XIV, nasceu depois de 1655, já que seu irmão primogênito nascera em Março de 1655. Em 23 de Fevereiro de 1668 o cabido da Bahia concedeu-lhe dispensa apostólica para se casar com seu parente José de Barros Pimentel, filho de Rodrigo de Barros Pimentel, o velho, e de sua mulher Jerônima de Almeida Lins; neto paterno de Antonio de Barros Pimentel, que teria desembarcado “de calções de veludo e chapins,” foragido da justiça, em Pernambuco, onde se casou com Maria de Holanda, filha de Arnau de Holanda; neto materno de Balthazar de Almeida Botelho e de sua mulher Brites Lins, filha esta de Christoph Linz von Dorndorf, nascido em Dorndorf por volta de 1529, e de Adriana de Holanda.

Sobre a ascendência de Antonio de Barros Pimentel, surpreendentemente ilustre, conhece-se alguma coisa. Se interpretamos corretamente uma observação feita por Felgueiras Gayo ([64], p. 147), era Antonio de Barros Pimentel filho de . . . de Barros, que foi um dos dois maridos de Joana Pimentel. Esta era filha de Pedro da Rocha Pimentel, fidalgo da casa real nascido em 1505, e administrador do morgadio de Semelhe, que lhe foi tirado por sentença judicial em 1546, e um dos fundadores do convento das religiosas de São Bento de Vianna, onde viveu; foi mulher do dito Pedro, Cecilia Rodrigues Bezerra. E era Pedro da Rocha Pimentel filho de João Rodrigues Pimentel, irmão de Rodrigo Pimentel, avô de Maria Pimentel (XI, supra), e de sua mulher D. Joana da Rocha, filha bastarda de D. Gomes da Rocha, bispo de Trípoli e comendatário de Pombeiro em 1482; e João Pimentel era por sua vez filho de Diogo Gonçalves Pimentel, ainda menor de idade em 1417, e depois casado com Briolanja Leitão, morgado de Semelhe, e neto paterno de Gonçalo Anes Pimentel, morgado de

Semelhe, que teve o regüengo de Monsaraz em 1372 por mercê de D. Fernando o *Formoso*, e de sua mulher D. Constança Afonso de Aragão da Silva, filha de D. Afonso de Aragão e neta de D. Pedro de Aragão, irmão bastardo da rainha Santa Isabel de Aragão, de modo que Santa Isabel, rainha de Portugal, e D. Diniz o Lavrador, eram tios avoengos de Antonio de Barros Pimentel, se damos crédito a Felgueiras Gayo. Note-se que as datas e a sucessão de gerações apresentam adequada consistência, assim como a localização geográfica dos ancestrais dos Barros Pimentéis, que coincide com o que está em Borges da Fonseca.

Teria quando de seu casamento esta Maria Accioli entre 12 e 13 anos de idade. Casamentos assim precoces não eram no entanto incomuns no Brasil colonial; Gilberto Freyre discute-os em detalhe ([69], p. 349 e notas).

Rodrigo de Barros Pimentel estabeleceu-se em Alagoas no início mesmo do povoamento da região, povoamento este que teve três centros: Porto Calvo, a região da Vila das Alagoas, e a região do rio São Francisco, em torno de Penedo. Porto Calvo cresceu em torno da sesmaria dos Lins, cuja história já se detalha; a região central foi povoada em torno de sesmeiros de possível origem judaica, enquanto que Penedo pertencia desde o século XVI aos Rocha Dantas, conhecidos como *senhores do São Francisco*.

Cristóvão Lins era na verdade Christoph, bastardo dos Linz von Dorndorf, e pertencia a uma família de burgueses de Augsburg que pode ser traçada até certo Heinrich der Lynzer, atestado em fins do século XIII. Os Linz compraram no século XV o feudo de Dorndorf, e foram então nobilitados. Christoph e seu primo (legítimo) Sebald Linz von Dorndorf, o *Cibaldo Lins*, vieram para o Brasil no século XVI. Christoph Linz, o *Cristóvão Lins*, ao que parece chefou uma bandeira que penetrou no sertão norte do que viria a ser a região das Alagoas entre 1575 e 1585. Logo em seguida fundou, na região de Porto Calvo, cinco engenhos, dos quais conhecemos o nome de apenas dois, o *Escurial*, em Porto Calvo, e o *Buenos Ayres*, em Camaragibe. Cristóvão Lins casou-se com Adriana de Holanda, e teve, entre outros filhos, a Brites Lins, mulher de Baltazar de Almeida Botelho, de quem era filha Jerônima de Almeida, mulher de Rodrigo de Barros Pimentel.

É a seguinte a ascendência dos Lins de Pernambuco:

1. *Heinrich Linz*, irmão de *Albrecht Linz*, era—eram, ambos, pelo que se supõe—bisnetos de certo *Heinrich der Lynser*, “Henrique, o natural de Linz,” que aparece registrado como cidadão de Ulm em 1296, com negócios em Ulm, Augsburg, e até em Veneza e Gênova.

O segundo Heinrich Linz, *caput* deste, aparece como negociante em 1350 em Eßlingen, e até em Frankfurt. Fixado como o avoengo em Ulm, dele há notícias ainda no período que vai de 1389 a 1404. Seu filho é:

2. *Albrecht Linz* [II], pai de:
3. *Johann Linz*, ou *Hans Linz*, irmão de *Ulrich Linz*, cidadão de Überlingen, com descendentes, e *Heinrich Linz* [III]. Junto com seus irmãos, Hans Linz recebe, em 2 de Dezembro de 1430, carta de brasão de armas concedida por Sigismundo de Luxemburgo-Boêmia: “de vermelho, com uma faixa de

azul cosida do campo, carregada de três estrelas de seis pontas de Por timbre, uma capela de penas de pavão entre dois probócides faxados de vermelho e azul de três peças, carregada cada peça de uma estrela de cinco pontas de” Pai, Hans Linz, de:

4. *Konrad Linz*, cidadão de Ulm, onde foi juiz em 1488, provedor—preboste—do hospital local entre 1490 e 1497, e conselheiro municipal em 1497, quando faleceu. Recebeu dos condes de Montfort o senhorio de Dorndorf, na Suábia, passando a chamar-se *Konrad Linz von Dorndorf*. Teve um filho único:
 - (a) *Konrad Linz von Dorndorf*, que junto com os irmãos recebe em 25 de Setembro de 1550 carta de brasão dada pelo imperador, além do título de “nobres do império romano.” C.g. na Alemanha.
 - (b) *Hans Linz*, convertido ao protestantismo, c.g.
 - (c) *Euphrosyne Linz* (9.1.1500–16.6.1554), casada duas vezes: da primeira, com Gallus Bengel, n. em Ulm; da segunda, com Adriaan Marsilius, n. em Antuérpia e † em Ulm em 1585. Casaram-se em 1538, e deles descende Friedrich Wilhelm von Schelling.
 - (d) *Hannah Linz*, † após 1599, e casada com . . . Benslin.
 - (e) *Sebald Linz von Dorndorf*, gêmeo com o que se segue. Nn. em 7.12.1508 em Ulm, morrendo-lhe do parto a mãe. † muito velho em Lisboa ou em Setúbal c. 1597. Fixou-se em Lisboa em 1552, onde casou em 1553 com Jácoma Mendes. Tem um filho bastardo: *Christoph Linz*, que é o ascendente destes *Barros Pimentéis*, havido em Ulm de uma camponesa solteira. C.g. legítima também.
 - (f) *Bartholommäus Linz*, pai de *Sebald Linz*, “Cibaldo Linz,” que também se fixa, como o primo Cristóvão, em Pernambuco.

Sabe-se que em 1600 Cristóvão Lins já era alcaide-mor de Porto Calvo, função (e dignidade) que passará a seu bisneto José de Barros Pimentel em meados do século após as guerras holandesas. Em 1608 o mesmo Lins concede a Rodrigo de Barros Pimentel, marido de sua neta Jerônima de Almeida, uma vasta sesmaria em Porto Calvo:

Cristóvão Lins, alcaide-mor e repartidor das terras do distrito da povoação de Santo Antonio dos Quatro Rios do Porto Calvo . . . dou e faço doação deste dia para todo e sempre em nome do dito senhor [Duarte de Albuquerque Coelho, governador de Pernambuco]

a Rodrigo de Barros Pimentel, meu sobrinho, de uma sorte de terras que está vaga em Tatuamunha, que parte pelo norte no riacho das Lages, no sítio Goitizeiro, e olhos d'água, com uma légua de terra que vendi a Antonio Machado de Vasconcellos, donde o entereis.

[Segue-se mais uma descrição da área doada.]

... dou e doo ao dito Rodrigo de Barros Pimentel, livre e isenta, sem foro e nem pensão alguma, somente dízimos a Deus, com todos os seus matos, pastos, águas, lenhas, mangues e pesqueiras, assim do rio como da costa do mar, em sua confrontação, tudo a ele pertencente, a qual terra ali confrontada lhe dou por respeito de ser um dos primeiros que no povoar deste Porto Calvo me acompanhou sempre, e ter metido nas ditas terras gado e criações, e feito casas, e assistir com a sua pessoa e escravos na dita terra...

Atualizamos a linguagem e cortamos parte do documento; a íntegra se acha em [50]. Rodrigo de Barros Pimentel era sobrinho por afinidade de Cristóvão Lins, por ser filho de uma irmã da mulher do Lins.

José de Barros Pimentel, filho de Rodrigo, sucedeu a seu pai no senhorio do engenho *do Morro* de Porto Calvo, e foi capitão-mor da Vila Formosa de Porto Calvo, por patente do governador, confirmada em Lisboa em 10 de Agosto de 1695. Morreu antes de (mas próximo a, e talvez mesmo em) 1709 [50].

Tiveram os filhos:

16. José de Barros Pimentel, o moço, que segue;
16. João Baptista Accioly, “Janjão da Capiana,” senhor do engenho *Capiana*, em Porto Calvo. Casou-se com Maria Wanderley, filha de Manuel Gomes Wanderley, c. g. no § 6;
16. Rodrigo de Barros Pimentel, sr. do engenho *de Riba* da freguesia de Camaragibe, em Porto Calvo, casado com Manoela Accioly Lins, sua prima, c. g.;
16. Zenóbio Accioly de Vasconcellos, que morreu solteiro;
16. Francisco de Barros Pimentel, que segue no § 7;
16. Jerônima de Almeida, que se casou com José Gomes de Mello, senhor do engenho *do Trapiche* do Cabo de Santo Agostinho, c. g.;
16. Rosa Francisca de Barros, casada duas vezes. Da primeira, com Felipe de Bulhões da Cunha, mestre de campo do terço de auxiliares de Igarapu, e da segunda com seu primo Francisco de Moura Rolim, s. g. de ambos;
16. Brites Maria de Barros, primeira mulher de João Baptista Accioly de Moura, alcaide-mor de Olinda, no § 2, XVI, c. g.;
16. Inês de Almeida, casada com João Lins de Vasconcellos, senhor do engenho *do Meio* de Camaragibe. C. g. no § 5.1; e

16. Adriana Francisca de Barros Pimentel, que ainda vivia em 1761, idosa, em Ipojuca, mulher de Zenóbio Accioli de Vasconcellos, seu primo, no § 2, 16, s. g.

XVI. JOSÉ DE BARROS PIMENTEL, O MOÇO, senhor do engenho *do Morro*, foi coronel do regimento volante de Porto Calvo, e capitão-mor da Vila Formosa de Porto Calvo, tendo † c. 1758. Coube-lhe prender, em 1711, Bernardo Vieira de Mello, líder da revolta contra os *mascates* do Recife, sendo este Barros Pimentel partidário do governo central e de Castro Caldas, cujas ordens executava naquela ocasião.

Casou-se duas vezes. Da primeira vez com Maria de Barros Pimentel, sua prima, filha do capitão-mor Cristóvão da Rocha Barbosa e de sua mulher Maria de Barros Pimentel, c. g.:

17. Cristóvão Lins, que casou com Teodósia de Mendonça Filgueira, filha do sargento-mor Tomás Fernandes Caldas, natural do Minho, e de sua mulher Catarina Filgueira de Mendonça. Aparentemente, s. g.;
17. José de Barros Pimentel, sacerdote do hábito de S. Pedro. Muito rico, testou em 1787, sendo senhor de engenho, proprietário de alfaias, gado e escravos “de raras raças,” vindos da Guiné e de Angola [28];
17. Francisco Xavier de Barros Pimentel, que casou com Isabel Manelli, filha de Vasco Marinho Falcão e de sua mulher Rosa Manelli. C. g. numerosa;
17. Rosa Maria de Almeida, que casou com Bartolomeu Lins, filho de João Maurício Wanderley e de sua mulher Maria da Rocha, c. g.;
17. Josefa de Barros Pimentel, e
17. Inácia Ferreira Lins, solteiras.

Da segunda, com outra parenta, Izabel de Almeida Wanderley, filha de João Maurício Wanderley, supracitado, e viúva do sargento-mor Antonio da Rocha Barbosa. Igualmente c. g.:

17. Cosme Damião Pimentel, que casou na Vila das Alagoas com Maria Josefa Fernandes, filha de Vasco Marinho Falcão e de Rosa Manelli, s. g.;
17. Luiz, † menino;
17. João Maurício Wanderley, que casou em 1759 com Ângela da Costa Nogueira, filha do capitão Antonio da Costa Nogueira, familiar do santo ofício e morador no Cabo;
17. Sebastião Lins Wanderley, que em 1757 casou-se com Maria de Barros Wanderley, sua prima, filha de Sebastião Lins e de Inácia Vitória, com dois filhos até 1761:
18. Manuel de Barros Pimentel, e

- 18. Inácio Francisco; e
- 17. Engrácia Maria Wanderley, casada com Fernão Pereira Rego, filho de outro de mesmo nome e de Inês de Barros Pimentel, de quem foi o segundo marido, c. g.;
- 17. Teresa de Almeida Wanderley,
- 17. Maria,
- 17. Isabel, e
- 17. Ana, solteiras.

5.1 *Lins e Vasconcellos*

XVI. INÊS DE ALMEIDA PIMENTEL, filha de José de Barros Pimentel e de Maria Accioli (§ 5, XV), casou-se com João Lins de Vasconcellos, filho de André da Rocha Falcão e de sua mulher Adriana da Rocha, e neto paterno de André da Rocha Dantas, que lutou nas guerras holandesas, cavaleiro da ordem de Cristo, e de sua mulher Maria de Sousa, filha de Vasco Marinho Falcão, minhoto e fidalgo, de velha e nobre mas obscura ascendência em Portugal. A família Rocha Dantas estava radicada na região de Penedo, em Alagoas, desde fins do século XVI, possuidores de grandes sesmarias na margem alagoana do rio São Francisco, onde exerciam um poder *de facto* de polícia, combatendo índios e negros quilombolas, e protegendo viajantes que atravessavam as suas terras.

Era João Lins de Vasconcellos capitão de cavalaria. Em 1709, fazendo-se a partilha dos bens do sogro Barros Pimentel, recebeu o engenho *do Meio* ([50], p. 30) como herança através de sua mulher.

Pais de:

- 17. João Lins de Vasconcellos, o moço, sargento-mor de cavalaria de Porto Calvo, e senhor do engenho *do Meio*, solteiro, s. g.
- 17. Francisca Josefa Teresa Lins, que segue;
- 17. Ana Maria José, solteira em 1761; e
- 17. Maria Margarida Teresa, que se casou com seu primo Manuel de Chaves Caldas, no § 7, 17, c. g. até hoje, inclusive com o apelido *Accioli*.

XVII. FRANCISCA JOSEFA TERESA LINS sucedeu ao irmão na posse do engenho *do Meio*. Casou-se com o coronel José de Paiva e Sousa, natural de Almada em Portugal. Seu irmão Manuel de Paiva Reis assinou, em 11 de Abril de 1717, termo na qualidade de irmão da misericórdia de Olinda, onde se diz serem José e Manuel filhos de Manuel de Paiva, cavaleiro da ordem de S. Bento de Aviz, e de sua mulher Francisca dos Reis, e neto paterno de Antonio de Paiva e de sua mulher Teresa de Jesus.

Pais de:

- 18. João Francisco, † menino;
- 18. João Francisco, pároco da freguesia de Santo Antonio Merim;
- 18. José de Paiva e Sousa, frade franciscano;
- 18. Carlos José Accioly Lins, solteiro em 1761;
- 18. Pedro Leão, I, II e III, †† meninos;
- 18. Inácio Manuel Accioly;
- 18. Joaquim José Lins de Paiva, ou Joaquim José de Santana Lins,
- 18. Antonio José Accioly Pimentel, “de pouca idade” em 1761. Deste se sabe que era meeiro do engenho *do Meio* no terceiro quartel do século XVIII, com seu irmão Joaquim José supra, ambos com a patente de capitão. Em 1797 o mesmo engenho foi leiloado devido a ordem do ouvidor José de Mendonça de Matos Moreira, que reformando sentença do juiz ordinário de Porto Calvo, fez entregar à igreja o engenho *do Meio*. Arrematou-o, na hasta, Inês Teresa Caetana de Paiva, abaixo, pela renda de 150 arrobas de açúcar traçado, pagas anualmente na casa de purgar. Seu fiador foi o mesmo Antonio José Accioly, que agora (em 1797) surge como proprietário do engenho *Carrilho* [50].
- 18. Brites de Almeida,
- 18. Mariana Francisca Lins,
- 18. Helena de Almeida,
- 18. Inês Teresa Caetana de Paiva, que vivia em 1797, supra referida, e
- 18. Leonor Clara Eugênia Lins.

6 *Acciolys Lins, os Barões de Goicana, Granito e Rio Formoso*

XVI. JOÃO BAPTISTA ACCIOLY, filho de D. Maria Accioli, no § 5, XV, foi senhor do engenho *da Capiana* em Porto Calvo, e era conhecido como *Janjão da Capiana*. Casou com Maria Wanderley, filha de Manuel Gomes Wanderley e de sua mulher Mécia de Barros.

Pais de:

- 17. Francisco Botelho Pimentel, † antes de 1761, e casado clandestinamente com sua prima Jerônima Vitoriana Wanderley, filha de Gonçalo da Rocha Wanderley, capitão-mor de Porto Calvo em 1761, e de sua primeira mulher Inês de Barros Pimentel, c. g.;

17. José de Barros Pimentel, casado com Maria José da Rocha, filha de Antonio da Rocha Barbosa, primeiro marido de Isabel de Almeida Wanderley, c. g.; e

17. Inácia Vitória de Barros Wanderley, que segue.

XVII. INÁCIA VITÓRIA DE BARROS WANDERLEY levou como dote ao marido o engenho *da Capiana* em Porto Calvo. Casou-se com Sebastião Lins, filho de Cristóvão Lins, *o gentil-homem*, senhor do engenho *Maranhão*, em Porto Calvo, e de sua mulher Adriana Wanderley, e neto paterno de Cristóvão Lins, o moço, e de sua mulher e prima Brites de Barros Pimentel, sendo filho este último Cristóvão do primeiro Cristóvão Lins, povoador de Porto Calvo, na verdade Christoph Linz von Dorndorf, bastardo dos Linz von Dorndorf.

Pais de:

18. João Nepomuceno Lins, que casou com Ana Luzia de Barros Pimentel, sua prima, c. g.;

18. Miguel Accioly Lins, que casou com sua prima Feliciano de Barros Wanderley, c. g. (A este ramo pertencem Sebastião Lins Wanderley, *o do Rosário*, e seu sobrinho Sebastião Wanderley Chaves, senhores de engenho da região de Serinhaem, citados como arquétipos dos Wanderleys por Carlos Xavier [103].)

18. Maria de Barros Wanderley, que casou com Sebastião Lins Wanderley, seu primo, filho de José de Barros Pimentel, o moço, supra, e de Isabel d'Almeida, c. g.;

18. Adriana de Almeida, que segue;

18. Maria Accioly, que casou com Francisco Caetano da Silva e Mello, filho de Antonio da Silva e Mello, senhor do engenho *do Anjo* de Serinhaem, e mestre de campo do terço de auxiliares da mesma vila, e de sua mulher Sebastiana da Rocha Lins, c. g. no n^o 19, abaixo; e

18. Antonia de Barros Pimentel, que casou com Cristóvão de Barros Pimentel, seu primo, c. g.

XVIII. ADRIANA DE ALMEIDA ou ADRIANA DE ALMEIDA WANDERLEY ACCIOLY LINS casou-se duas vezes. Da primeira, com Antonio da Silva e Mello, senhor do engenho *do Anjo* de Serinhaem, e mestre de campo do terço de auxiliares da mesma vila de Serinhaem, filho do coronel Cristóvão da Rocha Wanderley e de sua mulher Feliciano de Mello da Silva.

Pais de:

19. Antonio Domingues Baptista Accioly, que se casou com uma filha de seu padraсто Antonio Luiz da Cunha, e de sua primeira mulher;

19. Feliciano, e Inácia, que †† meninas;

19. Inácia;
19. Francisco Caetano da Silva e Mello, que se casou com sua tia Maria Accioly, supra, nº 18, c. g.:
- 20. João de Barros,
 - 20. Gonçalo Lins,
 - 20. Gertrudes, e Antonia.

Da segunda vez, casou-se com o capitão Antonio Luiz da Cunha, natural de Camaragibe, onde foi batizado a 23 de Março de 1722, filho de Sebastião Correa da Silva e neto paterno de Antonio Alves da Silva, cavaleiro da ordem de Cristo e senhor do engenho *Lucena* de Porto Calvo, e de sua mulher Ana Maria Gomes.

Casaram-se Antonio Luiz da Cunha e Adriana de Almeida em 18 de Março de 1757. Pais de:

- 19. Sebastião Lins; e
- 19. Ana Francisca Accioly Lins, que segue.

XIX. ANA FRANCISCA ACCIOLY LINS nasceu em Porto Calvo, onde foi batizada em 15 de Setembro de 1761. Casou-se em 13 de Agosto de 1778 com Antonio Franco da Silveira, batizado em Serinhaem no dia 15 de Fevereiro de 1751, filho de Manuel de Barros Wanderley e de Ana Cavalcanti de Mello.

Pais de:

- 20. Sebastião Antonio Accioly Lins, que segue; e
- 20. João Baptista Accioly Lins, batizado em Porto Calvo em 22 de Setembro de 1784, capitão de tropa de segunda linha, morador no engenho *Goicana*. Casou-se com Inês de Barros Wanderley, sua parenta. Foram [pelo que supomos] os pais de:
 - 21. Antonio Franco da Silveira Lins, n. c. 1810, e casado com Francisca Josefina Buarque. Pais de:
 - 22. Antonio Franco da Silveira Junior,
 - 22. Belínio Justiniano Accioly Lins, avô materno do lexicógrafo Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira, e
 - 22. Josefina Accioly Lins, c. g. de apelido *Buarque de Hollanda*.

XX. SEBASTIÃO ANTONIO ACCIOLY LINS era tenente de tropa de segunda linha. Casou-se com Joana Francisca de Albuquerque Lins, filha do capitão Antonio Teixeira Peixoto e de sua mulher Francisca Lins de Albuquerque.

Pais de:

- 21. Sebastião Antonio Accioly Lins, que segue:
 - 21. Prisciano de Barros Accioly Lins, batizado em 14 de Outubro de 1830, senhor do engenho *Tinoco*. Recebeu, em 18 de Janeiro de 1882 o título de barão do Rio Formoso. Recusou o título e declarou-se republicano;

21. Maria Francisca Accioly Lins, que se casou com José Manuel de Barros Wanderley, filho de Cristóvão da Rocha de Barros Wanderley e de sua mulher e prima Feliciano Inácia Accioly. Pais de:
- 22. Francisco de Paula Wanderley Lins, *Chico das Coelhas*, senhor do engenho *Coelhas*;
 - 22. Manuel de Barros Wanderley;
 - 22. Joana de Barros Wanderley, casada com Antonio Emílio Soares de Abreu;
 - 22. Sebastião Antonio Accioly Lins Wanderley, *Tãozinho do Camaragibe*, senhor do engenho *Camaragibe*. Casou-se com Gertrudes da Rocha Lins. Deles foi filho:
 - 23. Adolfo Accioly Wanderley, que se casou com Amália de Oliveira Lima, natural de Pernambuco. C. g. ampla.
 - 22. Presciliano de Barros Wanderley, major de tropa de segunda linha;
 - 22. José Manuel de Barros Wanderley, nascido em 28 de Agosto de 1842 e † 22 de Setembro de 1909, magistrado e agricultor, e deputado provincial em Pernambuco em diversas legislaturas. Feito barão de Granito em 25 de Março de 1888. C. g. ampla de sua mulher e parenta Maria da Conceição de Barros Wanderley (1857–1910), filha de Manuel Mesquita de Barros Wanderley. Sua descendência chega à atualidade; e
 - 22. Feliciano Inácia Accioly Lins, que se casou com seu tio, abaixo, o barão de Goicana.

XXI. SEBASTIÃO ANTONIO ACCIOLY LINS foi batizado na capela do engenho *Palma*, em Serinhaem, no dia 2 de Março de 1829. Bacharel em direito pela faculdade do Recife, recebeu em 18 de Janeiro de 1882 o título de barão de Goicana, em referência ao engenho *Goicana*, pertencente à família.

Dele conta Marcus Accioly [15] a seguinte cena, quando de sua morte: estava o barão no leito de morte, cercado pela família e pela criadagem do engenho, quando mandou buscar “sua mucama favorita.” Veio uma mulata jovem, sensual e requebrante. Disse à moça o barão, sempre deitado na cama, “se aproxime, minha filha.” A mucama chegou junto da cama. “Levante a saia, minha filha.” A mulher levantou a saia; nada por baixo. O barão esticou o braço e com a mão direita, acariciou-a entre as pernas, nos pelos do monte de Vênus, dizendo, “adeus, boceta gostosa. . .”

Nada a dever a seu antepassado, o gonfaloneiro Dardanno Acciaioli, no século XV, em Florença.

Casou-se Sebastião Antonio Accioly Lins em 16 de Setembro de 1855 com sua sobrinha Feliciano Inácia Accioly Lins, supra. C. g. até hoje.

7 *Barros Accioli da Vila das Alagoas*

XVI. FRANCISCO DE BARROS PIMENTEL, filho de José de Barros Pimentel e de Maria Accioli, no § 5, XV, senhor do engenho *Novo* das Alagoas, ou engenho de *N. S. do Rosário*, nasceu em fins do século XVII—tentativamente, entre 1670 e 1675. Foi também coronel das ordenanças da Vila das Alagoas, onde seus descendentes permaneceram até o século XIX.

Notem-se os movimentos destas três últimas gerações da família: de Pernambuco, onde vivia João Baptista Accioli, XIV, passam pelo litoral à fronteira entre Pernambuco e Alagoas, onde está Porto Calvo, e de lá descem para a Vila das Alagoas (hoje Marechal Deodoro), fundada em 1636, junto a Maceió. É o movimento dos filhos segundos e das mulheres, que não herdaram as terras paternas, e estabelecem novas alianças familiares, ganhando ou comprando novas terras.

A região das lagoas, onde se situa a Vila das Alagoas, hoje Marechal Deodoro, foi povoada (como Porto Calvo) em fins do século XVI. Nas Alagoas, no entanto, os primeiros povoadores foram alguns cristãos-novos pertencentes a uma mesma família, os Soares da Madalena ou Soares de Pina. Eram, ao que parece, mercadores em sua origem, mas (após alguns entreveros com a inquisição) estabelecem-se na região da Vila das Alagoas, onde fundam, primeiro, o engenho *Velho*, que não mais existia em fins do século XIX, e em torno do qual cresceu a Vila do Pilar, hoje Manguaba, e em seguida, o engenho *Novo*, que passou a Gabriel Soares de Pina, filho de Diogo Soares, um dos povoadores originais da região. O engenho *Novo*, ou engenho de *N. S. do Rosário*, chegará, em fins do século XVII, às mãos do coronel Francisco de Barros Pimentel, através do sogro Manuel de Chaves Caldas, seu proprietário em fins do século XVII, e Francisco de Barros Pimentel o deixa para seus herdeiros. A sucessão do engenho *Novo* na família Barros Pimentel Accioli pode ser acompanhada até meados do século XIX. O engenho *Novo* ainda existia em fins do mesmo século, e também ficava em Pilar, próximo, portanto, ao engenho *Velho* [50].

Casou-se o coronel Francisco de Barros Pimentel com Antonia de Caldas de Moura, ou Antonia Maria de Moura, filha do sargento-mor Manuel de Chaves Caldas, confirmado no posto de sargento-mor da Vila das Alagoas por carta de 3 de Novembro de 1696. Em 21 de Dezembro de 1732 aparece este Francisco de Barros Pimentel, com a patente de coronel, como doador de uma data de terras para que os religiosos observantes de N. S. do Carmo construíssem um hospício (no português de hoje, um hospital) na Vila das Alagoas. Nesta escritura declara-se Francisco de Barros Pimentel viúvo [29]. Já era falecido em 1761, quando se faz um recenseamento dos engenhos de Pernambuco e adjacências [72]. Tiveram os filhos:

17. Inácio Accioli de Vasconcellos, que segue;
17. José de Barros Pimentel, casado em Sergipe com Joana Martins Brandão, filha do sargento Manuel Martins Brandão, cavaleiro da ordem de Cristo e senhor do engenho *Cedro Brasil*, e de sua mulher D. Maria. Seguem no § 12;

17. Manuel de Chaves Caldas, casado com sua prima Maria Margarida Teresa, filha de João Lins de Vasconcellos, c. g. de apelido *Lima Accioli e Caldas Accioli*; do casal foi filha Maria Ana Rita Accioli, e destes dois [com certeza] descendia Pretextato Casado Accioli Lima, nascido em Alagoas em 15 de Março de 1843, filho de Joaquim Pereira da Rosa Lima e de sua mulher Maria Rita de Caldas Accioli, e que colou grau na Faculdade de Medicina do Rio em 13 de Dezembro de 1869 [60].

Pertencia [certamente] a este ramo José Casado Accioly de Lima, n. Maceió, onde nasceu c. 1870, e que veio para o Rio trabalhar na Fábrica de Pólvora na Raiz da Serra, em emprego que lhe foi dado por seu parente Floriano Peixoto, então presidente da República. Deste José Casado Accioly de Lima eram netos os irmãos Accioly Corseuil, radicados no Rio, um dos quais, o almirante Ivo Accioly Corseuil, serviu no gabinete militar da presidência durante o governo de *Jango* Goulart (1961–1964); sua irmã, Teresinha Accioly Corseuil Granato, é professora titular da Faculdade de Educação da UFRJ.

17. Francisca de Caldas, que se casou em Sibiró, no Rio Grande do Norte, com João Cavalcanti;
17. Ana Maria de Barros, mulher de Manuel Gomes Rebelo, irmão de João Cavalcanti;
17. Teresa de Moura, mulher de seu parente Manuel de Barros Wanderley, e depois de Cristóvão da Rocha Wanderley, s. g. de ambos;
17. Joana Maria de Vasconcellos, casada com José Camello Bezerra, c. g.:
18. João César Bezerra Camello, que em 1814 recebeu a doação dos direitos de sua prima (abaixo) Maria José Accioli a parte do engenho *Novo* das Alagoas [50]; e
17. Ana de Moura, que em Sibiró se casou com Manuel Gomes Vieira Rebello, filho de Braz Vieira, senhor do engenho *do Sibiró do Cavalcanti*.

XVII. INÁCIO ACCIOLI DE VASCONCELLOS, capitão de tropa de segunda linha na Vila das Alagoas, deve ter nascido entre 1710 e 1720. Casou-se duas vezes. Da primeira, com Ursula, filha do capitão Antonio da Silva, e de sua mulher Águeda Barbosa Gonçalves. Borges da Fonseca não registra sucessão deste casamento.

Da segunda vez casou-se com Ana da Silveira de Albuquerque, segundo Borges da Fonseca, ou Maria da Silveira, conforme a leitura de bacharel do neto Inácio, e provavelmente Ana Maria da Silveira [de Albuquerque], filha de Antonio de Toledo Machado, capitão-mor da Vila de São Miguel das Alagoas, da varonia dos Fragosos de Albuquerque, e de sua mulher Maria Francisca, filha do capitão José de Faria Franco; neta paterna de Reinaldo Fragoso de Albuquerque e de sua mulher Ana da Silveira, filha de outro Antonio de Toledo Machado, madeirense.

Pais, deste segundo casamento, de:

18. José de Barros Pimentel, que segue;
18. [Inácio Accioli de Vasconcellos], no § 8, adiante; e
18. [Maria José Accioli], que em 1814 doou, através de escritura pública seu quinhão no engenho *Novo* da Vila das Alagoas, a seu primo João César Bezerra Camello ([50], p. 44). Nesta escritura, Maria José Accioli é qualificada como neta do coronel Francisco de Barros Pimentel; pelo apelido e data, supomos fosse ela filha do capitão Inácio Accioli.

XVIII. JOSÉ DE BARROS PIMENTEL nasceu cerca de 1760 na Vila das Alagoas. Lá se casou com Antonia Luiza de Lima, filha de Mateus de Casado Lima e de sua mulher Leonor Luiza (a filha nascida antes do casamento dos pais), todos os três nascidos em Serinhaem, da família Casado Lima, da qual descende o marquês de Olinda. Pais de:

19. Inácio Accioli de Vasconcellos, que segue;
19. Ana Sofia do Rosário Accioli, que em 1810 se casou com João de Basto, familiar do Santo Officio em 11 de Outubro de 1810, negociante na Vila de Alagoas, filho de Manuel de Basto, nascido em Castelões, em Portugal, e de sua mulher Maria Tavares; n.p. de Francisco de Basto, n. de Castelões, e de s.m. Catarina João; n.m. de João Martins e de s.m. Catarina Tavares.
19. ... [Maria ? Antonia ?] Accioli, que se casou (em Coimbra ?) com o desembargador Miguel Joaquim de Cerqueira e Silva; segue no § 7.2; e
19. [José de Barros Accioli], que através de petição de 30 de Maio de 1817 se diz “natural da Vila das Alagoas, e morador há mais de três anos na Vila da Ilha Grande,” na província do Rio, onde servia em cargo menor. Nesta petição requer a D. João VI, a pretexto das benesses distribuídas quando de sua aclamação, o ofício de escrivão vitalício de órfãos da Vila das Alagoas, “sem donativo à Real Fazenda, por ser de diminuto rendimento” (para receber uma sinecura vitalícia, os agraciados em geral faziam um pagamento à coroa).

Colocamos aqui este José de Barros Accioli porque, precisamente neste período, servia como juiz de fora na Ilha Grande seu [presumido] irmão, o bacharel Inácio Accioli de Vasconcellos [26].

XIX. INÁCIO ACCIOLI DE VASCONCELLOS nasceu cerca de 1785 na Vila das Alagoas. Foi admitido em 2 de Outubro de 1802 em Coimbra, onde fez estudos de direito. Em Portugal se casou com Leonor Felisberto de Azevedo, natural de Coimbra, filha de João Joaquim de Azevedo e de Maria Angelina de Sousa, sua mulher. Bacharelou-se em cânones em 1807, e doutorou-se em 1811.

Em Coimbra participou em 1810 e 1811 dos regimentos acadêmicos de defesa e resistência [11]. Voltando ao Brasil em 1812, serviu como juiz de fora na Vila da Ilha Grande de 1813 a 1817, ocupando posições semelhantes em outras localidades da província do Rio, tais como Macaé, antes de 1820.

Em seguida está entre os que assinam o termo da aclamação de D. Pedro de Alcântara como príncipe regente, sendo então membro do senado da câmara da Vila das Alagoas, em 28 de Junho de 1822 [22], e logo em seguida o encontramos entre os constituintes de 1823, enviado também por Alagoas. Já era desembargador em 1822, quando, em 15 de Setembro daquele ano recebe 121 votos na eleição que se realizou na Vila das Alagoas para escolher os deputados da província à constituinte que se reuniria em 1823—constituinte convocada, como se sabe, *antes* da independência formal do Brasil ser proclamada. É reconhecido na primeira sessão da assembléia, embora seu mandato seja contestado pelos eleitores de Porto Calvo [41]. Em 24 de Fevereiro de 1824 assume a presidência do Espírito Santo [30]. Depois o revemos juiz e, enfim, desembargador no Rio, na corte.

Pais de:

- 20. Francisco Accioli de Vasconcellos, nascido em 15 de Junho de 1812 no Rio, e batizado em 12 de Julho do mesmo ano;
- 20. José Inácio Accioli de Vasconcellos, que segue;
- 20. Mario Accioli de Vasconcellos, nascido em 22 de Abril de 1817, no Rio, e batizado em 28 de Junho do mesmo ano;
- 20. João, nascido no Rio em . . . ;
- 20. Inácio Accioli de Vasconcellos, oficial de marinha, capitão de mar e guerra, nascido no Rio em 1820 e falecido também no Rio em 21 de Maio de 1898. Em 8 de Outubro de 1883 declarava-se solteiro no Rio, com 62 anos, ao ser testemunha no pedido de pensão da baronesa de Angra [46]; e
- 20. Leonor Felisberta Accioli, que segue no § 7.1.

XX. JOSÉ INÁCIO ACCIOLI DE VASCONCELLOS, bacharel em direito pelo Recife e ministro do Supremo Tribunal de Justiça durante o Império, nasceu no Rio em 1817 e faleceu no Rio em 19 de Julho de 1881 [98].

Conta assim Laurênio Lago sua carreira: por decreto de 13 de Julho de 1839 foi nomeado juiz de direito da comarca do Alto Amazonas. Removido em seguida para a 2^a vara criminal de Belém, na data de 20 de Novembro de 1841. Esteve nas comarcas de Niterói (25 de Setembro de 1844), de Vitória (4 de Agosto de 1855), do Serro (Minas Gerais, 29 de Março de 1850), de Itapicuru (22 de Novembro de 1855), de Abrantes (13 de Setembro de 1859).

Decreto de 19 de Janeiro de 1861 nomeia-o desembargador da relação de Pernambuco. Em 15 de Fevereiro de 1879 é, enfim, nomeado ministro do Supremo Tribunal de Justiça, em vaga aberta pelo falecimento de seu parente Joaquim Marcelino de Brito (§ 12.6, XXII); tomou posse em 11 de Junho do mesmo ano.

Era 4^o vice-presidente do Espírito Santo desde 27 de Abril de 1846, quando, em 27 de Maio de 1846, veio a assumir a presidência da província [30]. Recebeu a ordem de Cristo, no grau de cavaleiro, em 15 de Novembro de 1846, e a ordem da Rosa, no mesmo grau, em 11 de Outubro de 1848 [12] [80].

Em 4 de Dezembro de 1844 casou-se, no Pará, com Maria José de Macedo, filha de Joaquim Pereira de Macedo. Pais de:

21. Inácio Accioli de Vasconcellos, n. c. 1845 no Pará, e bacharel em direito pelo Recife em 1869 ([32], p. 128). Segue;
21. Joaquim de Macedo Accioli, n. c. 1846 no Espírito Santo, onde seu pai se radicou após sair do Pará, e formado em direito pelo Recife antes de seu irmão, em 1868 ([32], p. 123); e
21. João Zenóbio Accioli de Vasconcellos, n. no Espírito Santo c. 1847 e bacharel em direito pelo Recife em 1871 ([32], p. 135).

XXI. INÁCIO ACCIOLI DE VASCONCELLOS nasceu no Pará c. 1845, e formou-se bacharel em direito pelo Recife em 1869 [32]. Casou com Carolina Cecília Franco, sua prima co-irmã, filha dos barões de Pereira Franco (§ 7.1, 21).

Pais de [8]:

22. Leonor Accioli de Vasconcellos;
22. Arthur Accioli de Vasconcellos;
22. José Accioli de Vasconcellos;
22. Maria da Conceição, “Tia Menininha,” n. no Rio em 1885;
22. Zenóbia Accioli de Vasconcellos, última deste ramo com o prenome crônico, chegando-lhe desde o século XIV;
22. Maria José, n. no Rio em 1892, “Sinhazinha”; e
22. Rodolpho Accioli de Vasconcellos, n. no Rio em 1893, que segue.

XXII. RODOLPHO ACCIOLI DE VASCONCELLOS nasceu no Rio em 22 de Maio de 1893, e no Rio faleceu em 19 de Dezembro de 1970. No Rio casou-se com Noêmia Régoa, nascida na mesma cidade, em 7 de Abril de 1894, onde veio a falecer em 29 de Novembro de 1968.

Tiveram os filhos:

23. Wilson Accioli de Vasconcellos, que segue;
23. Flávio Accioli de Vasconcellos, que se casou com Lúcia Teixeira, sendo os pais de:
 24. Flávio Accioli de Vasconcellos Filho;
 24. Carlos Eduardo Accioli de Vasconcellos; e
 24. Liane Accioli de Vasconcellos, casada com Alfredo Lopes de Souza Jr., e com o filho:
 25. Rafael Accioli de Souza.

23. Leda Accioli de Vasconcellos, casada com Raimundo Sandoval Viana, e com os seguintes filhos:
 24. Leda Maria Accioli de Vasconcellos Viana,
 24. Marcio Accioli de Vasconcellos Viana, e
 24. Sérgio Accioli de Vasconcellos Viana.

XXIII. WILSON ACCIOLI DE VASCONCELLOS nasceu no Rio em 22 de Outubro de 1921. Em 4 de Setembro de 1957 casou-se com Alba Maria de Carvalho, especialista em educação no Estado do Rio de Janeiro.

Faleceu Wilson Accioli de Vasconcellos no Rio em 7 de Maio de 1986. Foram os pais de:

24. Marcelo Carvalho Accioli de Vasconcellos, nascido no Rio em 18 de Maio de 1958, engenheiro metalurgista e analista de sistemas. Casado (em 18 de Novembro de 1989) com Cláudia Coimbra César Diniz; e
24. Cláudio Carvalho Accioli de Vasconcellos, advogado e jornalista, nascido no Rio em 5 de Outubro de 1960. Casou-se, em 14 de Setembro de 1991, no Rio, com Inês Dominguez Landeira.

Wilson Accioli de Vasconcellos foi advogado, jornalista e professor universitário. Seguindo o exemplo do avô, bacharel em direito pelo Recife; do bisavô, ministro do Supremo; e do trisavô, bacharel coimbrão, constituinte brasileiro em 1823, e desembargador, bacharelou-se em direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, atual UERJ, onde também se doutorou em direito público e recebeu o título de livre-docente em direito constitucional. Fazendo o concurso público correspondente, foi aprovado em primeiro lugar para a posição de professor titular de direito constitucional I e II da UERJ, cargo que exerceu até o falecimento. Foi também membro do conselho universitário da UERJ, professor titular de direito constitucional da Cândido Mendes, sócio da ABI—como jornalista, colaborou de 1957 a 1959 com o *Correio da Manhã*, escrevendo a coluna “Sala dos Passos Perdidos,” sobre a vida judiciária—membro efetivo do Instituto dos Advogados do Brasil, e sócio fundador e vice-presidente do Instituto Brasileiro de Direito Constitucional. Participou de inúmeros congressos nacionais sobre direito, em especial sobre direito constitucional, tema ao qual se dedicou. Publicou vários trabalhos, e dois livros (*Instituições de Direito Constitucional*, Rio, 1978, e *Teoria Geral do Estado*, Rio, 1985), além de duas teses, a de livre-docência (de 1970) e a do concurso para professor titular (de 1980). Muito querido por seus alunos, a turma do jubileu de ouro da Faculdade de Direito da UERJ, em 1985, homenageou-o adotando o nome *Turma Professor Wilson Accioli*.

7.1 Os Barões de Pereira Franco

XX. LEONOR FELISBERTA ACCIOLI, filha do desembargador Inácio Accioli, no § 7, XIX, casou-se com Luiz Antonio Pereira Franco, barão com grandeza de

Pereira Franco em 20 de Junho de 1888, nascido na Bahia em 19 de Outubro de 1826, bacharel em direito pelo curso de Pernambuco, então ainda localizado em Olinda, em 1847. O barão faleceu no Rio em 20 de Janeiro de 1902 (a baronesa havia falecido em 30 de Agosto de 1901).

O barão foi presidente de Sergipe em 1853, duas vezes ministro da marinha, em 1870 e em 1875, e ministro da guerra em 1876. Finalmente, em 1888, foi nomeado senador do império. Casal elegante, que viveu boa parte de sua vida na Bahia, Leonor Accioli Pereira Franco e seu marido Luiz Antonio são citados por Wanderley Pinho ([126], p. 31) como parceiros de contradanças, ela de Pedro II, e ele da imperatriz Teresa Cristina, num grande baile que a aristocracia agrária baiana ofereceu ao casal reinante, por volta de 1850, quando Leonor e Luiz Antonio deviam estar recém-casados, ela quase adolescente. Nesta mesma recepção, a baixela é a baixela de ouro, que Jerônimo Bonaparte havia ofertado como lembrança a José Inácio Acciaiuoli de Vasconcellos Brandão quase meio século antes, e que então pertencia à filha adotiva de Inácio Acciaiuoli, a coronela Pedroso de Albuquerque ([126], p. 33); ver § 12, XIX. Pais de:

21. Luiz Accioli Pereira Franco, nascido na Bahia c. 1849, e bacharel em direito pelo Recife em 1873 ([32], p. 141);
21. Leonor Accioli Pereira Franco, nascida na Bahia em 1855, e † no Rio em 8 de Agosto de 1893. Em 1875 casou-se no Rio com o engenheiro José Carvalho de Sousa. Pais de:
 22. Alayde Pereira Franco Carvalho, que se casou com Álvaro Pereira Reis.
21. Elvira Accioli Pereira Franco;
21. Cândida Accioli Pereira Franco, casada com o engenheiro Alipio Vianna; e
21. Carolina Cecilia Franco, que se casou com seu primo Inácio Accioli de Vasconcellos, supra (§ 7, XXI).

7.2 *O Historiador da Bahia Colonial*

XIX. . . . [MARIA ?] ACCIOLI, filha de José de Barros Pimentel, XVIII do § 7, casou-se com Miguel Joaquim de Cerqueira e Silva (em Coimbra ? ainda na Vila das Alagoas ?), natural da Vila das Alagoas, filho do coronel Francisco da Cerqueira e Silva e de sua mulher Doroteia da Rocha, ambos de Alagoas; neto paterno de Miguel da Silva Pereira, natural de São João da Foz, bispado do Porto, e de sua mulher Angelica de Cerqueira, natural da Vila das Alagoas; neto materno de Veríssimo Rodrigues Rangel, nascido em Besteiros, Portugal, e de sua mulher Maria Madalena do Espírito Santo.

Miguel Joaquim foi matriculado em Coimbra (no curso de direito) em 1802. Bacharelou-se em cânones em Coimbra em 1810, o que não sugere haja sido um aluno especialmente aplicado. Ainda assim, doutorou-se em cânones em 1815.

Teve uma vida, em seu início, bastante aventureira. Nasceria cerca de 1786 na Vila das Alagoas. Em Coimbra, em 1809, nós o encontramos nos batalhões estudantis de resistência aos franceses. É ferido em 1812 no combate de Albergaria. Voltando ao Brasil após receber o grau de doutor em cânones, pede a mercê de um cargo de juiz de fora em Pernambuco. Devido à revolução de 1817, não assume este cargo que lhe havia sido concedido. Acaba desembarcando no Pará, onde é nomeado em 1818 juiz de fora. Regula a exploração do ouro recém-descoberto na província, em Bragança, àquele ano, direto sob as ordens do conde de Vila Flor—ou seja, Serra Pelada é coisa antiga, já. Em 1822, sabendo do grito do Ipiranga, declara-se pelo (então) príncipe regente do Brasil, o futuro imperador Pedro I. A junta governativa do Pará manda então prendê-lo, com seu filho de 14 anos, Inácio Accioli de Cerqueira e Silva. É mandado preso para Lisboa (o Pará só se conforma à independência após Março de 1823). Por ordens diretas de D. João VI, é libertado com o filho e remetido ao Brasil. Em 15 de Setembro de 1822, não sabemos se *in absentia*, recebeu 74 votos na eleição (realizada na Vila das Alagoas) para deputado constituinte por Alagoas, sendo o mais votado seu cunhado, o já desembargador Inácio Accioli de Vasconcellos. Presidia a mesa eleitoral seu pai, Francisco de *Siqueira* e Silva, um dos membros da junta governativa da província, e entre os votantes está seu irmão, Francisco de *Cerqueira* e Silva Jr. Não foi eleito, no entanto.

Em 1825 aparece requerendo a Pedro I a mercê da ordem do Cruzeiro, que lhe é concedida. Foi, em seguida, nomeado desembargador na relação da Bahia, onde surge, aposentado, em 1841 [41] [125]. Miguel Joaquim foi colega coimbrão do cunhado Inácio Accioli de Vasconcellos, para quem testemunha num documento de 1811 em que peticiona aquele Inácio Accioli [11].

Era também irmão de Miguel Joaquim o dr. José Antonio da Cerqueira e Silva, igualmente canonista de Coimbra, nascido na Vila das Alagoas em 29 de Dezembro de 1774 e † no Rio em 3 de Janeiro de 1867, ministro do Supremo Tribunal de Justiça.

Foi seu filho:

XX. INÁCIO ACCIOLI DE CERQUEIRA E SILVA, que nasceu em Coimbra em 1807 ou, no máximo, em Janeiro de 1808, e † 1^o de Agosto de 1865, no Rio. Veio criança para o Brasil, para a Bahia, residindo após, com o pai, no Pará. Com quatorze anos, tomou parte no Pará nas lutas pela independência, havendo sido preso e bastante perseguido, o que o tornou durante sua vida uma espécie de figura lendária. Era rábula de profissão, e devido à sua precoce entrada na carreira militar, serviu na milícia cívica, tendo sido reformado no posto de coronel chefe de legião; foi comendador das ordens da Rosa, do Cruzeiro e de Cristo, tendo recebido a do Cruzeiro em 1824, quando contava apenas dezesseis anos, em homenagem aos sacrifícios que suportou ao ser preso com seu pai e remetido em ferros para Lisboa, por ordem da junta governativa do Pará. (Como dissemos, ordem pessoal de D. João VI libertou os brasileiros, e os fez remeter de volta em 1823 para o Brasil; Inácio Accioli de Cerqueira e Silva contava apenas 15 anos então.)

Teve, por esta época, seu único emprego público, o de diretor do *Teatro São*

João.

Gastou a herança familiar no seu trabalho de historiador; escreveu a *Corografia Paraense* (Bahia, 1835), as *Memórias Históricas da Bahia* (6 volumes, 1835–1852), uma história dos fatos contemporâneos à sua vida no Brasil, escrita a convite de Pedro II, cujo manuscrito inédito se acha no arquivo do Museu Imperial, em Petrópolis; uma biografia de seu parente, o inconfidente e empreendedor José de Sá Bittencourt Accioli (*Rev. Inst. Histórico e Geográfico* **6**, 107, 1844), além de muitas outras obras menores [116] [124]. É notável a repercussão que tiveram, na precária imprensa do século XIX, sobretudo na província, as obras do coronel Inácio Accioli.

Casou-se duas vezes. Em 7 de Janeiro de 1843 declara-se viúvo, proprietário, e com 35 anos, residindo na freguesia de S. Pedro Velho na Bahia. Em 18 de Junho de 1841 havia pedido (e não obteve) a mercê da ordem de Cristo para seu filho Inácio, abaixo citado, o que faz supor fosse filho de seu primeiro casamento. Não se conhece o nome de sua primeira mulher, que, como se sabe, era † antes de 1843. Dela teve ao menos o filho:

21. Inácio Accioli de Cerqueira e Silva Jr., que já devia ser falecido quando da morte do pai, porque este não cita nenhum filho entre os herdeiros.

Casou-se pela segunda vez com Leopoldina Joaquina de Almeida Bahia, em casada Leopoldina Joaquina Accioli de Almeida, filha de José Félix Bahia e irmã de Antonio Caetano de Almeida Bahia, n. 1820 em Salvador e † no Rio, bacharel pelo curso de Olinda em 1848 e cavaleiro da ordem da Rosa.

Talvez fosse filha deste casamento:

- [21. Carolina Julia Accioli [Souto], casada com ... Souto.]

Faleceu o coronel chefe da 3^a legião da guarda nacional da capital da Bahia, tenente-coronel honorário do exército, cavaleiro da ordem do Cruzeiro, por decreto de 20 de Julho de 1824, e oficial da ordem da Rosa (em 25 de Março de 1845), na sua casa, na rua do Fogo, atual dos Andradas, às 4 horas da tarde do dia 1^o de Agosto de 1865, aos 57 ou 58 anos, de tuberculose pulmonar e hepatite. O óbito foi registrado na freguesia do Sacramento, no livro que vai de 1861 a 1882, a fls. 121 v^o. Foi sepultado a 2 de Agosto de 1865 no cemitério de S. João Baptista, na quadra 20, n^o 3847, e o *Jornal do Commercio* de 3 de Agosto traz a participação do falecimento.

Foi o último dos grandes historiadores-cronistas brasileiros.

8 O Segundo Ramo da Vila das Alagoas

XVIII. [INÁCIO ACCIOLI DE VASCONCELLOS] é atestado por informações orais de seus descendentes, que vieram da mesma Vila das Alagoas e têm nomes e prenomes idênticos aos do ramo anterior, além de se casarem nas mesmas famílias. Teria nascido entre 1760 e 1765. O local de origem de seus descendentes e a consistência das datas nas primeiras gerações deste ramo e do anterior fazem

com aceitamos a tradição oral e o coloquemos filho do outro Inácio Accioli, XVII do § 7, até serem disponíveis outras notícias.

Veja-se, no entanto, o seguinte: em fins do século XVIII alguns colonos, vindos do litoral, da região de S. Miguel das Alagoas, chegam onde é hoje o município de Palmeira dos Índios; um destes colonos, de nome Inácio Accioly, funda o povoado de Olhos d'Águas do Accioly [17], onde permanecem alguns de seus descendentes e parentes, como as famílias Xavier Accioly e Cavalcanti de Albuquerque Tenório, e, possivelmente, os Acciolis Tenórios. (Um dos Cavalcantis de Albuquerque Tenórios foi o deputado Tenório Cavalcanti, Natalício Tenório Cavalcanti de Albuquerque, alagoano radicado no Rio, de pais modestos, mas certamente aparentado a este grupo familiar, conforme inclusive o afirma a memória oral [19].)

Citamos aqui tais fatos porque se a fundação de Olhos d'Águas do Accioly tiver ocorrido em fins do século XVIII (o que não pode ser documentado além da tradição oral), pode haver coincidência entre o personagem deste *caput* e o fundador daquela povoação, ou, ao menos, entre algum personagem homônimo deste ramo e aquele Inácio Accioly, o que se ressalta no parentesco afirmado entre Cavalcantis Tenórios e estes Acciolis de Vasconcellos.

Foi o Inácio Accioli de Vasconcellos deste *caput* pai de:

XIX. INÁCIO ACCIOLI DE VASCONCELLOS, nascido cerca de 1790. Casou-se com Margarida Correia Maciel, irmã do reverendo Manuel Correia Maciel, e de Rosa Cândida de São José, filhos de ... Correia Maciel e de Angélica Rosa de Siqueira, irmã esta do coronel Francisco de Cerqueira e Silva, e tia de Miguel Joaquim de Cerqueira e Silva e do ministro José Antonio de Cerqueira e Silva (§ 7.2, XIX). O reverendo Maciel deve ter sido o “tio padre” em casa de quem foi estudar, por volta de 1860, o poeta Inácio de Barros Accioli, n^o 21, abaixo.

Teve os filhos:

20. José de Barros Accioli, que segue;

20. Antonio de Santa Helena, casado; e

20. [Francisco de Barros Accioli], que se casou com Felina Vieira Peixoto, nascida cerca de 1833, filha de Antonio Vieira Peixoto, senhor do engenho *Tabocal*, na região da Vila das Alagoas, e de sua mulher Ana Joaquina de Albuquerque. Era Felina irmã de Floriano Vieira Peixoto (1839–1895), nascido na comarca de Maceió, vice-presidente e depois presidente da república, com poderes ditatoriais. Colocamos aqui este Francisco de Barros Accioli pelos seguintes motivos: sua provável data de nascimento, inferida da de sua mulher, irmã mais velha de Floriano, aproxima-se da data de nascimento de José de Barros Accioli; sua mulher vem da região de Maceió, onde vivem estes Acciolis de Vasconcellos todos, no início do século XIX; seu nome, enfim, é repetido na geração seguinte, e traz um dos prenomes crônicos nesta linha. Pais, Felina e Francisco de Barros [95], de:

- 21. Antonio de Barros Accioli,
- 21. Francisco de Barros Accioli,
- 21. Pedro de Barros Accioli,
- 21. Maria de Barros Accioli, e
- 21. Marieta de Barros Accioli.

XX. JOSÉ DE BARROS ACCIOLI, como se assinava e como está no ato de inscrição de seu filho Francisco na antiga Escola Central; e também JOSÉ DE BARROS ACCIOLI PIMENTEL, como está em seu pedido de matrícula no curso médico do Rio, em 1843 [27], ou ainda JOSÉ DE BARROS ACCIOLI DE VASCONCELOS, em Sacramento Blake e Velho Sobrinho, nas biografias de seus filhos Francisco e Inácio [116] [124], nasceu numa localidade próxima à Vila das Alagoas, em 1820, que ou era “Mangabeiras,” segundo Venusia Mello [28], o bairro das Mangabeiras, em Maceió, assim descrito por Craveiro Costa em 1939 [45]:

*No Poço, nas Mangabeiras, não há grandes renovações: são ainda
o local dos sítios, das casas solarengas, das grandes famílias,*

ou que era Massagueira, próximo à Vila das Alagoas, entre esta e Maceió, segundo informação de Moacyr Sant’Anna a F. A. Doria, e confirmada por C. A. Valente Antunes, que lembrou ser Massagueira a terra dos Cerqueira e Silva, em Marechal Deodoro.

Em 1839 matriculou-se no curso médico da Bahia [27], de onde procurou se transferir, após haver completado os quatro primeiros anos, para o curso do Rio em 2 de Março de 1843, peticionando ao diretor deste curso porque havia chegado à corte “com atraso devido à longa viagem entre a Bahia e a corte.” No entanto, no livro de registro de doutores da Faculdade de Medicina do Rio não consta seu nome, e nem no correspondente livro na Bahia, embora Venusia Mello afirme que colou grau em 1844 [28] [59] [60]. Voltando a Maceió, trabalhou algum tempo (até 1849) como extra-numericário no hospital militar local, não conseguindo no entanto ser contratado como médico efetivo, talvez porque não dispusesse do diploma de médico.

Clinicou, no entanto, exercendo a medicina, em Maceió e na Vila das Alagoas, sendo conhecido como médico voltado para as populações mais carentes; é considerado inclusive um dos pais da medicina em Alagoas.

Um retrato de cerca de 1870, oferecido à nora Maria do Valle mostra-o com um rosto bem oval, expressão sisuda com olhos apertados, sugerindo-lhe uma ascendência indígena próxima, talvez por sua família materna, os Macieis; este também era o caso de sua mulher, e se torna aparente no [sobrinho] de ambos, Floriano Peixoto.

Faleceu de uma ‘congestão cerebral’ (provavelmente um acidente vascular cerebral, infelizmente comum entre seus descendentes) num sábado, 19 de Abril de 1879, em Maceió. Casou-se provavelmente em 1845 com Ana Carlota de Albuquerque Mello, que era [possivelmente] irmã de Ana Joaquina de Albuquerque, mãe de Floriano Peixoto.

Pais de:

21. Francisco de Barros e Accioli de Vasconcellos, que segue;
21. Inácio de Barros e Accioli de Vasconcellos, nascido na Vila das Alagoas em 11 de Dezembro de 1848 e falecido em Maceió em 31 de Maio de 1879, pouco depois de seu pai. Poeta de estilo melancólico, melancolia que se reflete no título de seus livros, *Ilusões Perdidas* (trovas plangentes, Maceió, 1868) e *Esperanças Mortas* (rimas insulanas, Maceió, 1873), e autor teatral (*Glórias e Desventuras, ou O Rimador Alagoano*, cena dramática, Maceió, 1871), era paralítico desde os quinze anos. Deixou os livros de versos acima, e mais a peça de teatro, que foi representada em Maceió em 1^o de Outubro de 1870, num espetáculo em homenagem à atriz Isabel Cândida [116] [124]. Foi receber o irmão, vindo da campanha do Paraguai, nos ombros de amigos, declamando versos em sua homenagem, “se tu, Accioli, glorioso voltas...”. Também se assinava Inácio Accioli de Vasconcellos de Barros.
21. Maria Amélia Accioli, que se casou com Alfredo Goston, cujo irmão possuía em Maceió um dos primeiros estúdios de fotografia do país. Tiveram filhos:
 22. Alfredo Goston. Casou em primeiras núpcias com ... Em segundas núpcias, com sua prima Alice Accioli Cahet, abaixo, aparentemente afetada pela psicose maníaco-depressiva que surge de quando em quando entre os descendentes dos Barros Pimentéis;
 22. Aurora Goston;
21. Lucilla Accioli, que se casou com ... Cahet. Pais de:
 22. Newton Cahet;
 22. Oscar Cahet; e
 22. Oswaldo Cahet,
 todos com geração; e
 22. Alice Accioli Cahet, casada com seu primo Alfredo Goston, acima;
21. Anna, e
21. Rosa Accioli, uma das quais sofria de psicose maníaco-depressiva, e esteve internada no Hospício Pedro II na Praia Vermelha; e
21. José de Barros Accioli de Vasconcellos. Casou-se com Guilhermina Braga, e seguem no § 8.1.

XXI. FRANCISCO DE BARROS E ACCIOLI DE VASCONCELLOS nasceu na Vila das Alagoas em 28 de Setembro de 1846, e faleceu no Rio de Janeiro em 25 de Setembro de 1907, com 61 anos incompletos. Assinava-se, até se mudar

para o Rio, FRANCISCO DE BARROS ACCIOLI, acrescentando o “Vasconcellos” provavelmente devido à influência dos parentes que moravam na corte (§ 7, XXI).

Enviado pela família para o Rio de Janeiro em 1864, habilitou-se em inícios de 1864 nos exames de admissão à Escola Central. Aluno sem grandes méritos, abandonou o curso em inícios do ano seguinte, alistando-se como praça nos Voluntários da Pátria. Participou de toda a campanha da guerra, tendo dado baixa apenas após a batalha de Cerro Corá, em 1870. Com a patente de major conquistada no serviço ativo, reformou-se “com as honras de” tenente-coronel do exército, sendo tratado habitualmente de *Coronel Accioli*.

Sentou praça como voluntário da pátria em 12 de Abril de 1865; foi nomeado alferes logo em seguida (sem dúvida pelo prestígio da família), a 15 de Abril, ainda no Rio. Embarcou para Santa Catarina em 13 de Junho, quando teve nova promoção, desta vez a tenente do 22º corpo dos voluntários. Passando por Montevideu em 1º de Junho, chegou na frente da guerra em 5 de Agosto. Comandando uma companhia, esteve na batalha de 24 de Maio de 1866. Também participou das batalhas de Humaitá, Tuiuti, Curupaiti e Chaco, em 1868. Foi ferido em 6 de Dezembro de 1868 em Itororó. Foi promovido a capitão em primeiro de Setembro de 1869, e a major em 28 de Fevereiro de 1870, tudo no campo de batalha. Terminada a guerra, e retornando ao estado civil, reformou-se, como dissemos, como tenente-coronel honorário do exército [24].

Seu ferimento em combate consta do seguinte atestado, passado no *front* da guerra [24]:

Atesto que o sr. capitão ³ da Primeira Companhia do 23º Corpo de Voluntários da Pátria, Francisco de Barros e Accioli de Vasconcellos, recebeu no combate do dia 6 de Dezembro [de 1868] um ferimento por bala de fuzil, com duas aberturas, sendo a de entrada na face externa e a de saída na face posterior do terço superior da perna esquerda, interessando apenas às partes moles.

Hospital Flutuante D. Francisca, 1º de Fevereiro de 1869.

José de Teive e Argollo, 2º cirurgião.

Fez então carreira no serviço público civil. Foi secretário do Arsenal de Guerra da Corte, chefe de seção da Secretaria de Agricultura, e finalmente, inspetor-geral de Terras e Colonização, cargo no qual se aposentou. Foi quem coordenou a imigração italiana para o Brasil, e em sua homenagem fundaram-se diversos povoados com o nome “Accioli” ou “Accioli de Vasconcellos,” em vários estados. O mais importante deles é a vila de Accioli, originalmente a colônia Accioli de Vasconcellos, no município de Ibirapu, no Espírito Santo, fundada assim como a colônia Antonio Prado em 1887, mas somente ocupada pelos imigrantes italianos em 1889 [89]. Publicou o *Guia do Imigrante para o Império do Brasil* (Tipografia Nacional, Rio, 1884), e estudos sobre a telegrafia no Brasil. Foram estes apresentados em Paris, no Congresso Internacional de

³A contradição entre as datas em que o futuro Coronel Accioli teria passado a capitão é uma contradição entre os documentos que nos servem de fonte.

Eletricidade, o que valeu ao coronel Accioli a Legião de Honra, condecoração que era, ainda àquela época, escrupulosamente concedida.

Foi oficial da ordem da Rosa e cavaleiro da ordem do Cruzeiro, além de ter tido a medalha da campanha do Paraguai. Conta-se entre seus descendentes que ao fim do Império o visconde de Rio Branco, seu amigo pessoal, falecido em 1880, teria proposto ao governo imperial que fosse concedido ao Coronel Accioli o título de barão de Accioli, o que se faria, enfim, no último gabinete Ouro Preto, mas se teria frustrado com o golpe militar de Deodoro. Este título, cuja promessa de concessão, ou concessão talvez truncada em algum momento do processo se conserva na memória da família [19], é confirmado na menção que faz Alberto Rangel a Francisco de Barros e Accioli de Vasconcellos como “barão de Accioli,” no catálogo dos documentos da casa imperial no castelo d’Eu [110].

Fundador e primeiro presidente do “Círculo Alagoano” do Rio de Janeiro, possuía uma grande casa na que é hoje a rua Pinheiro Machado, antigamente rua Guanabara, em frente ao Palácio Guanabara, cujos tetos foram pintados por pintores franceses especialmente contratados na França, o que sugere que seus rendimentos relacionavam-se às terras familiares em Alagoas, e não se restringiam aos proventos de aposentado no serviço público. Esta casa possuía na sua varanda um sino que era tocado, para que fosse ouvido na rua, quando o Coronel Accioli se sentava à mesa, convidando (à maneira de um senhor de engenho) os passantes a se sentarem com ele à sua mesa. Lourão, vermelho, de olhos claros, azuis—como seu sobrinho-neto Roberto Accioli (no § 8.1), era chamado pelos netos “Vovozinho,” à exceção de Alair Antunes, que o tratava por “Botão de Rosa.”

Casou-se em 8 de Fevereiro de 1872 no Rio (Santana 1, 241v) com Maria do Carmo do Valle, n. no Rio c. 1855 e † 1925, filha de João Maria do Valle, fidalgo cavaleiro da casa real de D. Pedro V em Portugal, com carta de brasão de armas passada em 5 de Março de 1860 (partido: I, Valles; II, Leites, antigo; por diferença uma brica de prata com arruela de azul; elmo de prata aberto e guarnecido de ouro, paquífe das cores e metais, e por timbre o dos Valles), e de sua mulher Antonia Brandina de Castro Pessoa, natural da província de São Paulo, n.c. 1825, filha do sargento-mor Gabriel Henrique Pessoa, natural de Lisboa, e de sua mulher Delfina de Castro⁴. Nascera João Maria do Valle em Lisboa em 1809, e faleceu no Rio em 20 de Maio de 1872, sendo sepultado no cemitério do Catumbi e depois tendo seus restos trasladados para o S. João Baptista. Casara-se com Antonia Brandina no Rio, em 15 de Agosto de 1849 (Santa Rita 4, 215).

É interessante deixarmos aqui o registro do inteiro teor da carta de brasão que teve João Maria do Valle, não só pelo gostoso de sua linguagem num *pastiche* arcaizante, quanto pelo que diz (e não diz) das origens (provavelmente nada nobres) do armigerado Valle [36]:

D. Pedro por graça de Deus rei de Portugal, Algarves & c. Faço

⁴Dita ser, na memória familiar, uma prima co-irmã de Domitilla de Castro Canto e Mello, a marquesa de Santos, a quem *tia Mariquinhas*, nora de João Maria do Valle, chamava sempre “ó aquela.”

saber aos que esta minha carta de brasão de armas de nobreza e fidalguia virem: que João Maria do Valle, natural de Lisboa, fidalgo cavaleiro de minha real casa, comendador da ordem de N. S. da Conceição de Vila Viçosa, me fez petição dizendo que pela sentença de justificação de sua nobreza a ela junta, proferida e assinada pelo juiz de direito da quarta vara da comarca de Lisboa, o doutor José Antonio Ferreira Lima, subscrita por José Maria de Seita e Sá, um dos escrivães do mesmo juízo, se mostrava que ele é filho legítimo de José Antonio do Valle,⁵ cavaleiro das ordens de Cristo e da Conceição, chefe de repartição da secretaria de estado dos negócios do reino, e de sua mulher dona Maria do Carmo do Valle; neto por parte paterna de José Antonio do Valle, proprietário, e de sua mulher dona Ana Teodora do Valle; neto por parte materna de José da Cunha Leite, proprietário, e de sua mulher dona Inês Maria da Cunha Leite. E que os referidos seus pais, avós e mais ascendentes são pessoas nobres e ilustres das famílias dos Valles e dos Leites, e como tais se trataram sempre à lei da nobreza com armas, criados, cavalos e com toda a mais ostentação própria dela, sem que em tempo algum cometessem crime de lesa majestade divina ou humana. Pelo que me pedia ele, suplicante, por mercê que para a memória de seus progenitores se não perder e para clareza de sua antiga nobreza lhe mandasse dar minha carta de brasão de armas das ditas famílias, para delas também usar na forma que as trouxeram e foram concedidas aos ditos seus progenitores. E vista por mim a sua petição e sentença e constar de tudo o referido que a ele, como descendente das mencionadas famílias, lhe pertence usar e gozar de suas armas, segundo o meu regimento e ordenação da armaria, lhe mandei passar esta minha carta de brasão delas, na forma em que aqui vão brasonadas, divisadas e iluminadas, segundo se acham registadas no livro de registo das armas da nobreza e fidalguia destes reinos, que tem o meu rei de armas Portugal, a saber: um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Valles, que são em campo vermelho, três espadas de prata com as guarnições de ouro, postas em três palas, com as pontas para baixo; na segunda as armas dos Leites, que são em campo verde três flores de liz de ouro, postas em roquete. Elmo de prata aberto guarnecido de ouro. Paquife dos metais e cores das armas. Timbre das armas dos Valles, que são as mesmas três espadas em roquete, fincadas no elmo e atadas com um torçal sanguinho. O qual escudo e armas poderá trazer e usar tão somente o dito João Maria do Valle, assim como as trouxeram e usaram os ditos nobres e antigos fidalgos seus antepassados em tempo dos senhores reis meus antecessores, e com elas poderá exercer todos os atos lícitos da guerra e da paz. E assim mesmo as poderá mandar esculpir em seus firmas, aneis, sinetes e divisas,

⁵Natural de Tomar.

pô-las em suas baixelas, reposteiros, telizes, casas, capelas e mais edifícios, e deixá-las gravadas sobre sua própria sepultura, e finalmente se poderá servir, honrar, gozar e aproveitar delas em tudo e por tudo como à sua nobreza convem. Com o que quero e me praz que haja ele todas as honras, privilégios, liberdades, graças, mercês, isenções e franquezas que hão e devem haver os fidalgos e nobres de antiga linhagem, e como sempre de tudo usaram e gozaram os ditos nobres seus antepassados. Pelo que mando a todos os juizes e mais justiças destes meus reinos, e em especial aos meus reis de armas, arautos e passavantes, e a quaisquer outros oficiais e pessoas a quem esta minha carta for mostrada e o conhecimento dela pertencer, que em tudo lha cumpram e guardem e façam inteiramente cumprir e guardar como nela se contem, sem dúvida nem embargo algum que a ela seja posto, porque assim é minha mercê. El-Rei o mandou, por Joaquim José Valentim, rei de armas Índia, servindo de rei de armas Portugal. E não pagou direitos de mercê em virtude do disposto no artigo quinto da carta de lei de vinte e seis de março de mil oitocentos e quarenta e cinco. Henrique Carlos de Campos, escrivão da nobreza destes reinos e seus domínios a fez escrever e subscreveu em Lisboa aos cinco de março de mil oitocentos e sesenta.

E eu, Henrique Carlos de Campos, a fiz escrever e subscrevi.

Joaquim José Valentim.

Registado a fls. 81 do livro 9º do registo geral de brasões de armas da nobreza e fidalguia destes reinos e seus domínios. Lisboa, 30 de março de 1860. Henrique Carlos de Campos. Selo com as armas do reino.

Pagou vinte mil reis de selo, e dois mil reis de imposto. Lisboa, 27 de março de 1860. Lobo.

A ascendência de João Maria do Valle, como se vê, é ignorada além de meados do século XVIII; não era “nobre de antiga linhagem.” Sua carta de brasão, no entanto, sugere-lhe uma família de pequenos proprietários rurais que prosperaram e foram nobilitados após sua entrada na burocracia do estado, recebendo então os foros de fidalgos, o hábito de Cristo e a comenda da Conceição.

Francisco de Barros e Maria do Carmo, “Nhanhã,” foram os pais de:

- 22. Quintilla do Valle e Accioli de Vasconcellos, que segue no § 9;
- 22. Lucilla do Valle e Accioli de Vasconcellos, no § 10;
- 22. Inesilla do Valle e Accioli de Vasconcellos, no § 11;
- 22. Filenilla do Valle e Accioli de Vasconcellos, “Caçulinha,” nascida em 10 de Outubro de 1884 e falecida em 1977, solteira, s. g.; e
- 22. Altamir do Valle e Accioli de Vasconcellos, que segue.

Por que estes prenomes pouco habituais ? *Quintilla* é um prenome latino; *Lucilla* é o nome da tia paterna, Lucilla Accioli Cahet; *Inesilla* provavelmente se seguiu para manter a rima; *Filenilla* é uma versão latina feminina e distorcida do prenome grego masculino *Phílon* (donde a forma correta *Philonilla*). Várias capelas, na região de Serinhaem, homenageiam uma *Santa Philonilla*, que no entanto não está no hagiológico—talvez se haja feito alguma confusão com a também inexistente Santa Filomena, cujo suposto túmulo teria sido descoberto em 1808.

XXII. ALTAMIR DO VALLE E ACCIOLI DE VASCONCELLOS nasceu no Rio de Janeiro em 31 de Janeiro de 1890 (com registro na Glória, **14**, 56v), e no Rio faleceu em 18 de Novembro de 1935, na Casa de Saúde Dr. Eiras [9]. Guarda-marinha em 1912, chegou no serviço ativo da marinha ao posto de capitão de corveta, em 1933; suas últimas funções foram a de imediato do cruzador *Bahia* e a de diretor da Escola de Educação Física da Marinha, esta última em 1934.

Imediato do cruzador *São Paulo*, fez parte da tripulação que transportou ao Brasil o rei da Bélgica, Albert I, sua mulher, a rainha Elizabeth, e o príncipe Léopold, em 1920, com eles retornando à Europa [9]. Foi então feito cavaleiro da Ordem da Coroa da Bélgica, em atenção a seus serviços, em 30 de Outubro de 1920. De volta ao Brasil no *São Paulo*, ainda em 1920, acompanhou os corpos de d. Pedro II e de d. Teresa Cristina para serem aqui enterrados:

Chegou [o cruzador] a Lisboa às 12 horas e 15 minutos do dia 19 de Dezembro. Depois de receber a bordo os restos mortais dos ex-imperadores do Brasil, D. Pedro II e D. Teresa Cristina, e os srs. conde d’Eu, D. Pedro de Orléans e Bragança, e barão de Muritiba, saiu de Lisboa às 19 horas do dia 22 de Dezembro, e tendo tocado em São Vicente, Cabo Verde, onde chegou às 20 horas e 20 minutos de 28, e de onde partiu às 18 horas e 28 minutos de 29 de Dezembro, tudo de 1920.

Chegou ao Rio de Janeiro às 8 horas de 8 de Janeiro de 1921.

(Acréscitou-se o que está entre colchetes.)

Filho de Francisco de Barros e Accioli, tinha o apelido *Chico* em família. Nunca se casou. Tinha um anel de sinete com as armas do avô materno, do qual nunca se separava, e que deu de presente antes de morrer para uma manicure com quem vivia. Dizia, “família só em retrato na parede, e de antepassado, que já morreu há muito tempo e não chateia.”

8.1 *Dois Professores*

XXI. JOSÉ DE BARROS E ACCIOLI DE VASCONCELLOS, filho de José de Barros Accioli, no § 8, XX, casou-se com Guilhermina Braga. Pais de:

XXII. JOSÉ CAVALCANTI DE BARROS ACCIOLI nasceu em Porto Alegre (Rio Grande do Sul) c. 1878. Foi professor catedrático do Colégio Pedro II; em

Petrópolis, no Palácio Izabel, antiga residência dos condes d’Eu, dirigiu entre 1920 e 1930 o *Ginásio Petropolitano*, ao qual sucedeu, no Rio, o *Colégio Accioli*. Casou-se duas vezes. Primeiramente, no Rio (São Cristóvão **5**, 14, e **6**, 55v), com Celina Dutra, filha de Alfredo Bernardino Dutra e de sua mulher Joana do Vale. Pela segunda vez, em 2 de Maio de 1908, na Candelária (Engenho Velho, **14**, 114), casou-se com Arabela Bandeira de Gouveia, † 10 de Dezembro de 1960, filha de Leopoldo Bandeira de Gouveia e de sua mulher Evangelina Correia de Brito

Do segundo casamento, pais de:

- 23. Roberto Bandeira Accioli, que segue;
- 23. José Cavalcanti de Barros Accioli Filho; e
- 23. Laura Bandeira Accioli.

XXIII. ROBERTO BANDEIRA ACCIOLI nasceu no Rio em 17 de Janeiro de 1910. Bacharel em direito pela Faculdade Nacional de Direito (Rio de Janeiro); professor suplementar do Colégio Pedro II, e em seguida professor catedrático de história do mesmo colégio. Foi secretário de educação da antiga Prefeitura do Distrito Federal, no Rio, diretor de ensino secundário do MEC e diretor do Externato Pedro II, além de presidente do IBGE e membro do Conselho Federal de Educação. Na primeira administração Brizola, no Rio (1982–1986), foi subsecretário estadual de cultura, e membro do Conselho Estadual de Cultura. Era amigo pessoal de Getúlio Vargas, e de seu filho Lutero [13].

Casou-se com Maria da Glória de Paes Leme Gierkens, nascida em 12 de Setembro de . . . , e falecida em 1986, de quem teve dois filhos:

- 24. Roberto César, falecido; e
- 24. Lucia Marina Accioli, nascida em 1945, com curso de dança clássica em Nova York. Casou com Michael Forster Reusch, norte-americano, doutor em física pela Columbia University, e professor no Instituto de Física da Universidade Federal Fluminense, c. g.

9 O Ramo de Quintilla

XXII. QUINTILLA DO VALLE E ACCIOLI DE VASCONCELLOS, *Mãe Nenenzinha* (porque teve o primeiro filho aos 17 anos), filha do Coronel Accioli, no § 8, XXI, nasceu em 1874 no Rio (Santo Antonio, **3**, 52v), e casou-se em 8 de Fevereiro de 1890 (Glória, **7**, 112v) com o engenheiro Humberto Saraiva Antunes, membro da expedição que trouxe para o Rio o meteorito *Bendengó*, caído no interior da Bahia no século XVIII, e filho de José Saraiva Antunes. C. g.

Pais de:

- 23. Almir Accioli Antunes, que segue;
- 23. Alair Accioli Antunes, no § 9.1;

- 23. Berenice Accioli Antunes, no § 9.2;
- 23. Zaïde Accioli Antunes, no § 9.3;
- 23. Carmen Accioli Antunes, no § 9.4;
- 23. Myriam Accioli Antunes, no § 9.8; e
- 23. Quintilla Accioli Antunes, *Tilinha*, solteira, †1970.

XXIII. ALMIR ACCIOLI ANTUNES nasceu em 1891, tendo falecido em 1961. Casou com Maria Gusmão, filha de Manuel Gusmão, e irmã de seu cunhado Manuel Gusmão Filho (§ 9.8, XXIII). Pais de:

- 24. Almir Gusmão Antunes, que segue; e
- 24. Mario Gusmão Antunes, que casou com Lila Brandão; desquitados.

XXIV. ALMIR GUSMÃO ANTUNES, *Bizinho*, médico, casou-se com Charitas (*Tati*) Mendes Pimentel, filha de Álvaro Mendes Pimentel. Pais de:

- 25. Álvaro Pimentel Antunes, que se casou com Rachel... Pais de:
 - 26. Marcelo;
- 25. Lúcia Pimentel Antunes, que se casou com Pedro Villela. Pais de:
 - 26. Flávio Antunes Villela.

9.1 *Alair Accioli Antunes*

XXIII. ALAIR ACCIOLI ANTUNES, *Nenho*, filho de Quintilla Accioli (§ 9, XXII), nasceu em 1892, e faleceu em 2 de Junho de 1972. Era médico. Foi secretário de educação da antiga prefeitura do distrito federal, durante o segundo governo Vargas, e durante muito tempo presidiu o conselho deliberativo do Fluminense Football Club, em frente à sua casa, clube onde era grande benemérito.

Casou com Sylvia, filha de Afrânio Galdino do Valle. Pais de:

- 24. Sergio do Valle Antunes, engenheiro, que casou com Maria Teresa Henriqueta Soares de Moura. Pais de:
 - 25. Sergio, e
 - 25. Sylvia Teresa; e
- 24. Tania do Valle Antunes, que casou com Paulo Bernardes Martins Lindoso.

9.2 *Berenice e Sylvio Piergili*

XXIII. BERENICE ACCIOLI ANTUNES, filha de Quintilla Accioli (§ 9, XXII), faleceu em 7 de Junho de 1963. Casara-se com o maestro italiano Sylvio Piergili, † 1962, durante muito tempo regente-ensaiador dos coros e, enfim, diretor do Teatro Municipal do Rio. Pais de:

XXIV. ANNA MARIA ANTUNES PIERGILI, que se casou com Paolo Mezzaroma, italiano como o sogro, desquitados. Pais de:

25. Alessandro Giuseppe Sylvio Piergili Mezzaroma, que se casou com Marie-Anne van Parys, belga. Pais de:

26. Anne Caroline Paola Jeanne Dominique van Parys Piergili Mezzaroma, nascida em 1972;

25. Paola Mathilde Berenice Piergili Mezzaroma, nascida em 1955, casada.

9.3 *Zaide e Luiz Montenegro*

XXIII. ZAÏDE ACCIOLI ANTUNES, filha de Quintilla Accioli (§ 9), falecida em 11 de Novembro de 1975, casou-se em 2 de Fevereiro de 1928 com Luiz Pinto de Miranda Montenegro, nascido em 19 de Maio de 1889 e falecido em 1977, filho de Manuel Pinto de Miranda Montenegro, nascido em 28 de Outubro de 1861 e falecido em 25 de Agosto de 1933), e de sua mulher Sophia Emilia de Ipanema Moreira; neto paterno de Ayres Pinto de Miranda Montenegro, † 19 de Março de 1873, e de sua mulher Antonia Carolina de Castro Netto da Cruz, filha dos barões de Muriaé; neto materno dos barões de Ipanema, e sendo Ayres Pinto de Miranda Montenegro filho de Caetano Pinto de Miranda Montenegro, 2º visconde de Vila Real da Praia Grande, da família que é reconhecida como a representante dos parentes de Santo Antonio de Lisboa. Para sua ascendência nos Bulhões ver [73]. (Com cuidado: há com certeza enganos nas primeiras gerações daqueles Bulhões; a genealogia, no entanto, é confiável desde o século XIV.)

Os Pintos de Miranda Montenegro possuem a seguinte longa e fascinante ascendência [65]:

1. *Egas Mendes*, dito “de Gundar,” esteve na batalha do Ourique junto a D. Afonso Henriques, de modo que o situamos, a este ancestral, em 1127. C.c. Mor Pais “Pinto,” filha de Paio Soares, “o Pinto,” morador na Feira. Pais de:
2. *Rui Viegas*, “Pinto,” teve casais [casas de moradia cercando o seu senhorio] na Feira. Viveu ao tempo de s. Afonso Henriques e de D. Sancho I. Pai de:
3. *Gonçalo Rodrigues Pinto* vivia em Ferreiros de Tendais. Pai de:

4. *Soeiro Gonçalves Pinto*, que foi o pai de:
5. *Garcia Soares Pinto*, contemporâneo de D. Diniz *o lavrador* (fins do século XIII e começos do XIV). É o personagem no qual principia com maior segurança esta genealogia. Viveu em Chaves, e casou com Margarida Gomes de Abreu, filha de Rui Gomes de Abreu, sr. de Regalados. Pais de:
6. *Vasco Garcez Pinto*, sr. da Torre da Chão, e do Paço de Cuvelas, e padroeiro do convento de Tarouquela. C.c. Urraca Vasques de Sousa, filha de Rui Vasques de Panoias. Pais de:
7. *Aires Pinto* [I], primeiro com este prenome obsessivo. Sr. de Ferreiros de Tendais, c.c. Constança Rodrigues. P.d.:
8. *Gonçalo Vaz Pinto*, que era ligado à casa de Bragança, aos duques D. Fernando e D. Jaime, aos quais possivelmente era aparentado nos Pereiras por sua mãe. Foi alcaide-mor de Chaves, e casou com Catarina de Melo, filha de Martim Afonso de Melo e de s.m. Brites de Sousa. Pais de:
9. *Pedro Pinto*, que teve casas em Alafões. C.c. Branca de Almeida. Pais de:
10. *Aires Pinto* [II], que era com certeza destes, mas cuja filiação possui algumas dúvidas nos nobiliários. C.c. Branca Gil de Almada, ou de Almeida (há confusão também aqui). Pais de:
11. *Fernão Pinto* [I]. Foi f. c. c. r. e padroeiro do Real. C.c. Brites Fernandes Andorinho, de quem era parente. Pais de:
12. *Fernão Lopes Pinto* [II], terceiro padroeiro do Real, armado cavaleiro em Tânger. C.c. Mécia da Costa, filha (possivelmente) de Afonso da Costa de Miranda. Pais de:
13. *Gaspar Pinto de Miranda* [I], f. c. c. r. por alvará de 4 de Março de 1534. C.c. Lucrecia de Sampaio, filha de Gonçalo Rodrigues de Figueiredo e de s.m. Francisca de Sampaio. Pais de:
14. *Heitor Pinto de Miranda*, que c.c. Ana Beliago, filha de Gaspar Carneiro Baldaia, que fez um vínculo de seus bens em 1553. Pais de:
15. *Gaspar Pinto de Miranda* [II], que c.c. Maria Ribeiro Gaio, filha do bispo de Málaga e governador interino da Índia, o genealogista e poeta D. João Ribeiro Gaio, filho de Pedro Afonso de Lessa e de s.m. Filipa Martins Gaio. Pais de:
16. *Pantaleão Pinto de Miranda*, que foi cavaleiro de Malta, e assim teve que fazer voto de castidade. Mas viveu com uma prima, Maria de Sousa da Silva, filha de Fernão Ribeiro Soares, sr. da quinta da Boavista, e de s.m. Jerônima da Silva a diversos filhos bastardos. Fora f. c. c. r. em 1629. Foi seu filho, e de sua prima:

17. *Gonçalo Vaz Pinto de Miranda*, que c.c. Lourença Clara da Silva Baldaia, filha de Baltazar da Silva Pereira, morgado de Canelas, e de s.m. Antonia Teresa de Andrade Baldaia. Herdou a quinta da Boavista e mais os bens de seu pai, capitão-mor de Paiva; foi fidalgo escudeiro em 1667; fora legitimado em 1635 pelo então duque de Bragança, D. João IV. Pais de:
18. *Martinho José Pinto da Silva e Miranda*, f. c. c. r., que casou por amores com sua parenta Maria Isabel (ou Euzébia) Pereira de Castro e Montenegro, filha de Bento Pereira Sotomaior e de s.m. Luiza de Vasconcelos Pereira. Pais de:
19. *Bernardo José Pinto de Meneses de Sousa Melo e Almeida Correia de Miranda Montenegro*, que c. em 1754 c. Antonia Matilde Ribeiro Pereira Soares de Bulhões, herdeira dos *Bulhões*, e filha de Caetano Manuel Pereira Ribeiro Soares de Bulhões e de s.m. Maria Eusébia de Meneses; n.p. de Antonio Ribeiro Pereira de Bulhões, sr. da casa da Serrada, e de s.m. Luiza de Carvalho; bn.p. de Fernando Ribeiro Soares de Bulhões (casado com Margarida de Vasconcelos, sr. da quinta da Serrada no concelho de Paiva), filho de Fernando de Miranda e de s.m. Antonia de Bulhões, herdeira de Belchior de Bulhões, sr. da Serrada, sendo Fernando de Miranda neto materno de Fernão Lopes Pinto, supra, 12. Pais de:
20. *Caetano Pinto de Miranda Montenegro* [I] (1748–1827), primeiro visconde e primeiro marquês de Vila Real da Praia Grande, casado (por amores) com Antonia Francisca Gurgel do Amaral. Pais de:
21. *Caetano Pinto de Miranda Montenegro* [II], segundo visconde, supracitado.

Luiz Montenegro era funcionário do Banco Francês Italiano. Durante breve período, nos anos 30, militarava no integralismo, tendo-se envolvido no *putsch* de 1938. Zaïde, brilhante e extremamente inteligente, deixou inéditos romances no gênero *Bibliothèque Rose*, em francês, escritos quando era adolescente.

Pais de:

24. George Luiz, nascido em 14 de Maio de 1929, e falecido criança; e
24. Manoel Pinto de Miranda Montenegro Neto, *Nelito*, nascido em 11 de Maio de 1931, engenheiro e professor. Casou com Judith Preuss. Pais de:
 25. George Luiz Pinto de Miranda Montenegro;
 25. Teresa Cristina, e
 25. Regina Lúcia.

9.4 *Carmen e José Montenegro*

XXIII. CARMEN ACCIOLI ANTUNES, filha de Quintilla Accioli (§ 9, XXII) casou-se com José Carlos Pinto de Miranda Montenegro, irmão de seu cunhado Luiz (§ 9.3, XXIII), nascido no Rio em 23 de Março de 1900, onde †1963. Era engenheiro civil.

Foram os pais de:

- 24. Humberto Manoel Pinto de Miranda Montenegro, *Betinho*, que segue;
- 24. Regina Pinto de Miranda Montenegro, no § 9.5;
- 24. Gilda Pinto de Miranda Montenegro, no § 9.6; e
- 24. Maria Thereza Pinto de Miranda Montenegro, no § 9.7.

XXIV. HUMBERTO MANOEL PINTO DE MIRANDA MONTENEGRO, *Betinho*, nasceu no Rio em 29 de Março de 1926. É engenheiro. Casou-se com Yolanda Coelho Bouças, filha de Valentim Fernandes Bouças e de sua mulher Djanira Coelho. Pais de:

- 25. Humberto Bouças Montenegro, que casou com Anna Beatriz de Freitas Aguiar. Pais de:
 - 26. Priscilla,
 - 26. Talita.
- 25. José Carlos Pinto de Miranda Montenegro Neto, que casou com Patrícia Niemeyer; divorciados. Pais de:
 - 26. Paula,
 - 26. Andrea.
- 25. Ayres Pinto de Miranda Montenegro.

9.5 *Regina e Raul Braga*

XXIV. REGINA PINTO DE MIRANDA MONTENEGRO, filha de Carmen Antunes (§ 9.4, XXIII) nasceu no Rio em 16 de Maio de 1929. Casou com Raul Murgel Braga, filho de Odylon Braga, advogado e deputado federal pela UDN, e de sua mulher Irene Saldanha da Gama Murgel, dos condes da Ponte, também descendente de Sebastião Carvalho, o primeiro marquês de Pombal. Pais de:

- 25. Patrícia, que casou com Adolfo Cavalcanti de Lacerda. Pais de:
 - 26. Eduardo,
 - 26. Marcos.
- 25. Claudia, casada com Paulo Pereira. Pais de:

- 26. Pedro Braga Pereira, nascido em Novembro de 1975;
- 25. Luciana, casada com Alvaro de Niemeyer. Pais de:
 - 26. André,
 - 26. João.
- 25. Márcia, casada com Nelson Brasil. Pais de:
 - 26. Mariana, e
 - 26. Roberto.
- 25. Flávia.

9.6 *Gilda e Antonio Paes de Carvalho*

XXIV. GILDA PINTO DE MIRANDA MONTENEGRO, filha de Carmen Antunes (§ 9.4), nasceu no Rio em 25 de Novembro de 1934. Casou com Antonio Paes de Carvalho, médico e cientista, filho do médico cirurgião Pedro Paulo Paes de Carvalho e de sua mulher Carlota de Sousa Lopes, casados em 1919, ela bisneta de Irineu Evangelista de Sousa, visconde de Mauá.

Antonio Paes de Carvalho é professor titular do Instituto de Biofísica *Carlos Chagas Filho* da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que dirigiu de 1981 a 1984. Foi membro do conselho universitário da mesma universidade, e também do conselho federal de educação. Criou a Fundação Bio-Rio, que está implantando um polo de indústrias de ponta na área das biociências no Rio, e é presidente da correspondente associação classista de empresas.

Antonio Paes de Carvalho nasceu no Rio em 13 de Junho de 1935. Formou-se em medicina pela antiga Faculdade Nacional de Medicina em 1959, e lá recebeu, em 1961, o grau de doutor em biofísica. De 1961 a 1964 esteve na SUNY (State University of New York), onde foi professor assistente visitante no departamento de fisiologia. De volta ao Brasil, recebeu o título de livre-docente pela antiga Universidade do Brasil em 1964. Em 1977 prestou concurso público para a posição de professor titular do Instituto de Biofísica da UFRJ. Foi professor visitante na Columbia University (1968, 1979) e na Harvard University (1978–1979), num programa conjunto com o MIT. É membro titular da Academia Brasileira de Ciências e da Academia Nacional de Medicina.

Voltando-se para atividades empresariais, foi o fundador e idealizador da Biomatrix S. A., primeira empresa brasileira de biotecnologia vegetal, hoje no grupo Agrocere. Em seguida organizou o Bio-Rio, polo de biotecnologia do Rio de Janeiro, de cuja entidade gestora, a Fundação Bio-Rio, é o secretário geral.

Gilda e Antonio são os pais de:

- 25. Mônica Paes de Carvalho, casada com Sergio Roberto Weyne Ferreira da Costa. Pais de:
 - 26. Sophia.
- 25. Isabella.

9.7 *Maria Thereza e Fernando Pereira da Cunha*

XXIV. MARIA THEREZA PINTO DE MIRANDA MONTENEGRO nasceu em 15 de Novembro de 1936 no Rio, e se casou com Fernando Lourenço Braga Pereira da Cunha, arquiteto, nascido no Rio em 28 de Janeiro de 1935, filho do médico Lourenço José Maria Pereira da Cunha, e de sua mulher Elena Braga, *Joujou*, de nacionalidade uruguaia; neto paterno de José Agostinho Vieira Pereira da Cunha (bisneto este do marquês de Inhambupe, Antonio Luiz Pereira de Cunha), e de sua mulher Maria Augusta Álvares; neto materno de Fernando Fernandes Braga e de sua mulher Bernardina Quadros.

Pais de:

25. Ricardo, nascido em Fevereiro de 1970.

9.8 *Myriam e Manduquinha*

XXIII. MYRIAM ACCIOLI ANTUNES, filha de Quintilla Accioli (§ 9, XXII), casou-se com Manuel Gusmão Filho, *Manduquinha*, filho de Manuel Gusmão e de sua mulher . . . , *dona Miquitinha*.

Faleceu Myriam no Rio em 17 de Janeiro de 1992.

Pais de (única),

XXIV. NORAH ANTUNES GUSMÃO, professora no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, que se casou com Thomaz de Figueiredo Mendes, gastroenterologista, chefe do correspondente serviço na Santa Casa da Misericórdia do Rio.

Pais de:

25. Flávio, Cláudio, Márcio e Marcelo.

10 *O Ramo de Lucilla*

XXII. LUCILLA DO VALLE E ACCIOLI DE VASCONCELLOS, filha de Francisco de Barros Accioli, no § 8, XXI, apelidada *Sinhazinha* ou *Tia Boa* por antonomásia (tinha um temperamento agressivo), casou-se com Eduardo Rabello, professor catedrático de clínica dermatológica na Faculdade Nacional de Medicina, e chefe do correspondente serviço na Santa Casa da Misericórdia no Rio, além de irmão do general Manoel Rabello, ministro do Superior Tribunal Militar e membro do Apostolado Positivista. Nasceu Lucilla no Rio em 16.9.1876, e † na casa da Urca onde residia há muito em 2.2.1953.

Eduardo Rabello, filho, teve como pais a outro Eduardo Rabello (n. no Rio em 10.6.1836, e † no Rio em 3.3.1893. Era, o pai, médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se formou em 1859. Clinicou em Barra Mansa, e lá, em 1867, casou-se com Maria Teodora dos Reis (n. Barra Mansa

em 25.3.1854, † no Rio em 15.7.1915), filha do comendador Celso Eugênio dos Reis e de s.m. Maria Teodora de Queirós. Era Eduardo Rabello, o filho, neto paterno de Manuel Rabello, n. no Porto, e de s.m. Jacinta Maria de Lemos, n. de Pernambuco.

Eduardo Rabello, filho, nasceu em Barra Mansa em 22.9.1870. Doutorou-se em 1902 pela mesma Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com a tese “Hematologia na ancilostomose.” Através de concurso público foi catedrático de dermatologia e de sifilografia da mesma faculdade, cavaleiro da *Légion d’Honneur* e um dos fundadores e primeiro diretores da Fundação Gaffrée-Guinle, no Rio. Morreu em sua casa, à av. João Luiz Alves, 196, na Urca, em 8.8.1940 [16].

Seu inventário abriu uma crise na família do cunhado Raul Doria, que se prolongou aos anos 60 deste século [53].

Pais de:

23. Francisco Eduardo Accioli Rabello, *Quinquim* ou *Francisquinho*. Médico dermatologista, catedrático de dermatologia da Faculdade Nacional de Medicina, hoje Faculdade de Medicina da UFRJ e chefe do serviço de dermatologia da Santa Casa, posições nas quais sucedeu ao pai. Foi o autor da classificação das hanseníases adotada internacionalmente. Nasceu no Rio em 31 de Dezembro de 1905 e no Rio faleceu em Agosto de 1987.

Recebeu o grau de doutor em medicina pela Faculdade Nacional de Medicina em 1926. Foi professor livre-docente de clínica dermatológica e sifilográfica da mesma faculdade, desde 1933, e tornou-se chefe da clínica dermatológica da Santa Casa em 1936, cargo que exerceu até sua aposentadoria em 1975. Chefiou a clínica correspondente na Universidade do Brasil desde 1939, e logo em seguida, em 17 de Outubro de 1941, foi aprovado em concurso público e nomeado catedrático de clínica dermatológica e sifilográfica da Universidade do Brasil. Aposentando-se em 1975 no cargo de professor titular da Faculdade de Medicina da UFRJ, foi em seguida eleito vice-presidente da Policlínica Geral do Rio de Janeiro, função que exerceu até a morte.

Era o redator-chefe dos *Anais Brasileiros de Dermatologia e Sifilografia*; membro de inúmeras sociedades científicas nacionais e internacionais. Participou dos principais congressos internacionais de sua especialidade, o último deles em 1973 em Tóquio, no Japão. Sua bibliografia científica chegava a duas centenas de trabalhos de pesquisa. Era, enfim, membro da Academia Nacional de Medicina.

Adorava música; foi um dos primeiros a ouvir e divulgar, no Brasil, ainda na década de 20, a música de Mahler, cuja sinfonia *Ressurreição* importara na primeira gravação conhecida. Definia medicina como sendo “a ciência das relações entre o homem e seu meio ambiente.”

Casou-se no Rio, em 17.9.1928, com Eunice Paes Barreto, n. no Rio em 25.5.1913, onde † em 1992, filha de Alfredo Marcílio Paes Barreto e de sua mulher Angélica do Couto, s. g.;

23. Maurício Eduardo Accioli Rabello, *Mauricinho*, nascido no Rio em 6 de Março de 1907 e falecido em 1978. Era bacharel em direito pela antiga Faculdade Nacional de Direito, em 1928, e chegou a desembargador do Tribunal de Justiça do Estado da Guanabara. Casou-se em S. Paulo em 28.12.1935 com Jocelyna Guimarães, *Celina*, n. em S. Paulo (SP) em 2.8.1906, filha de José Luiz Guimarães. Pais de:
24. Luiz Eduardo Guimarães Rabello, n. em S. Paulo em 7.10.1936, bacharel em direito em 1959 pela antiga Faculdade Nacional de Direito, atualmente juiz do Tribunal de Alçada do Estado do Rio de Janeiro. Casou com Dayse de Oliveira Lima, n. no Rio em 13.7.1936, filha de Eduardo Oliveira Lima e de Hermínia Cruz Lima; têm uma filha, Monique Lima Rabello, n. no Rio em 19.12.1969.
23. Maria do Carmo Accioli Rabello, *Carminha*, gêmea com seu irmão Maurício. Casou-se no Rio em 8.5.1939 com Armando Martins de Freitas, advogado, nascido em 26.5.1905 no Rio e falecido também no Rio em 1986, filho de Joaquim de Freitas e de s.m. Ana Vieira. Pais de:
24. Armando Martins de Freitas Filho, *Armandinho*, poeta ligado ao movimento *Praxis*, com livros e resenhas publicados. Nasceu no Rio, em 18 de Fevereiro de 1940. Foi pesquisador no Centro de Pesquisas da Fundação Casa de Ruy Barbosa (1970); assessor da área do livro do Departamento de Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura (1974); secretário da câmara de artes do Conselho Federal de Cultura (1975); assessor do Instituto Nacional do Livro (1980), sendo hoje em dia (1992) um dos membros do núcleo de pesquisadores da Biblioteca Nacional.
- Poeta, publicou os seguintes livros de poesia: *Palavra* (1963); *Dual* (1966); *Marca Registrada* (1970); *De Corpo Presente* (1975); *Mademoiselle Furta-Cor* (1977); *A Flor da Pele* (1978); *À Mão Livre* (1979); *Longa Vida* (1982); *A Meia Voz a Meia Luz* (1982); *3 × 4* (1985)—livro com o qual teve o Prêmio Jabuti de Poesia de 1986. E mais, *Paissandu Hotel* (1986); *De Cor* (1988); *Cabeça de Homem* (1991).
- Casou pela primeira vez com Regina Fabriani, n. no Rio em 25.8.1943, filha do prof. Ferruccio Fabriani e de s.m. Célia Régis Bittencourt; divorciados. Pais de:
25. Maria Fabriani Martins de Freitas, que nasceu no Rio em 8.5.1972.
- Casou pela segunda vez com Cristina Lessa de Barros Barreto, do ramo de Francisco Sá, nos Acciolys do Ceará, neta materna de Déa Accioly de Sá e bisneta de Olga Accioly e de Francisco Sá (§ 3.3, XXI). Pais de:
25. Carlos, n. em 1991.

23. Gilda Accioli Rabello, que segue.

XXIII. GILDA ACCIOLI RABELLO, n. no Rio em 31.5.1908, casou em 1928 com Lauro de Sá e Silva, n. 2.4.1904 no Rio, † no Rio em 7.7.1972, filho de Synval de Sá e Silva e de s.m. Laura da Rocha, ambos, médico o filho e engenheiro o pai ([113], p. 10). Pais de:

24. Eduardo Rabello de Sá e Silva, que segue; e

24. Heloisa Maria Rabello de Sá e Silva, n. no Rio em 8.9.1932, e que se casou em 1958 com Ennio Marques Ferreira, n. em 1926 e filho de João Cândido Ferreira e de s.m. Josefina Marques; político, Ennio, no Paraná, onde residem e onde Heloisa Maria é professora aposentada do departamento de matemática da UFPR. Pais de:

25. Lucia (n. 1959), Sílvia (n. 1960) e Paulo Marques Ferreira (n. 2.1.1964).

XXIV. EDUARDO RABELLO DE SÁ E SILVA, *Eduardinho*, n. no Rio em 4.11.1929, é químico industrial. Está há muitos anos radicado nos Estados Unidos, em Miami (Flórida). No Brasil casou-se em 1953 com Leticia Rondon Berardinelli, n. 20.7.1931, filha de Alvaro Berardinelli e de sua mulher Marina Rondon, filha do marechal Cândido Mariano da Silva Rondon.

Pais de:

25. Fernando Berardinelli de Sá e Silva, que nasceu em 12.7.1954 e em 1975 casou-se nos Estados Unidos com ... C. g.;

25. Marina (n. em 15.8.1955), Cláudia (n. em 20.9.1957), Ricardo (n. em 4.7.1959) e Patrícia (n. em 12.9.1963).

11 *O Ramo de Inesilla*

XXII. INESILLA DO VALLE E ACCIOLI DE VASCONCELLOS, *Pequenita*, filha terceira do Coronel Accioli (§ 8, XXI), nasceu no Rio em 5 de Fevereiro de 1882 (Engenho Velho, **11**, 55), e faleceu na mesma cidade em 28 de Outubro de 1946. Casou-se em 27 de Maio de 1899, na casa de seus pais à rua Guanabara, no Rio (Gloria, **9**, 78v), com Raul Moitinho da Costa Doria, natural de Estância, Sergipe, onde nasceu em 18 de Outubro de 1871, capitão da 1ª Companhia do 26º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional, sediada em Estância, e comerciante no Rio, titular da firma *Sobral & Cia*, fornecedores exclusivos do Ministério da Marinha durante a primeira república. Era filho do doutor em medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia (em 1869), Deocleciano da Costa Doria (S. Amaro (?), 17 de Novembro de 1841–Rio, 2 de Agosto de 1920), baiano [59], de uma família documentada em S. Francisco do Conde e em Santo Amaro da Purificação desde os tempos coloniais, deputado provincial por Sergipe e depois chefe do serviço de higiene pública de Santa Catarina, e de sua mulher

Dária de Azevedo Moutinho; neto paterno de José da Costa Doria, bat. 1809 e de sua mulher D. Helena Bernardina de Souza; neto materno do comerciante português Antonio da Silva Moutinho e de sua mulher Turíbia Cassimira de Azevedo, filha esta do cônego Antonio Luiz de Azevedo, português, senhor do engenho *Palmeira*, em Estância, e de sua *common-law wife* D. Jacinta Clotildes do Amor Divino (Turíbia era meia-irmã de Francisco Camerino de Azevedo, o *Voluntário Paisano*, herói da guerra do Paraguai, e também filho do cônego).

A peculiar ascendência destes Dorias baianos, que vai de mercadores genoveses *doublés* de senhores feudais a senhores de engenho acabocladados no fundo do Recôncavo baiano, é descrita em detalhe em [53]. Aqui damos, em resumo, esta linha familiar:

1. *Arduino*. Personagem do qual só conhecemos notícias através de tradições que nos vêm do século XIII. Eis uma delas:

Traggono la loro origine da Arduino, Visconte di Narbona, verso il 1050. Questo visconte passando da Genova per andare crociato a Gerusalemme si ammalò gravemente e fu ospitato in casa di una vedova della famiglia De Volta, dove curato si innamorò di una delle sue due figlie a nome Oria [Orietta] e la tolse per sua. Ebbe da lei un figlio: Ansaldo, che dal nome della madre fu detto “figlio d’Oria.” (A. Scorza, *Le Famiglie Nobili Genovesi*, Forni, 1996, p. 87.)

Outras variantes dão o nome do pai desta Oria (Auria) della Volta; seria certo Corrado della Volta, ou de Volta. Há um fato: nos começos do século XII, as casas dos della Volta e dos Dorias eram lado a lado em Gênova, e sempre houve uma associação política e comercial entre os dois grupos familiares. Mas a narrativa acima, cheia de inconsistências, é factualmente errada. Não há notícia do nome “Arduino” entre os viscondes de Narbonne, nos séculos X e XI; com certeza não existiam cruzados em 1050 (!), e o resto da narrativa é um conto de fadas tradicional, a lenda do peregrino que se apaixona por sua hospedeira. (Arduino é justo o prenome característico da família dos Arduinici, marqueses lombardos e senhores da região de Turim, e este do caput, ainda que semi-lendário, podia na verdade ser um colateral de tal clã.) Segundo a tradição, tiveram três filhos, Pietro, Robaldo, e,

2. *Ansaldo*. Dado como *filius Auriaë*. Este teve igualmente três lhos, Oberto, Martino—este Martino aparece como testemunha junto com Genualdo, que é o abaixo, num documento de 1110, a sentença dada pelos côsules de Gênova, Guidone Spinola e Idone di Carmandino, na causa entre os religiosos da igreja de N. S. delle Vigne, e os arrendatários de suas terras. Aparece também o mesmo Martino, em 1125, fundando a paróquia gentilícia da família, a igreja de S. Mateus, ainda existente. Foi terceiro filho de Ansaldo,

3. *Genualdo*. Dado como *de filiis Auriæ* num documento de 1110. Também dito Zenoardo, Gherardo, Genoardo. Pai de:
4. *Ansaldo Doria*. Personagem historicamente documentado, foi cônsul de Gênova em 1134 e depois em 1147, e como cônsul esteve na tomada que os de Castela fizeram a Almería e Tortosa — pois há muito tinham estes vínculos com a Espanha. Giovanni Scriba refere-se a este, em 1156, seja como Ansaldo Doria, seja apenas como Doria. Casou com Anna ..., filha de Niccolò ... Talvez tenha se casado com uma prima Doria em segundas núpcias. Do primeiro casamento, pais de:
5. *Simone Doria*. Foi cônsul de Gênova seis vezes, entre 1175 e 1188; combateu no assédio a S. João d'Acra ao lado de Filipe Augusto e de Ricardo Coração de Leão, tendo sido escolhido almirante no ano de 1189. Enfim, guiou a frota em Damietta em 1219, junto ao filho Pietro. Segue o outro filho,
6. *Niccolò Doria*. Era, junto a Guido Spinola, o chefe do partido gibelino em começos do século XIII, exercendo ambos o consulado em Gênova em 1265. Filho:
7. *Emmanuele Doria*. Atestado de início em 1227, tentou em 1241, junto com o irmão Ingo, derrubar o governo guelfo em Gênova. Fracassando, foram os dois banidos da pátria durante dez anos. Casou com Alda, filha de Oberto Vento (de uma família originária de Benevento e fixada em Gênova no começo do século XII). Pais de:
8. *Babilano Doria*. Atesta-se em 1251. Casado com Barbara..., teve dois filhos conhecidos: Niccolò Doria, ancestral da linha da qual descende o grande Andrea Doria, e
9. *Federico Doria*. Atestado em Gênova em 1297. Obscuro, teve seis filhos homens conhecidos, dos quais segue:
10. *Percivale Doria*. Atestado em 1297, no mesmo ato notarial onde comparece seu pai. Obscuro. Pai de:
11. *Giano Doria*. Pai de:
12. *Aleramo Doria*. Casou com Andreola... Pais de:
13. *Leonello Doria*. Casou com sua prima Eliana Doria, filha de Niccolò di Accio Doria. Tiveram o filho:
14. *Aleramo Doria*. Segundo do nome, casou com Giacobba, filha de Melchiorre ou Marchio Vivaldi, que já era viúva em 1461.⁶ Três filhos em Battilana, dos quais:

⁶Até este ponto, a fonte para esta genealogia é a “Famiglia Doria,” no tratado de Battilana.

15. *Francesco Doria*. Casou com Gironima Centurione, filha do grande banqueiro Luigi Centurione Scotto e de sua mulher Isabella Lomellini. Luigi Centurione recebe em 1471, junto a Eliano Spinola (casado com Argenta, irmã de Isabella; filhas de Battista Lomellini e de Luigia Doria, prima, no 2o. grau misto com 4o., do grande Andrea Doria) e a Baldassare Giustiniani, o direito de explorar o alume de Tolfa, que pertencia ao papado. Para aplicar seus ganhos, envia à Madeira, em 1478, Cristoforo Colombo como seu agente, para comprar caixas de açúcar, e apesar do insucesso deste negócio específico, permanece até o fim da vida ligado ao almirante (Luigi Centurione morre em 1499). O genro, Francesco Doria, supra, é o banqueiro de Sevilha que financia a parte de Colombo na viagem de Nicolau Ovando à América em 1502, e igualmente identifica-se ao pai de Cristóvão Doria, navegador natural de Faro, no Algarve.⁷
16. *Aleramo Doria*. Filho de Gironima Centurione, terceiro do nome Aleramo, nascido antes de 1508 em Gênova, é atestado num padrão de juro de 1.1.1557, passado em nome de D. João III em Lisboa, dando-lhe 80\$ 000 rs perpétuos sobre a alfândega de Lisboa. Neste padrão é dado como “genovês, vizinho da cidade de Gênova e lá morador,” e tem como agente em Lisboa a Benedetto Centurione. D. João III diz ainda que Aleramo Doria financiou-lhe, “a câmbio,” em parte, as expedições portuguesas à frica e à sia. Casou com Benedetta, filha de Alessandro Cattaneo, c.g. do casamento.⁸
17. *Clemenza Doria*. N.c. 1535 provavelmente em Gênova, †após 1591 em Salvador. “Criada da rainha D. Catarina,” mulher de D. João III, Clemenza passou ao Brasil em 1553, onde casou duas vezes, c.g. Da primeira, com Sebastião Ferreira; da segunda, com Fernão Vaz da Costa, filho de Lopo Alves Feyo e de D. Margarida Vaz da Costa, e primo de D. Duarte da

⁷Para a filiação de Francesco Doria, seu casamento com Gironima di Lodisio [Luigi] Centurione Scotto, e filhos, como Aleramo (abaixo), ver Natale Battilana, “Famiglia Doria,” tav. 36, in *Genealogie delle Famiglie Nobili di Genova*, repr. A. Forni, 1971.

C. Varela, ed., *Cristóbal Colón: Textos Completos*, 2a. ed., Madrid (1984): doc. LX, p. 308 [Colombo, carta a Diego, seu filho, onde comenta que um Francisco Doria, de Sevilla, ajuda a financiar-lhe o oitavo na expedição de Ovando. Dada a proximidade de Colombo a Luigi Centurione, seria este Francesco Doria o genro do banqueiro Centurione, neste ítem; citado em C. Varela, *Colón y los Florentinos*, Alianza, 1989, p. 51.]

‘Ludovico Centurione, nobile,’ pedido de depoimento de ‘Cristofforus Columbus civis Ianuæ,’ estabelecido em Lisboa; em Gênova, 25.8.1479. Ver E. Pandiani, ed., *Antonii Galli, Commentarii de Rebus Genuensium et de Navigatione Columbi*, ed. Muratori, Città di Castello, 1911. Resumo em L. F. Farina e R. W. Tolf, *Columbus Documents: Summaries of Documents in Genoa*, Omnigraphics (1992).

⁸Ver supra, N. Battilana, “Famiglia Doria,” tav. 36, loc. cit. Dá a paternidade de Aleramo, mas não cita a filha que segue.

‘Alarame’ Doria, padrão de juro de 1.1.1557, 80\$ 000 rs sobre a alfândega de Lisboa; ANTT. A raridade do nome permite identificar ‘Alarame Doria’ com este Aleramo, de um ramo da família há muito com interesses na região; vide supra. Este Aleramo Doria (“Alarame,” “Laramo”) é identificado ao “Lourenço” de Oria que é o pai da “criada da rainha D. Catarina” Clementia de Oria.

Costa. Filha de ‘Lourenco de Oria,’ identificado a Aleramo Doria supra.⁹

18. *Cristóvão da Costa Doria*. Do segundo casamento: batizado na Sé de Salvador em 1560, † após 1606, segundo filho de Clemenza Doria e de Fernão Vaz da Costa, c.c. Maria de Meneses, filha de Jerônimo Moniz Barreto de Meneses e de sua primeira mulher Mécia Lobo de Mendonça.¹⁰ Filha:

19. *D. Antonia Doria de Meneses*. Bat. 1606 em Salvador, † após 1648. C.c. Antonio Moreira da Gamboa, n. e † na Bahia, n.c. 1590 e † após 1648. Filho de Martim Afonso Moreira, n.c. 1550 em Setúbal (Portugal) e † depois de 1622 em Salvador, quando vendeu aos frades franciscanos terras para a construção de seu convento. F.c.c.r., chegou ao Brasil numa viagem cujo destino era a Índia, em 1567, casado com Joana de Gamboa; depois c.c. com Luiza Ferreira Feio. Era filho de Antonio Moreira, f.c.c.r., dos Moreiras de Cerolico de Basto.¹¹ Filho primogênito:

20. *Martim Afonso de Mendonça*. F.c.r., apud Jaboatão, irmão da Santa Casa da Misericórdia de Salvador em 1672; n.c. 1635. C.(1) c. Inês de Carvalho Pinheiro, s.g. C.(2) c. Brites Soares, c.g. Em 1665, no Monte Recôncavo, c.(3) c. Joana Barbosa.¹² Filho caçula,

⁹Cf. ‘Laramo,’ ‘Loramo’; devido à semelhança gráfica de um e outro nomes, na escrita do século XVI, mais a proximidade de Aleramo à corte portuguesa, aos negócios destes voltados para o financiamento das explorações, e enfim aos paralelos onomásticos: Niccolò, irmão de Aleramo, e Nicolau, filho de Clemenza; Ludovico Centurione, Luiza, filha primeira de Clemenza; ‘Guiomar,’ filha de Clemenza, com certeza Geronima, cf. Geronima Centurione. (Conjecturamos que a filiação nos nobiliários viesse das provanças eclesiásticas do pe. Francisco da Silva de Meneses, filho de Braz da Silva de Meneses e de Clemencia Doria, a neta homônima, confundida com a avó no ms. de Afonso Torres e no texto de Gayo, abaixo.)

Clemencia de Oria, alvará de 12.5.1559 nomeando contador–mor da colônia a Fernão Vaz da Costa, dado como ‘marido de Clemencia de Oria, criada da rainha.’ *Docs. Hists.* XXXVI, 152; ANTT, Chanc. de D. Sebastião e D. Henrique, 1559.

‘D. Clemencia de Oria’ dada como filha de ‘Lourenco de Oria,’ no *Nobiliário* de Afonso Torres, ms., na BN–Rio, tit. Silvas, original de c. 1630, cópia de começos do século XVIII, e no *Nobiliário* de Gayo, tit. Silvas, mesmo lugar.

Fernão Vaz da Costa, em sentença brasileira de nobreza de 1857 tem reconhecido, incidentalmente e em caráter póstumo, o Dom.

¹⁰Cristóvão da Costa Doria casado com D. Maria de Meneses, nas provanças perante a inquisição de Baltazar de Vasconcellos Cavalcanti de Albuquerque, ANTT, onde se fala também da filha Antonia [Doria] de Meneses, casada com Antonio Moreira da Gamboa, e da filiação deste; datas extremas do processo, 1712–1724. Filiação também em Macedo Leme, *Memórias*. . . , “Costas Dorias,” ms., BN–Rio, 1792. Descendência em “Moreiras, id., ibid.

Filiação ainda em Jaboatão/Calmon, *Introdução e Notas ao Catálogo Genealógico*, Salvador, 1985. Descendência em “Moreiras do Socorro,” id., ibid.

Refs. nas denúncias de 1591, e no ms. do pe. Lourenço Ribeiro.

¹¹D. Antonia [Doria] de Meneses e Antonio Moreira da Gamboa, na habilitação de Baltazar de Vasconcellos Cavalcanti de Albuquerque, supracitada. Jaboatão e Macedo Leme têm esta linha.

¹²Martim Afonso de Mendonça, admitido como irmão de maior condição à Santa Casa de Salvador, 7.11.1672. Filiação em Jaboatão e Macedo Leme, supra. Linha até Cristóvão da Costa Doria no ms. de Lourenço Ribeiro, no familiarato de Bartolomeu de Vasconcellos Cavalcanti de Albuquerque, supra.

21. *Gonçalo Barbosa de Mendonça*. Do 3o. leito. N.c. 1675, † 1737, capitão de milícias, c. 1716 no Socorro c. D. Antonia de Aragão Pereira, filha de Alberto da Silveira de Gusmão e de s.m. D. Isabel de Aragão, descendente esta do Caramuru.¹³ Segue o filho:
22. *Cristóvão da Costa Barbosa*. (1731–1809); tomou o *Barbosa* para se diferenciar do tio paterno, que se chamava Cristóvão da Costa Doria, como o bisavô. Sr. do engenho “Ladeira” em São Francisco do Conde. C.c. a prima D. Antonia Luiza de Vasconcelos Doria (1744–1825), filha de Manuel da Rocha Doria e de D. Ana Maria de Vasconcelos, descendente esta do Caramuru, casados em 1726 no Carmo, na capela da família da noiva, cujo tio materno, João lvares de Vasconcelos, usava as armas “esquarte-lado; I e IV, Vasconcelos; II, Aguiares; III, Pachecos. Elmo, etc. Timbre, Vasconcelos.”¹⁴ Pais de;
23. *Manuel Joaquim da Costa Doria*. Boiadeiro. N.c. 1775 em S. Fco. do Conde; † após 1843. C.c. D. Teresa Sebastiana da Costa Doria. Dele e de seu irmão José da Costa Doria descendem os Costas Dorias de hoje.¹⁵ Filho:
24. *José da Costa Doria*. N. 1809, batizado (19.11.1809) no oratório do engenho “Papagaio,” em Rio Fundo, ao norte de Santo Amaro (o engenho pertencia aos Berenguer César, sendo Antonio Berenguer César seu tio paterno); † 1871. Teria estudado no Seminário de Belém. Passou a Itapicuru (BA) e depois a Estância (SE) e c. em Itapicuru (1830) c. D. Helena Bernardina [Mendes de Vasconcellos, ou Souza Mendonça], filha de Antonio Ponciano de Souza Mendonça, tabelião em Itapicuru. José da Costa Doria foi dado como “professor” em 1833, em Itapicuru, e como “capitão” em 1857 em Aracaju (SE).¹⁶ Filho;
25. *Diocleciano da Costa Doria*. Caçula, (Itapicuru, 1841–Rio, 1920), médico (Bahia, 1869), deputado provincial por Sergipe (1880), c. 1870 em Estância (SE) com D. Dária de Azevedo Moutinho, filha de Antonio da Silva Moutinho e de D. Turfibia Cassimira de Azevedo.¹⁷

¹³Gonçalo Barbosa de Mendonça, inventário, em J. Wanderley Pinho, ‘Livro de Inventários e Tutelas da Vila de S. Francisco do Conde,’ *Anais do APEBA*, 1962. Relaciona os filhos, entre os quais ‘Cristóvão.’ Filiação em Jaboatão e Macedo Leme.

¹⁴‘Cristóvão,’ no inventário de Gonçalo Barbosa de Mendonça, supra. Cristóvão da Costa Barbosa, fragmento do inventário, em J. Wanderley Pinho, supra.

¹⁵Manuel Joaquim da Costa Doria, filiação no inventário de Cristóvão da Costa Barbosa, 1809, APEBA. D. Antonia Luiza de Vasconcelos Doria, inventário, 1825. Batistério do filho ‘José,’ abaixo. Casamento da filha Joaquina Rosa da Costa Doria, S. Amaro, matriz de S. Sebastião, 26.2.1843, abaixo.

¹⁶‘José,’ batistério, 19.11.1809, Rio Fundo, com filiação. José da Costa Doria, testemunha no casamento da irmã Joaquina Rosa, supra, 26.2.1843.

¹⁷Diocleciano da Costa Doria, Tese de Doutorado, frontispício c. filiação e relações de parentes, Fac. de Medicina da Bahia, Novembro de 1869. Diocleciano, batistério, Itapicuru, 18.2.1842. Diocleciano da Costa Doria, registro de diploma de doutor, Fac. de Medicina da Bahia, 27.11.1869. Diocleciano da Costa Doria, casamento, Estância (SE), 15.1.1870.

Faleceu Raul Doria, *Lulu* ou *Vuvu*, no Rio em 3 de Setembro de 1948. Inesilla e Raul foram os pais de:

23. Antonio Adolpho Accioli Doria, que segue;
23. Luiz Gilberto Accioli Doria, *Titio*, *Titibé*, nascido no Rio em 22 de Outubro de 1902 e † 31 de Dezembro de 1959, no Rio também, de um enfarte agudo do miocárdio, sofrido quando passava em frente à Galeria Cruzeiro, na Avenida Rio Branco;
23. Conceição Accioli Doria, nascida no Rio em 23 de Março de 1904, e no Rio falecida em 28 de Setembro de 1988. Casou-se com Carlos Soares dos Santos, *Papalô*, primo-irmão do filósofo Órris Soares, e filho de Tomás Lopes dos Santos e de sua mulher Esmeraldina Soares, todos naturais da Paraíba. Casaram Carlos e Conceição em 1931, e Carlos faleceu em Agosto de 1967. Pais de:
 24. Dina Maria Doria Soares dos Santos, nascida em 17 de Dezembro de 1932, professora do ensino médio. Em 27 de Janeiro de 1976 casou-se com José Augusto de Oliveira, natural de Alburitel, em Portugal; divorciados. Adotaram um filho, Bernardo.
23. Raul Moitinho Doria Filho, *Rausinho*, *Titidau*, nascido no Rio em 28 de Setembro de 1907 e no Rio falecido em 25 de Maio de 1972 de problemas circulatórios. Comerciante, casou-se com Ridette Gouveia da Cunha, filha de Francisco Thomaz da Cunha, *seu Cunha*, dono de casas lotéricas no Recife, e de sua mulher Maria Izabel Bezerra Cavalcanti de Gouveia, *dona Maria*, todos naturais de Pernambuco, e ela da família Paes Barreto. S. g.
23. Gustavo Alberto Accioli Doria, no §11.1.

XXIII. ANTONIO ADOLPHO ACCIOLI DORIA nasceu no Rio em 12 de Junho de 1901, e faleceu também no Rio em 20 de Fevereiro de 1971, dos problemas cardíacos frequentes na família, num domingo de Carnaval, o que batia muito bem com seu temperamento.

Capitão de mar e guerra da reserva remunerada, foi diretor da antiga SNA-APP em Belém do Pará, até os inícios da década de 60, quando enfim se radicou no Rio. *Tatá*, *Tititátá*, muito querido por toda a família, casou-se com Helena Maria Amália Fialho de Castro Silva, filha do almirante José Machado de Castro Silva, falecido como ministro do Superior Tribunal Militar, e de sua mulher Maria Amália Fialho, *Marieta*.

Pais de:

24. Luiz Carlos Doria, nascido em 25 de Fevereiro de 1937, arquiteto premiado pelo *design* de móveis; empresário.

11.1 *Gustavo Doria, Crítico de Teatro*

XXIII. GUSTAVO ALBERTO ACCIOLI DORIA, filho de Inesilla Accioli (§ 11, XXII), nasceu no Rio em 17 de Outubro de 1910, e lá faleceu, de problemas circulatórios, no hospital Gaffré e Guinle, em 10 de Dezembro de 1979. Foi bacharel em direito pela Faculdade Nacional de Direito. Participou dos movimentos de renovação do teatro brasileiro durante os anos 30 e 40, sendo um dos co-fundadores d'*Os Comediantes*. Depois militou na crítica teatral, havendo sido crítico de *O Globo* de 1948 a 1959, e depois da revista *Mundo Ilustrado*. Professor de cursos de teatro no Conservatório Nacional de Teatro, depois FEFIEG, FEFIERJ e enfim UNI-RIO, e na Escola de Teatro *Martins Pena*, formou boa parte dos diretores e atores de teatro e televisão no Rio: Teresa Rachel, Ste-nio Garcia, Joana Fomm, entre muitos outros.

Seu livro *Moderno Teatro Brasileiro: Crônica de suas Raízes*, publicado em 1975, pode ser encontrado na Biblioteca do Congresso, em Washington, e nas bibliotecas de universidades como Stanford e o sistema da University of California. Ignorado em boa parte do que fez pelo governo brasileiro, recebeu, em 19 de Março de 1958, do governo francês, através do ministério francês da educação, as *Palmes Académiques*, no grau de *officier d'académie*, o que lhe garantia o direito de lecionar na França, independente de prova de habilitação, inclusive a nível secundário.

Em 11 de Novembro de 1944 casou-se com Silvia Cresta Mendes de Moraes, nascida no Rio em 19 de Janeiro de 1913 e falecida também no Rio em 4 de Dezembro de 1969. Era filha de Justo Rangel Mendes de Moraes, advogado e político, nascido na cidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul, em 14 de Janeiro de 1883, e falecido no Rio em 12 de Março de 1968, e de sua mulher Hermínia Gomes de Mattos Cresta, nascida no Rio em 5 de Maio de 1888 e falecida no mesmo local em 9 de Julho de 1977; neta paterna do general de divisão Luiz Mendes de Moraes, chefe da casa militar de seu tio Prudente de Moraes, ferido no atentado de Marcelino Bispo contra Prudente, em 5 de Novembro de 1897, e de sua mulher Cecília Ferreira Rangel, de família *maragato*, no Rio Grande; neta materna de Vittorio Emmanuele Cresta, genovês, comerciante de mármore e materiais de construção importados, e de sua mulher Leonor Gomes de Mattos, neta materna dos 2^{os} barões da Laguna.

Pais de:

XXIV. FRANCISCO ANTONIO DE MORAES ACCIOLI DORIA, *Chicão*, nascido no Rio em 18 de Novembro de 1945, engenheiro-químico pela Escola de Química da UFRJ.

Em 21 de Dezembro de 1973 casou-se com Margareth Guimarães Rubim de Pinho, nascida em 19 de Agosto de 1952 em Manaus, Amazonas, médica pela UFF, filha de Simplicio Rubim Madureira de Pinho, presidente da UDN do Amazonas, falecido em 1962 aos 49 anos, e de sua mulher Noêmia Leite Guimarães; neta paterna de Álvaro Madureira de Pinho, médico (n. Salvador, 1882, † Manaus, 1953), e de sua mulher Mercedes de Rezende Rubim; neta materna de Alfredo Leite Guimarães e de sua mulher Rita Leite Guimarães.

Álvaro Madureira de Pinho era o filho mais moço do casal Virgílio Tourinho de Pinho e Mariana de Senna Madureira, esta filha de Casimiro de Senna Madureira e de sua mulher Elisa de Campos, e sobrinha do barão de Jequiriçá, Isidro de Senna Madureira, † 1860, além de irmã do coronel Antonio de Senna Madureira, o que provocou a “questão militar” ao fim do império. E Virgílio Tourinho de Pinho era descendente de Gaspar Tourinho Maciel, capitão-mor de Camamu e Boipeba no século XVII, e por sua vez descendente de um irmão de Pero do Campo Tourinho, donatário de Porto Seguro [54].

Finalmente, era Alfredo Leite Guimarães natural de Guimarães, em Portugal, como sua mulher, e filho de José Antonio Leite Guimarães e de sua mulher Maria Leite Conceição; e Rita Leite Guimarães era por sua vez filha de José Francisco da Silva Guimarães e de sua mulher Joaquina Alves Costa.

Pais de:

25. Pedro Rubim de Pinho Accioli Doria, nascido no Rio em 5 de Novembro de 1974;
25. Mariana Rubim de Pinho Accioli Doria, nascida no Rio em 5 de Março de 1978; e
25. Manuel Rubim de Pinho Accioli Doria, nascido no Rio em 2 de Janeiro de 1987.

12 *Barros Pimentais e Acciolis em Sergipe*

XVII. JOSÉ DE BARROS PIMENTEL, filho de Francisco de Barros Pimentel (§ 7, XVI), passou para Sergipe, onde se casou com Joana Martins Brandão, filha do sargento Manuel Martins Brandão, cavaleiro da ordem de Cristo e senhor do engenho do *Cedro Brasil*. Segundo Borges da Fonseca [35], este José de Barros Pimentel já havia falecido quando da redação do título “Barros Pimentais” na *Nobiliarquia Pernambucana*, o que poderia se ter dado (nos retoques finais) entre 1761 e 1765. Seu neto, o marechal de campo José Inácio Acciaiuoli, deve ter nascido antes ou por volta de 1760, já que iniciou a carreira militar em 1775. Portanto, supomos que este José de Barros Pimentel haja nascido por volta de 1710, ou mesmo um pouco antes, e seu filho, abaixo, entre 1730 e 1740. É até possível que o *caput* deste parágrafo haja sido o primogênito dentre os filhos do coronel Francisco de Barros Pimentel; aqui, no entanto, mantemos a ordem de filiação que se vê em Borges da Fonseca.

O primeiro Manuel Martins Brandão era madeirense, e se casou na Bahia com Catarina Paes de Oliveira ([40], p. 233). Faleceu em 1697, em Itaporocas. Teve ao menos dois filhos, Miguel Martins Brandão, que tomou posse como irmão da Santa Casa de Salvador em 1699, e José de Oliveira Brandão, bacharel em cânones pela Universidade de Coimbra (1690), sacerdote, † 1720. O sargento Manuel Martins Brandão era [certamente] neto do madeirense.

Pais do filho conhecido:

XVIII. JOSÉ DE BARROS PIMENTEL, que nasceu entre 1730 e 1740. Casou-se com Cirília Eufrásia Maria de Almeida [Botto] [6] e foram os pais de¹⁸:

19. José Inácio Acciaiuoli de Vasconcellos Brandão, que segue;
19. Francisco de Barros Pimentel, tenente-coronel ao tempo em que testou seu irmão José Inácio, e sem outras notícias;
19. Antonia Acciaiuoli, que se casou com Gonçalo Paes de Azevedo, e seguem no § 12.1;
19. José de Barros Pimentel, que segue no § 12.2;
19. Maria Acciaiuoli, que † antes de 1822, e se casou com o sobrinho, coronel José de Barros [Acciaiuoli] Pimentel, no § 12.1, XX; e
19. João de Aguiar Botto [de Barros], coronel quando da feitura do testamento de seu irmão. [Supomos que seu apelido (e nome) lhe viessem do avô materno, provável homônimo.]

XIX. JOSÉ INÁCIO ACCIAIUOLI DE VASCONCELLOS BRANDÃO nasceu entre 1750 e 1751 na freguesia de S. Gonçalo do *Pé do Banco*, Vila de Santo Amaro das Brotas,¹⁹ em Sergipe, e † 8 de Fevereiro de 1826 com testamento [6] no seu engenho de *Santana da Boa Vista de Igarçu*²⁰ na freguesia de Santana do Catu, na ilha de Itaparica. Era riquíssimo proprietário e comerciante, e pessoa de óbvio prestígio político e social, na Salvador do início do século XIX. Curioso como, no entanto, desapareceu sua memória na maior parte dos cronistas baianos, mesmo se da época.

Encontramos este José Inácio Acciaiuoli de Vasconcellos citado, uma das primeiras vezes, por Sebrão, sobrinho ([117], p. 472) quando era capitão-mor de Propriá. Segundo Sebrão, já se assinava por esta época, em fins do século XVIII, *Acciaiuoli*, e não mais *Achioli* ou *Accioli*. Em Propriá envolveu-o o princípio de uma questão familiar que se arrastará durante boa parte do século XIX. Gonçalo de Faro Leitão, senhor do engenho *Dangras* em Itabaiana (SE), e casado com Eufrásia Vieira de Melo, morreu em 1793 deixando uma filha, Maria José de Faro Leitão. Casou-se a viúva Eufrásia com o riquíssimo capitão-mor João Quintiliano da Fonseca Doria, e José Inácio Acciaiuoli é nomeado tutor da menina Maria José, que se casará com um sobrinho-neto deste, Manuel Rollemberg de Azevedo Acciaiuoli. Da luta pela herança do casal Maria José e Manuel resultará, em 1862, o assassinato da filha caçula de Manuel Rollemberg, também Maria José, a *Sinhazinha do São Joaquim* [47].

Quando teria mudado de nome, e passado a se assinar *Acciaiuoli*? Muito viajado, como se verá abaixo, supomos (como se disse) que devido a possíveis contactos com os parentes da Madeira, e talvez mesmo os de Florença, alterou

¹⁸Os dados retirados dos inventários de personagens ligados a este ramo foram coletados pelo professor Jorge Ricardo Almeida Fonseca em Salvador.

¹⁹Junto a Aracaju.

²⁰O inventário diz *Engaraçu*, um óbvio engano.

seu nome e influenciou a mudança do nome de vários de seus próximos parentes, de *Accioli* para *Acciaiuoli*, restaurando a grafia primitiva à moda romana [2] já antes de 1801, quando faz uma petição com seu colega militar (e em seguida contra-parente) Felisberto Caldeira Brant, o futuro marquês de Barbacena, ao príncipe regente D. João.

Teria mudado sua residência de Sergipe para Salvador entre 1795 e 1801. Nesta época era procurador da que viria a ser sogra de Barbacena, Ana Joaquina de São Miguel e Castro, viúva do coronel Antonio Cardoso dos Santos, com quem deve se ter casado também em 1801; era ela mãe, do primeiro casamento, de Ana Constança, depois marquesa de Barbacena. Ana Joaquina era filha do mestre de campo Francisco Barbosa Marinho de Castro e de sua mulher Ana Quitéria do Nascimento. Destes recebeu como herança pela mulher um terreno desmembrado da Vila de Água Fria, na comarca da Bahia de Todos os Santos, parte do norte, na Vila do Divino Espírito Santo de Inhambupe ([90], p. 6).

Em 1801 era tenente-coronel, como Caldeira Brant. José Inácio, que certamente não trouxe grande fortuna de Sergipe, fê-la bem empregando os haveres da mulher, viúva de comerciante e filha de sesmeiro.

No despacho feito à petição de 1801 permitiu-lhe D. Rodrigo de Sousa Coutinho exercer atividades comerciais, junto com Caldeira Brant, na casa de Ana Joaquina de São Miguel, sua mulher [2]:

... com o cuidado em que eles [os peticionários] não abusem desta faculdade e o exercício público das [suas] mais funções para violentarem o comércio em geral...

Em 1806 José Inácio Acciaiuoli recebeu em nome da mulher a sesmaria ao norte de Salvador a que nos referimos supra. Enriqueceu rapidamente. Em 1804, obedecendo a uma carta régia de 6 de Abril daquele ano [4], enviou sete escravos menores de idade a Lisboa para trazerem a vacina anti-variólica para o Brasil, o que foi feito inoculando-se um dos meninos em Lisboa e “comunicando sucessivamente de um para o outro” a imunização durante a viagem, até que o sétimo e último inoculado desembarcou em Salvador ainda em condições de, a partir da sua pústula vacinal, transmitir-se a imunidade a outras pessoas em Salvador. Note-se que Edward Jenner havia publicado sua memória sobre a vacinação anti-variólica apenas seis anos antes, em 1798, o que mostra a rapidez com que esta técnica chegou ao Brasil.

José Inácio Acciaiuoli passou a brigadeiro antes de 1806.

Em 1806 é quem hospeda em Salvador, por ser a sua residência a mais suntuosa da cidade, a Jerônimo Bonaparte, que lá arribara acidentalmente em 3 de Abril, e de onde saiu em 20 do mesmo mês, após jantares e festas, e após deixar como lembrança ao casal Acciaiuoli de Vasconcellos um faqueiro “casquinha de ouro,” que permaneceu mais outras gerações na família, tendo servido em 1850 a um jantar e baile que se ofereceu, sempre em Salvador, a Pedro II e a D. Teresa Cristina [118] [126], do qual participaram seus sobrinhos e herdeiros, os Pedrosos de Albuquerque, e sua parenta Leonor de Azevedo Accioli, filha do desembargador (e quase homônimo de nosso personagem) Inácio Accioli de Vasconcellos, e recém-casada com o futuro barão de Pereira Franco.

Paulo Setúbal [118] assim descreve o jantar que Jerônimo Bonaparte ofereceu em Salvador:

O conde da Ponte e a condessa da Ponte compareceram de sege. A condessa muito garrida e custosa, o conde muito enfeitado de alamares e riços. Lá estava o brigadeiro Accioli de Vasconcellos. Lá estava o intendente da marinha. Lá estava Felisberto Caldeira Brant, o nosso futuro marquês de Barbacena, então morador na Bahia, casado com uma enteada do brigadeiro Accioli. Todos, a pedido de sua alteza, trouxeram as mulheres para fazerem galantemente companhia à senhora condessa da Ponte. Nem se esqueceu o príncipe dos dois tenentes-coronéis, que estavam à frente das forças da Bahia e dos respectivos comandantes dos corpos. O almirante Willaumès também veio. As senhoras admiraram muito a sua casaca azul bordada a ouro.

Sentaram-se. O príncipe deu a direita à condessa da Ponte e a esquerda à brigadeira Accioli de Vasconcellos. Eram, ao todo, dezoito pessoas.

O jantar foi um primor. Magnificamente servido. Houve muito *beychevelle* antigo e muito vinho branco de Anjou. Os criados, que eram os particulares do príncipe, traziam librés agalatoadas, calções com braguilhas de prata, meias altas de seda negra. . .

Em 1806 hospeda em Salvador a Jerônimo Bonaparte, num episódio que se detalha abaixo. Em 1808 acompanha o príncipe regente D. João e a família real portuguesa na sua viagem de Lisboa ao Brasil, cedendo à corte transferida duas naus de sua propriedade, entre as quais a *Medusa*, para o transporte daqueles dignitários. Em 1810 solicita reforma, após 35 anos de serviço militar, no posto de brigadeiro, o que é concedido. No entanto, em 1811, reverte ao serviço ativo por uns outros anos, até que, em 27 de Março de 1817 pede que o deixem descansar, e requer a graça e mercê da promoção ao posto de marechal de campo, face aos muitos serviços prestados ao governo do reino [4]. Os documentos seguintes e o inventário de seus bens o referem, então, como marechal de campo.

Ainda o encontramos, em 6 de Outubro de 1817, recebendo de D. João VI certa concessão com respeito a ações que possuía do Banco do Brasil. Era também, possivelmente, *negreiro*, ou seja, traficante de escravos da África para Salvador[3].

Em Maio de 1822 duzentos e cinquenta escravos de seu engenho *Boa Vista*, em Itaparica, revoltam-se contra o já marechal José Inácio Acciaiuoli. Não há outras notícias desta revolta, citada apenas numa história da independência na Bahia [51], e ignorada pelos historiadores especializados [112], embora pelo número de escravos envolvidos tenhamos aqui uma rebelião do tamanho da de Manuel Congo, uns quinze anos depois, em Vassouras, no Rio de Janeiro.

Faleceu em 8 de Fevereiro de 1826, apoplético,²¹ já viúvo da mulher. O assento de óbito é inabitual: descreve-lhe em detalhe as exéquias. Foi, assim

²¹Outros Barros Pimentéis Accioli também faleceram apopléticos: José de Barros Accioli

aprendemos, José Inácio amortalhado “à maneira dos cavaleiros,” e sepultado na capela de N. S. do Rosário de João Pereira, após missa de corpo presente realizada no dia 9 de Fevereiro de 1826, e concelebrada por quarenta padres [5].

Não deixou filhos, mas informalmente adotou o sobrinho José de Barros Acciaiuli Pimentel (§ 12.1, XX), tendo sido seus herdeiros principais os Pedrosos de Albuquerque, cuja residência era, em meados do século XIX, aquela do marechal Acciaiuli.

12.1 *O Conde Negreiro Pedroso de Albuquerque*

XIX. ANTONIA CALDAS DE MOURA ACCIAIUOLI, filha de José de Barros Pimentel e de Cirília Eufrásia de Almeida, no § 12, XVIII, casou-se com Gonçalo Paes de Azevedo, filho de Emmanuel Rollemberg e de sua mulher, filha de outro Gonçalo Paes de Azevedo Faro, senhor do engenho *Várzea*. Supomos fosse este Emmanuel Rollemberg aquele que está citado numa relação de senhores de engenho de 1759 [47] em Sergipe.

(Os Rollembergs estavam no Brasil desde o século XVII. O primeiro atestado é certo Manuel Rollemberg, natural de Lisboa, da freguesia de N. S. dos Mártires, filho de um homônimo, Emmanuel Rollemberg, dado como “natural da Alemanha,”²² e da portuguesa *Sezilha* (Cecilia?) de Pina; neto paterno de Pancrazio *Valide* ou *Vaide* (Weid, Weyd, Weide, árvore do gênero *salix*, ou pastagem), e de Julia Weyde Rollemberg; neto materno de *Golfo Amarel* e de Julia Vaide (?). Manuel Rollemberg, o que viveu na Bahia, casou com Julia de Mendonça, filha de Manuel de Abreu de Mendonça e de Ana Moreira, e foi admitido como irmão *de maior condição* da Misericórdia da Bahia em 15 de Abril de 1696. Um seu primo co-irmão, Francisco de Pina, filho de Baltazar Vaide e neto de Pancrazio Vaide, havia sido admitido em Abril de 1692 na mesma irmandade em Salvador [58]. Seriam mascates, comerciantes atraídos a Lisboa pelo comércio com o Novo Mundo.)

Foram, Antonia e Gonçalo, os pais de:

- 20. [José de Barros Acciaiuli Pimentel], que segue;
- 20. Manuel Rollemberg de Azevedo Acciaiuli, no § 12.4;
- 20. [Maria Cirília], que se casou com José Leandro [Martins Soares];
- 20. [Maria Guilhermina Accioli, n. c. 1815–1820], e c. g. no § 12.3]; e
- 20. [Maria Accioli], de quem descendem os Acciolis do Prado, no § 12.7.

A única filiação garantida, aqui, é a de Manuel Rollemberg de Azevedo. José de Barros e Maria Cirília aparecem no testamento de José Inácio Acciaiuli [6] como seus sobrinhos. Em 1817 [25] aparece um capitão José de Barros *Acciaiuli* sendo processado pelo conde de Arcos (veja-se em seguida) em Santo Amaro

Pimentel (1820–1879), um dos patriarcas da medicina alagoana; Francisco de Barros e Accioli de Vasconcellos (1847–1907), seu filho, e a filha deste último, Inesilla (1882–1946).

²²Poderia, no entanto, ser holandês.

das Brotas, no mesmo local onde era também capitão Manuel Rollemberg de Azevedo Acciaiuoli. Novamente em 1821 assinam um mesmo documento, entre outros, José de Barros *Pimentel*, com a patente de coronel, e Manuel Rollemberg de Azevedo *Accioli*, como tenente-coronel, o que sugere fosse José de Barros mais velho que Manuel Rollemberg ([68], p. 235 e ss.). A proximidade geográfica e de idades, além da coincidência do apelido Acciaiuoli, documentado em fontes primárias, sugerem serem um e outro irmãos.

As filiações de Maria Cirília e das outras Marias são conjecturais; Maria Cirília é dada, no inventário de José Inácio Acciaiuoli como sobrinha deste, enquanto que fazemos a mesma suposição quanto à outra Maria, devido à proximidade cronológica e geográfica dos que desta descendem aos membros deste ramo.

Aqui acrescentamos Maria Guilhermina Accioli, que certamente pertencia a este ramo, já que Antonio Pedroso de Albuquerque atua no inventário [18] de seu marido, enquanto um de seus filhos chamava-se *Inácio Accioly* d’Almeida, entre dois outros que repetem nomes de próximos parentes, o pai e a mãe. Pela sua provável data de nascimento, era sobrinha do marechal José Inácio Acciaiuoli, e tal data de nascimento, além do dito acima, coloca-a tentativamente aqui.

XX. JOSÉ DE BARROS ACCIAIUOLI PIMENTEL, brigadeiro, nascido cerca de 1785, teve atuação destacada durante os acontecimentos da independência em Sergipe. Destacada mas controversa, por ser contra a emancipação de Sergipe frente à Bahia [68] [102] devido a seus interesses privados—como herdeiro do tio José Inácio Acciaiuoli, era grande proprietário na Bahia, mais que em Sergipe, onde recebeu bens após seu segundo casamento.

Teve uma carreira bastante acidentada. Num ofício do conde dos Arcos, de 18 de Setembro de 1817 [25], determina o conde que se “cumpra a sentença confirmada no conselho supremo de justiça” contra o capitão do regimento de infantaria de miúcias da Vila de Santo Amaro das Brotas da comarca de Sergipe, naquele documento referido como José de Barros Acciaiuoli. O que disto resultou, não se sabe. Logo adiante aparece como coronel [68], donde se supõe a impunidade no processo que lhe moveu o conde de Arcos.

Era senhor de engenhos na Cotinguiba e, como se viu, oficial das tropas de infantaria e cavalaria de 2ª linha. Logo após a independência envolveu-se numa outra infeliz questão, agora o desvio de verbas públicas, conforme se pode ler no seguinte trecho de um relatório da junta governativa de Sergipe, datado de 4 de Maio de 1823 [22]:

Um grande e poderoso objeto tem ocupado as nossas sessões por muitos dias: contínuas queixas têm aparecido, e um clamor geral tem circulado na província contra os agentes e recebedores de certas cotizações e donativos para várias caixas militares criadas nesta província, já por ordem do general Labatut, já pelo ex-governador militar, o brigadeiro José de Barros Pimentel, com o pretexto de se haver escandalosamente desencaminhado a maior parte destes donativos. Pareceu-nos forçoso entrar no exame de tão sério objeto:

fizemos chamar por editais todos os contribuintes desses donativos para que viessem declarar a quantidade e a espécie deles, para afinal combinarmos a sua totalidade e valor com o resultado das contas que prestassem tais agentes e recebedores, porem ocorrendo desertar agora ocultamente o ex-governador e atual comandante de armas, dito brigadeiro graduado José de Barros Pimentel, a pretexto de ser chamado pelo general Labatut, para lhe ir dar contas da dita caixa militar, o governo de que o encarregou, como nos fez ver pelo ofício do dito general que nos mandou apresentar depois de haver-se retirado da cidade sem preceder vênias durante a noite.

Quer dizer: deu o desfalque e fugiu.

Mesmo assim foi presidente da junta de governo de Sergipe em 1823. Detalhes de sua confusa e ardilosa atuação política estão no livro de Thetis Nunes [102].

Casou-se primeiro com sua tia Maria Acciaiuoli § 12, XIX, † antes de 1822, tendo tido uma filha:

21. Maria Acciaiuoli, que segue.

Após o falecimento de sua primeira mulher, casou-se com Maria de São José, senhora do engenho *Jesus Maria José* em Laranjeiras, viúva de José Baptista Vieira de Mello, de quem tivera um filho homônimo. Pais de:

21. Gaspar Accioli de Barros, major em 1860 ([99], p. 28), e logo em seguida promovido a coronel, casado com uma filha de seu meio-irmão José Baptista Vieira de Mello [99]. Tutelado de Sebastião Gaspar de Almeida Botto, primo do pai, o que contrariava o desejo da mãe, foi o pivô do assassinato do padraсто, Manuel Joaquim Fernandes de Barros.

Tendo José de Barros Acciaiuoli Pimentel falecido em 1834 ou um pouco antes, casou-se pela terceira vez a viúva Maria de São José com o dr. Manuel Joaquim Fernandes de Barros, assassinado por ordem de Sebastião Gaspar de Almeida Botto, ainda na disputa pela herança do marechal Acciaiuoli. Já em 1835 queixava-se Antonio Pedroso de Albuquerque [6] que Maria de S. José se havia apoderado ilegitimamente dos bens de José Inácio Acciaiuoli, uma das motivações daquele assassinato.

XXI. MARIA ACCIAIUOLI DE VASCONCELLOS nasceu em Salvador c. 1818, e † c. 1867. Foi informalmente filha adotiva do tio e tio-avô José Inácio Acciaiuoli, de quem herdou os bens na Bahia, inclusive a casa enorme de Salvador. Casou com o comerciante e coronel da guarda nacional Antonio Pedroso de Albuquerque, *negreiro* [87] que enriqueceu com o tráfico (ilegal mesmo àquela época, mas consentido pelo governo) de escravos para a Bahia. Era Antonio Pedroso de Albuquerque gaúcho, natural de Rio Pardo no Rio Grande do Sul, filho de João Pedroso de Albuquerque e de sua mulher Maria . . . Casaram-se antes de 1837. Testou Antonio Pedroso de Albuquerque em 25 de Julho de 1878 [104].

Foram os pais de (único):

XXII. ANTONIO PEDROSO DE ALBUQUERQUE JÚNIOR, nascido em Salvador em 27 de abril de 1838, e batizado em 2 de abril de 1842 no oratório da casa de seus pais em Salvador, sendo oficiante o arcebispo primaz, e padrinhos a viscondessa da Torre de Garcia d'Ávila e o conselheiro Tomás Xavier Garcia d'Almeida. É interessante notarmos que um dos principais objetivos da rebelião malê em Salvador em janeiro de 1835 foi romper o poderio de senhores de terra e de escravos, *doublés* de capitalistas selvagens e de grandes comerciantes, como era o caso do visconde da Torre, maior latifundiário da região àquele tempo. Assim, é sintomática (e de se esperar) a aliança do *negreiro* Pedroso de Albuquerque aos latifundiários Pires de Carvalho e Albuquerque no compadrio dado neste batismo [112]. Sobre Tomás Xavier, ver abaixo no § 12.3, XX.

Foi este Antonio Pedroso de Albuquerque Júnior bacharel em direito pela Faculdade de Direito do Recife, em 1860 ([32], p. 101), e † 11 de novembro de 1887 [94] [97].

Como os pais e avós riquíssimo comerciante, foi fidalgo cavaleiro, comendador e, em 12 de outubro de 1878, feito primeiro visconde Pedroso de Albuquerque pelo rei de Portugal, passando a primeiro conde Pedroso de Albuquerque em 11 de abril de 1881.

Era casado com Teodora Martins.

12.2 *Barros Pimentéis de Sergipe*

XIX. JOSÉ DE BARROS PIMENTEL, filho do homônimo, no § 12, XVIII, casou-se com Maria Vitória de Almeida [Botto]. (Este José de Barros Pimentel se confunde com frequência a seu homônimo, primo co-irmão, José de Barros Acciaiuoli Pimentel. São distintos, já que este José de Barros Pimentel teve um seu filho em 1817, de Maria Vitória de Almeida, quando era o outro José de Barros casado com a tia Maria Acciaiuoli.)

Tiveram, José de Barros Pimentel e Maria Vitória, os filhos:

- 20. José de Barros Pimentel, que segue; e
- 20. José Inácio de Barros Pimentel, que como seu irmão nasceu em Maroim em 1832, e faleceu no Rio de Janeiro em 29 de Setembro de 1888. Foi médico formado pela Bahia, chegou a deputado provincial em Sergipe, e teve as ordens da Rosa e de Cristo.

XX. JOSÉ DE BARROS PIMENTEL nasceu em Maroim em 17 de Maio de 1817, e faleceu no Rio em 6 de Maio de 1893. A família fez com que fosse estudar em Paris, onde obteve o grau de médico em 1841, e também o de bacharel em direito. Foi deputado geral em 1843–1844, e também em outras legislaturas. Sua oratória foi elogiada por Joaquim Nabuco; em 1860 recebeu a ordem da Rosa.

Casou-se em 29 de Abril de 1843, no oratório do barão de Maragogipe (livro de 1822 a 1877, Cotegipe, 29 v.) com Ana Luiza Bittencourt, nascida em 1819

na freguesia de S. Miguel de Cotegipe, atual Simões Filho, e † 28 de Janeiro de 1912 em Petrópolis, RJ. Era filha legítima do coronel Sancho de Bittencourt Berenguer César e de Caetana Vilasboas. Foram testemunhas do casamento o brigadeiro José de Sá Bittencourt [da Câmara] e o coronel Antonio Rodrigues de Albuquerque.

O none *Sancho* do filho do casal vem de longe, dos Herédias da ilha da Madeira, onde era nome costumeiro na família. Agostinho César Berenguer, n. c. 1670, madeirense, filho de José de França Berenguer, casou-se no Recife, em S. Pedro, em 7 de Janeiro de 1621 com Helena Josefa Mariana de Bittencourt, filha do casal também madeirense Antonio de Bittencourt e Herédia, e de Maria de Araújo. Dentre seus filhos estava Diogo Antonio de Bittencourt Berenguer César, nascido no Funchal, na Madeira, e casado na Bahia, na freguesia do Monte do Recôncavo, em 23 de Setembro de 1769, com Ana Maria Borges de Barros, † ela em Salvador em 17 de Julho de 1791, filha de Alexandre Vaz da Costa, † 3 de Outubro de 1805, em Salvador, e de Josefa Maria do Socorro de Barros. De seus filhos descende a família Berenguer César na Bahia, aparentada também a Francisco de Berenguer de Andrada, que lutou no século XVII nas guerras holandesas. Para outros parentes destes Berengueres César, e inclusive para a ascendência do brigadeiro José de Sá Bittencourt, veja-se o § 4.1. (A família Berenguer, de origem espanhola e radicada na Madeira, teve um ramo que passou à Itália, onde eram titulados. A este ramo pertencia o marquês Enrico Berlinguer, secretário-geral do Partido Comunista Italiano e criador do eurocomunismo, predecessor da *perestroika* de Gorbátchov, na década de 60 deste século.)

Foram os pais de:

XXI. SANCHO DE BARROS PIMENTEL, n. 16 de Outubro de 1849 na Bahia [34] e † Rio, a 20 de Fevereiro de 1924. Foi bacharel em direito pelo Recife em 1870, deputado geral, presidente de várias províncias (Piauí, 1878; Paraná, 1881; Ceará, 1882; Pernambuco, 1884). Casou-se no Rio (Glória 6, 42), a 10 de Abril de 1881, com Laura Callado de Miranda, n. no Rio em 29 de Fevereiro de 1860, † Rio em 11 de Março de 1935), filha de Francisco Teixeira de Miranda e de sua mulher Amélia Callado.

Pais de:

- 22. José Francisco de Barros Pimentel, diplomata, n. no Rio em 22 de Janeiro de 1882. Casado, com uma filha adotiva, Lenita [44].
- 22. Sancho de Barros Pimentel Filho;
- 22. Gualter de Barros Pimentel, c. g.;
- 22. Bento de Barros Pimentel; e
- 22. Henrique, † criança.

12.3 *O Carrasco de Frei Caneca*

XX. MARIA GUILHERMINA ACCIOLI casou-se com o comerciante Venceslau Miguel d'Almeida, sendo ela [suposta] filha de Antonia Acciaiuoli no § 12.1, XIX.

Venceslau Miguel d'Almeida, ou de Almeida, faleceu intestado em Salvador em 26 de Setembro de 1860, onde era comerciante registrado, e era cavaleiro da ordem de Cristo. Quando de seu falecimento, seu filho primogênito é dado como “maior,” isto é, tendo mais de 21 anos, tendo o segundo, Inácio, 16 anos, e a caçula, Maria, 12 anos [18]. Assim, supomos tivesse Maria Guilhermina nascido entre 1815 e 1820, e seu marido, entre 1800 e 1805.

Nos documentos da família Acciaiuoli de Vasconcellos da Bahia comparece com frequência Tomás Xavier Garcia d'Almeida, ou de Almeida, que [acreditamos] era irmão, ou mais provavelmente, primo co-irmão, de Venceslau Miguel d'Almeida. Tomás Xavier Garcia de Almeida [119] nasceu no Rio Grande do Norte em 14 de junho de 1792 e faleceu no Rio em 11 de janeiro de 1870. Matriculou-se em 1815 no curso de direito de Coimbra, formando-se bacharel em 19 de maio de 1818. Era sobrinho materno do padre *Miguelinho*, Miguel Joaquim de Almeida e Castro, condenado à morte como herói da revolução pernambucana que foi, em 1817, e filho, Tomás Xavier, de Francisco Xavier Garcia. Juiz de fora do Recife e auditor de guerra, lutou do lado das tropas de Pedro I de armas na mão contra os republicanos da Confederação do Equador. Na devassa que se seguiu, fez parte da comissão militar que julgou os revoltosos, e foi quem lavrou a sentença de morte de frei Caneca (apesar de ser sobrinho de um supliciado poucos anos antes por motivo semelhante ao que levou à morte frei Caneca).

Em 8 de agosto de 1827 foi feito desembargador da relação da Bahia; em 13 de maio de 1846 chegou a ministro do Supremo Tribunal de Justiça, cargo no qual se aposentou em 25 de setembro de 1867. Havia sido constituinte em 1823 pelo Rio Grande do Norte, tendo igualmente presidido diversas províncias, como São Paulo (1827 a 1828), Pernambuco (1828 a 1830), e Bahia (1838 a 1840). Era comendador da ordem de Cristo e dignitário da do Cruzeiro.

Era [com certeza] próximo parente de Venceslau Miguel d'Almeida, filho este de um dos irmãos (ou irmãs) do padre *Miguelinho*.

Após a morte do marido mudou-se Maria Accioli d'Almeida para o Rio, onde viveu após 1861. Cuidava de seus negócios na Bahia o genro, Magalhães Castro.

Filhos de Venceslau Miguel d'Almeida e de Maria Guilhermina Accioli de Almeida:

21. Venceslau Accioli de Almeida, n. antes de 1839. Pródigo, foi interdito. Estava no Rio em 1862, e era casado com Maria Joaquina. . . Aparentemente não coabitava com a mulher, ou ao menos assim é dito no inventário do pai. Foram seus tutores a mãe, e, depois, o cunhado Magalhães Castro. A interdição só se levanta em 1884, quando, enfim, acaba o inventário de seu pai;

21. Inácio Accioly de Almeida. Segue; e

21. Maria Accioli de Almeida. Nasceu em 1848; casou-se (antes de 1866) com o bacharel Antonio Joaquim de Magalhães Castro, formado em direito em Olinda em 1857, filho de José Antonio de Magalhães Castro, nascido em Salvador em 8 de Junho de 1814, bacharel em direito por Olinda em 1837, e filho de outro Antonio Joaquim de Magalhães Castro. Este José Antonio foi juiz de direito em Angra, desembargador da relação na corte, e, enfim, ministro do Supremo Tribunal de Justiça. Foram os pais de:

22. José Accioli de Magalhães Castro, n. em 1866, matriculado na faculdade de medicina do Rio em 28 de Março de 1885 [60].

A família Magalhães Castro continuou residindo no Rio; a ela pertenceram conhecidos professores da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, e depois da atual Faculdade de Medicina da UFRJ.

XXI. INÁCIO ACCIOLY DE ALMEIDA n. na Bahia (Salvador ?) em 1844. Bacharel em direito pelo Recife em 1863 ([32], p. 109), casou com Cândida . . . Pais de:

22. Mário Accioly de Almeida, n. em Alagoinhas (Bahia), em 8 de Setembro de 1887. Bacharel em direito pelo Rio (1920). Residia no Rio, onde era procurador da república. C. c. Ida Accioly de Almeida (nome de casada) [75].

12.4 *O Barão de Japarutuba*

XX. MANUEL DE AZEVEDO ROLLEMBERG ACCIAIUOLI, filho de Antonia Acciaiuoli (§ 12.1, XIX) era, como o pai e avô paterno, um rico proprietário rural em Sergipe. Deve ter nascido por volta de 1780–1785. Dele sabe-se que, através de carta-patente de 18 de Setembro de 1815, foi confirmado no posto de capitão de granadeiros do regimento de infantaria miliciana de Santo Amaro das Brotas em Sergipe [114]. Certamente devido à influência de seu tio José Inácio Acciaiuoli, reverteu à forma italiana (romana) do nome familiar. Casou-se com Maria

Pais de:

21. Gonçalo [Accioli] de Faro Rollemberg, barão de Japarutuba, que segue;

21. Ana Accioli de Faro, no § 12.5;

21. Maria Accioli de Faro Rollemberg, assassinada por seu irmão, o barão de Japarutuba, para dela herdar copiosa herança.

Casou-se em segundas núpcias, já viúva, esta Maria . . . com João Gomes de Mello, n. em 1816 em Maroim, filho de Teotônio Correa Dantas († 1832) e de sua mulher Clara Angélica de Menezes; neto paterno de Antonio Coelho

Barreto e de sua mulher Quitéria Gomes de Sá, filha esta de João Gomes de Mello, senhor do engenho *Piranhas*, e de Teresa de Jesus Sá, vindo-lhe o Mello do pai, o capitão-mor João Pais de Mello, de Pernambuco. Foi feito João Gomes de Mello barão com grandeza de Maroim em 2 de Outubro de 1854. Foi nomeado senador do Império em 1861. Maroim denunciou o envenenamento com arsênico de sua enteada Maria Accioli de Faro Rollemberg, *Sinhazinha do São Joaquim*, cujos mandantes foram o barão de Japarutuba e a irmã, Ana Accioli de Madureira, além do filho desta, Manuel Accioli de Madureira, e o executor certo médico local, culpado de outros envenenamentos. Detalhes das ascendências destes personagens e de tais fatos criminosos, inclusive peças do processo, estão em [47].

XXI. GONÇALO DE FARO ROLLEMBERG, barão de Japarutuba, nasceu em 1819, e † 6 de Outubro de 1879 em Sergipe. Foi comendador das ordens da Rosa e de Cristo, e recebeu o título de barão em 14 de Março de 1860. Foi, ao que parece, em sua casa o local onde se fez a trama que resultou no assassinio de sua irmã, Maria Accioli de Faro Rollemberg, em 1862, com a ativa participação de Japarutuba[47].

Casou-se da primeira vez com Bernardina do Prado. Pais de:

- 22. José de Faro Rollemberg, coronel, casado com Amélia Dias, filha do barão de Estância, c. g.;
- 22. Maria do Faro Rollemberg, n. em 14 de setembro de 1840 e † 4 de Janeiro de 1912. Casou-se com seu parente Manuel Rollemberg de Menezes, filho de Simeão Telles de Menezes e de sua mulher Clara Maria de Lima, c. g.;
- 22. Ana de Faro Rollemberg, casada com seu primo José de Barros Accioli de Menezes, filho de João Nepomuceno Telles de Menezes e de sua mulher Francisca Accioli de Madureira, no § 12.5, 21. Pais de:
 - 23. José de Barros Accioli de Menezes, casado com Ana Cavalcanti;
 - 23. Júlio Flávio Accioli, poeta, médico, casado com Teodora Gomes;
 - 23. Luiza Francisca Accioli, casada com o viúvo Simeão Telles de Menezes Sobral. Foram os pais do bispo Adalberto Simeão Accioly Sobral, nascido no engenho *S. João*, termo de Japarutuba, em 2 de Agosto de 1887;
 - 23. Maria Virginia Accioli, casada com o viúvo Francisco Rabelo Leite;
 - 23. Ana Accioli, casada com Carlos Rodrigues da Cruz.

O barão pela segunda vez casou-se com Maria Leite de Sampaio, que, por ser muito religiosa, adotou o nome de Maria Custódia do Sacramento. Tiveram 6 filhos, sem o apelido Accioli [93].

12.5 *Madureira Accioli*

XXI. ANA ACCIOLI DE FARO ROLLEMBERG casou-se com o comerciante e comendador baiano Luiz Barbosa de Madureira, antes de 1833. Era ele vivo, ainda, em 1862, quando do processo de assassinio de Maria Accioli Rollemberg.

Tiveram os filhos:

- 22. Senhorinha Accioli de Madureira, n. c. 1815 e † 1879, casada com Joaquim Marcelino de Brito, no § 12.6;
- 22. Francisca Madureira Accioli, n. c. 1817 e casada com João Nepomuceno Telles de Menezes e pais de:
 - 23. José de Barros Accioli de Menezes, c. g. no § 12.4, 23;
- 22. Luiz Barbosa Madureira Rollemberg, que segue; e
- 22. Manuel Rollemberg Accioli de Madureira.

XXI. LUIZ BARBOSA MADUREIRA ROLLEMBERG nasceu no engenho *Pedras*, em Maroim, e morreu em Santo Amaro em 12 de Dezembro de 1892. Foi educador e participou do movimento abolicionista, além de ter deixado muitos trabalhos publicados sobre educação e literatura.

12.6 *Accioli de Brito*

XXII. SENHORINHA ACCIOLI DE MADUREIRA, filha de Ana Accioli Rollemberg (§ 12.5, XXI), nasceu c. 1815 e se casou com Joaquim Marcelino de Brito, n. c. 1800, baiano, conselheiro e ministro do Supremo Tribunal de Justiça, † Rio em 27 de Janeiro de 1879.

Pais de:

- 23. Luiz Barbosa Accioli de Brito, n. c. 1825 no Rio, ministro do Supremo Tribunal de Justiça; † no Rio em 12 de Janeiro de 1900, sepultado no S. João Baptista. Casou-se com Cândida . . . , e foram os pais de:
 - 24. José Accioli de Brito, n. no engenho *Cafuz*, Laranjeiras, em 29 de Janeiro de 1832, e † 23 de Junho de 1889 a bordo de um navio no qual retornava da Europa. Bacharel em direito por São Paulo, foi presidente de Goiás de 1884 a 1885. Casou no Rio (Santana **9**, 187) em 1887 com Cândida Esteves;
 - 24. Joaquim Marcelino de Brito, terceiro do nome, n. no engenho *Cafuz* em 11 de Julho de 1853 e † no Rio em 14 de Agosto de 1921, médico pelo Rio em 1876, fez carreira militar, reformando-se como coronel médico de 2ª classe. Deixou um interessante trabalho de título “Alucinações e Ilusões sob o Ponto de Vista Médico-Legal,” *plaque* datada de 1879;
 - 24. Luiz Accioli de Brito, que se casou no Rio (Lagoa **6**, 124), em 1893 com Paulina Pereira de Andrade;

23. Joaquim Marcelino de Brito, n. em 29 de Julho de 1830 no engenho *Periperi* e † no Rio em 12 de Maio de 1878, médico pela Bahia, onde se doutorou em 1852. Serviu na guerra do Paraguai, depois abandonando a carreira militar; foi moço fidalgo da casa imperial e cavaleiro da ordem de Cristo; e
23. Julio Accioli de Brito, bacharel, n. na Sé, na Bahia, e casado no Rio (Engenho Velho **5**, 69v) em 18 de Novembro de 1865, em casa do pai da noiva, à rua da Conciliação, 3, com Teresa Josefina Ramos, n. N. S. dos Prazeres, Maceió, filha de José Antonio Ramos e de sua mulher Teresa de Jesus.

12.7 *Accioli do Prado; o Barão de Aracaju*

XX. [MARIA ACCIOLI, que supomos fosse filha de Antonia Acciaiuoli, e certamente neta de José de Barros Pimentel e Cirília de Almeida] (veja-se o § 12.1, XIX), n. c. 1800, e casou-se com Manuel Vitor do Prado. Teve o filho:

XXI. JOSÉ INÁCIO ACCIOLI DO PRADO, n. em 1824 e † 28 de Março de 1904, em Sergipe. Senhor de engenho. Recebeu o título de barão de Aracaju em 28 de Agosto de 1872. Casou-se com Teresa Bibiana de Almeida (ou Telles de Menezes), viúva de José Vieira Dantas [96].

Pais de duas filhas:

22. Maria Accioli do Prado, que casou com seu parente Francisco Lucino do Prado, filho de Albano do Prado Pimentel e de sua mulher Ana Maria de Jesus. Pais de:
23. Filomena, solteira;
23. Augusto Accioli do Prado, engenheiro, c. c. Gertrudes Livramento;
23. Alfredo Accioli do Prado, n. 1874, † 5 de Janeiro de 1903, solteiro, doutor em medicina;
23. Adolfo Accioli do Prado, usineiro, que casou duas vezes. Primeiro, com Olivia Dantas, filha do comendador Francisco Correa Dantas e de sua mulher Maria Vitória Barreto; em seguida, com Adalgisa Vieira, filha do desembargador José Sotero Vieira de Melo e de sua mulher Arminda Barreto;
23. Julio Accioli do Prado, usineiro, casado com sua parenta Rosa de Faro, filha de Manuel Rollemberg de Azevedo Prado e de sua mulher Antonia Accioli. Tiveram filhas:
24. Maria, c. c. Luiz de Melo Prado, filho de João Gomes do Prado e de Joana Vieira de Melo, e
24. Antonieta e Maria † † crianças; Clara e Iolinda.
23. Leopoldo Accioli do Prado, médico, c. c. Alice Barreto, filha do médico Augusto Freire de Mattos Barreto e de Mariana Lima;

23. Eufrosina do Prado, n. 1882, † 5 de Junho de 1899, c. c. Antonio Correa Dantas, filho de Francisco Correa Dantas e de Maria Vitória Barreto;
23. Ana do Prado, que c. c. seu cunhado, viúvo da irmã anterior, Antonio Correa Dantas; e
22. Clara Accioli do Prado, c. c. Manuel Raimundo Telles de Meneses, c. g.

Referências

- [1] “Acciaioli: Genealogia,” tábua exibida na *Certosa* de Florença (1952).
- [2] J. I. Acciaiuoli de Vasconcellos Brandão, “Petição que fazem...”—manuscrito existente na Biblioteca Nacional (1801).
- [3] J. I. Acciaiuoli de Vasconcellos Brandão, no “Registro Geral das Mercês,” Arquivo Nacional, Rio (1817).
- [4] J. I. Acciaiuoli de Vasconcellos Brandão, “Memorial que faz José Inácio Acciaiuoli de Vasconcellos Brandão...”, Biblioteca Nacional (1817).
- [5] J. I. Acciaiuoli de Vasconcellos Brandão, assento de seu óbito, Livro de óbitos da freguesia de S. Pedro (Salvador, 1823–1830), fls. 83 e 83v.
- [6] J. I. Acciaiuoli de Vasconcellos Brandão, “Inventário,” códice 04/-1663/2132/03, Arquivo Público de Salvador (1826).
- [7] A. Accioli de Vasconcellos, “Depoimento,” Autos da Devassa de 1817, Arquivo Nacional, Rio (1817).
- [8] A. M. Accioli de Vasconcellos, comunicação pessoal a Francisco Antonio Doria.
- [9] A. V. Accioli de Vasconcellos, “Caderneta Subsidiária do Guarda-Marinha Altamir do Valle e Accioli de Vasconcellos,” aberta em 1912, manuscrito pertencente a F. A. Doria.
- [10] B. Accioli de Vasconcellos, “Petição que faz Belarmino Accioli de Vasconcellos,” Biblioteca Nacional (1865).
- [11] I. Accioli de Vasconcelos, “Petição que faz Inácio Accioli de Vasconcellos...”, Biblioteca Nacional (1811).
- [12] J. I. Accioli de Vasconcellos, documentos referentes à concessão das ordens da Rosa e de Cristo, Biblioteca Nacional (1846 e 1848).
- [13] R. B. Accioli e A. Taunay, *Sinopse da História da Civilização Geral e do Brasil*, Bloch, Rio (1979).
- [14] A. Accioly Netto, “Família Accioly,” manuscrito, Rio (1982).
- [15] M. Accioly, comunicação pessoal de Marcus Accioly a Francisco Antonio Doria.
- [16] J. R. de Aguiar Vallim, “Os Rabello,” em *Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, 1939–1989*, S. Paulo (1991).

- [17] T. S. de Albuquerque Leão, “Memória Historica, Estatistica e Geographica dos Olhos d’Água do Accioly,” em *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*, número 6 (1875).
- [18] V. M. de Almeida, “Inventário,” código 05/2007/2478/01, Arquivo Público de Salvador (1860).
- [19] A. A. Antunes, comunicação pessoal de Alair Accioli Antunes a Francisco Antonio Doria (s/d).
- [20] *Anuário da Nobreza de Portugal*, Braga (1950).
- [21] Arquivo Nacional, *As Câmaras Municipais e a Independência I-II*, Conselho Federal de Cultura, Rio (1973).
- [22] Arquivo Nacional, *As Juntas Governativas e a Independência I-III*, Conselho Federal de Cultura, Rio (1973).
- [23] G. Bacchi, *La Certosa di Firenze*, Vallecchi, Florença (1956).
- [24] F. de Barros e Accioli de Vasconcellos, documentos diversos referentes à sua carreira, pertencentes a F. A. Doria.
- [25] J. de Barros Acciaiuoli, “Ofício do conde dos Arcos determinando que se execute a sentença contra o reu José de Barros Acciaiuoli...”, Biblioteca Nacional (1817).
- [26] J. de Barros Accioli, “Petição que faz José de Barros Accioli...”, manuscrito na Biblioteca Nacional (1817).
- [27] J. de Barros Accioli Pimentel, “Petição que faz José de Barros Accioli Pimentel...”, Biblioteca Nacional (1843).
- [28] V. de Barros Mello, *Barros Pimentel: Uma Família Alagoana*, Departamento de Assuntos Culturais, SEC/Alagoas, Maceió (1984).
- [29] F. de Barros Pimentel, escritura de cessão de data de terras para os religiosos do Carmo, Biblioteca Nacional (1732).
- [30] C. de A. Bastos, *Família e Poder*, Belo Horizonte (1991).
- [31] N. Battilana, *Genealogia delle Famiglie Nobili di Genova*, Genova, Fratelli Pagano (1825).
- [32] C. Bevilacqua, *História da Faculdade de Direito do Recife*, INL/MEC (1977).
- [33] S. Birmingham, *Our Crowd*, Dell (1968).
- [34] L. Bittencourt, *Homens do Brasil*, Mascotte, Rio (1917).

- [35] A. J. V. Borges da Fonseca, *Nobiliarquia Pernambucana*, I e II, Anais da Bibliotheca Nacional **47** (1936).
- [36] “Brasão de Armas de João Maria do Valle, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Comendador da Ordem de N. S. da Conceição de Vila Viçosa,” manuscrito (1860).
- [37] G. Brucker, ed., *Two Memoirs of Renaissance Florence: The Diaries of Buonaccorso Pitti & Gregorio Dati*, trad. Julia Martines, Harper Torchbooks (1967).
- [38] S. Buarque de Holanda, coordenador, *História Geral da Civilização Brasileira* I, 1 e 2, Difel (1960).
- [39] J. Calmette, “La Famille de Saint Guilhem,” *Annales du Midi* **39**, 226–245 (1927).
- [40] P. Calmon, *Introdução e Notas ao Catálogo Genealógico das Principais Famílias, de Frei Jaboatão*, I e II, Empresa Gráfica da Bahia, Salvador (1985).
- [41] M. J. de Cerqueira e Silva, “Documentos,” manuscritos na Biblioteca Nacional (1809 a 1860).
- [42] D. Claude, carta a F. A. Doria, datada de 30 de Janeiro de 1990.
- [43] A. Costa, “Genealogia Baiana,” *Rev. Inst. Histórico e Geográfico Brasileiro* **191**, 1 (1946).
- [44] A. Coutinho, *Brasil e Brasileiros de Hoje*, I e II, Editorial Sul Americana, Rio (1961).
- [45] J. Craveiro Costa, *Maceió*, José Olympio (1939).
- [46] R. V. da Cunha, *Figuras e Fatos da Nobreza Brasileira*, Arquivo Nacional, Rio (1975).
- [47] O. V. Dantas, *A Vida Patriarcal de Sergipe*, Paz e Terra, Rio (1980).
- [48] A. Dauzat, *Les Noms de Personnes*, Delagrave, Paris (1928).
- [49] R. della Cava, *Milagre em Joazeiro*, Paz e Terra, Rio (1977).
- [50] M. Diegues Jr., *O Banguê nas Alagoas*, IAA, Rio (1949).
- [51] L. H. Dias Tavares, *A Independência do Brasil na Bahia*, Civilização Brasileira/INL (1977).
- [52] F. A. Doria, “Quem Era Simão Achioli ?” (manuscrito, 1976).
- [53] F. A. Doria, editor, *Os Herdeiros do Poder*, Revan (1994).

- [54] F. A. Doria e M. R. P. Doria, “Tourinhos,” tabela agnática, eD. particular, xerografada (1985).
- [55] F. A. Doria e Muniz Sodré, “Family-Related Structures and Political Power in Brazil,” *Crossroads* 4, UCLA (1991).
- [56] A. A. de M. Drummond, “Apontamentos Heráldico-Genealógicos,” *Rev. Inst. de Estudos Genealógicos* 3, 21 (1938).
- [57] J. T. Drummond, *A Família Drummond no Brasil*, I, Colégio Brasileiro de Genealogia (1969).
- [58] N. R. Esteves, *Catálogo dos Irmãos da Santa Casa de Misericórdia da Bahia*, Santa Casa, Salvador (1977).
- [59] Faculdade de Medicina da UFBA, arquivos.
- [60] Faculdade de Medicina da UFRJ, arquivos.
- [61] M. J. da C. Felgueiras Gayo, *Nobiliário das Famílias de Portugal*, I–XII, Carvalhos de Basto, Braga (1990).
- [62] M. J. da C. Felgueiras Gayos, “Achioli,” em *Nobiliário das Famílias de Portugal* I, Carvalhos de Basto, Braga (1990).
- [63] M. J. da C. Felgueiras Gayos, “Achiolis de Vasconcellos na Madeira,” em *Nobiliário das Famílias de Portugal* X, p. 141 Carvalhos de Basto, Braga (1990).
- [64] M. J. da C. Felgueiras Gayo, “Pimenteis,” em *Nobiliário de Famílias de Portugal* VIII, Carvalhos de Basto, Braga (1990).
- [65] M. J. da C. Felgueiras Gayo, “Pintos,” em *Nobiliário de Famílias de Portugal* VIII, Carvalhos de Basto, Braga (1990).
- [66] V. Ferrer, *Guerra dos Mascates*, Livraria Classica, Lisboa (1915).
- [67] R. Fletcher, *The quest for El Cid*, Knopf (1990).
- [68] F. Freire, *História de Sergipe*, Vozes (1977).
- [69] G. Freyre, *Casa Grande e Senzala*, José Olympio (1973).
- [70] A. Gallo, “Commentarius Rerum Genuensium,” em L. A. Muratori, *Rerum Italicarum Scriptores* 23, Città di Castello (1910).
- [71] K. Glöckner, “Lorsch und Lothringen, Robertiner und Capetinger,” *Zeitschrift für die Geschichte des Oberrheins* 89, 301–354 (1936/7).
- [72] F. da C. Gouvea, “Uma Relação de Engenhos de Pernambuco e Paraíba no Século XVIII,” *Brasil Açucareiro* 78, 78–88, Agosto (1971).

- [73] O. Guerreiro de Castro, “Os Parentes de Santo Antonio em Portugal e no Brasil,” em J. C. de Macedo Soares, *Santo Antonio de Lisboa, Militar no Brasil*, José Olympio, Rio (1942).
- [74] D. Herlihy, “Family and Property in Renaissance Florence,” em H. A. Miskimin, et al., *The Medieval City*, Yale University Press (1977).
- [75] E. Hirschowitz, *Contemporâneos Inter-Americanos*, Editora Enciclopédica Contemporânea Inter-Americana, Rio (1945).
- [76] Fr. A. de S. M. Jaboatão, *Catálogo Genealógico das Principais Famílias*, reimpressão do Instituto Genealógico da Bahia, Imprensa Oficial da Bahia (1950).
- [77] B. Krekić, “Four Florentine Commercial Companies in Dubrovnik (Ragusa) in the First Half of the Fourteenth Century,” em H. A. Miskimin, et al., editores, *The Medieval City*, Yale University Press (1977).
- [78] J. M. Lacarra, *Textos Navarros del Códice de Roda*, Tip. “La Académica,” Saragoza (1945).
- [79] F. S. de Lacerda Machado, *A Família Acciaiuoli*, Lisboa (1941).
- [80] L. Lago, *Supremo Tribunal de Justiça e Supremo Tribunal Federal*, Imprensa Militar (1940).
- [81] Ch. M. de La Roncière, *Un Changeur Florentin du Trecento: Lippo di Fede del Sega*, Ed. Jean Touzot, Paris (1973).
- [82] Mons. Lencastre Baharem, testamenteiro de Mons. Octaviano Acciaiuoli, *Conta Corrente que deu no Juízo dos Resíduos...*, Oficina de Antonio Galhardo, Lisboa (1812).
- [83] A. Lewis, *Le Sang Royal: La Famille Capétienne et l'État, France, Xe-XIVe Siècles*, Gallimard (1986).
- [84] P. Litta, “Acciaiuoli di Firenze,” em *Famiglie Celebri Italiane*, Milano (1844).
- [85] N. Macedo, *O Clã de Santa Quitéria*, Renes, Rio (1980).
- [86] J. Mattoso, “A Nobreza Rural Portuense nos Séculos XI e XII,” *An. Estudios Medievales* 6, Barcelona (1969).
- [87] K. Mattoso, *To be a Slave in Brazil, 1550–1888*, Rutgers University Press (1986).
- [88] F. Meneses Vaz, “Acciaiuolis,” em *Famílias da Madeira e Porto Santo I*, Junta Geral do Funchal (195...).
- [89] S. Miranda, *Rio Doce*, Biblioteca do Exército (1949).

- [90] P. Moniz de Aragão, diretor, *Repertório das Sesmarias da Bahia*, Arquivo Nacional (1968).
- [91] L. P. Moretzsohn de Castro, “Origem dos Lemes de São Paulo,” na *Rev. Inst. de Estudos Genealógicos* **3**, 3 (1938).
- [92] L. de Moura Accioli, no “Registro Geral das Mercês,” Arquivo Nacional, Rio.
- [93] S. de Moya, “Barão de Japaratinga,” em *An. Gen. Brasileiro* **3**, 99 (1941).
- [94] S. de Moya, “Conde Pedroso de Albuquerque,” em *An. Gen. Brasileiro* **5**, 129 (1943).
- [95] S. de Moya, “Família Vieira Peixoto,” em *An. Gen. Brasileiro* **7**, 341 (1945).
- [96] S. de Moya, “Barão de Aracaju (Família Accioli do Prado),” em *An. Gen. Brasileiro* **9**, 128 (1947).
- [97] S. de Moya, “Conde Pedroso de Albuquerque,” em *An. Gen. Latino* **5**, 261 (1953).
- [98] S. de Moya, “Subsídios para um Dicionário das Famílias,” em *An. Gen. Latino* **5**, 262 (1953).
- [99] A. Nobre de Almeida e Castro, “Apontamentos...” (texto manuscrito), c. 1860.
- [100] H. H. Noronha, “Acciaioli,” em *Nobiliário da Ilha da Madeira*, I, Salvador de Moya, ed., São Paulo, s/d.
- [101] H. H. Noronha, “Drummonds Escócio,” em *Nobiliário da Ilha da Madeira*, II, Salvador de Moya, ed., São Paulo s/d.
- [102] M. T. Nunes, *História de Sergipe a Partir de 1820*, Cátedra/MEC (1978).
- [103] C. X. Paes Barreto, *Os Primitivos Colonizadores Nordestinos e seus Descendentes*, Editora Melso, Rio (1960).
- [104] A. Pedroso de Albuquerque, “Inventário,” códice 01/88A/125/02, Arquivo Público de Salvador (1878).
- [105] F. A. Pereira da Costa, *Anais Pernambucanos*, Arquivo Público Estadual, Recife (1962).
- [106] F. A. Pereira da Costa, *Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres*, ed. facsimilar, Recife (1982).
- [107] I. F. Pinto, *Datas e Notas para a História da Paraíba*, Editora Universitária/UFPb, João Pessoa (1977).

- [108] Projeto Áquila, *Memento Homo, Quia Pulvis*, Griffo (1994).
- [109] J. Quinderê, *Comendador Antonio Pinto Nogueira Accioly*, Tipografia Minerva, Fortaleza (1950).
- [110] A. Rangel, “Barão de Accioli,” maço CXCV, doc. 8827, no *Inventário dos Documentos do Arquivo da Casa Imperial do Brasil existentes no Castelo d’Eu* (1939).
- [111] S. Raveggi, M. Tarassi, D. Medici, P. Parenti, *Ghibellini, Guelfi e Popolo Grasso*, La Nuova Italia, Florença (1978).
- [112] J. J. Reis, *Rebelião Escrava no Brasil*, Brasiliense (1986).
- [113] C. G. Rheingantz, *A Família Faro*, eD. privada, Rio (1977).
- [114] M. Rollemberg de Azevedo Acciaiuoli, no “Registro Geral das Mercês,” Arquivo Nacional, Rio.
- [115] S. Ross, *Monarchs of Scotland*, Facts on File (1990).
- [116] A. V. A. Sacramento Blake, *Diccionario Biobibliographico Brasileiro*, I–VII, eD. facsimilar, Conselho Federal de Cultura, Rio (1970).
- [117] Sebrão, sobrinho, *Laudas da História do Aracaju*, Sergipe (1954).
- [118] P. Setubal, “Jerônimo Bonaparte,” em *Nos Bastidores da História*, Cia. Editora Nacional, São Paulo (1928).
- [119] A. Silveira, “Almeida, Tomás Xavier Garcia de,” em *Enciclopédia Brasileira*, 1, INL/MEC (1958).
- [120] F. da Silveira Bueno, *Vocabulário Tupi–Guarani/Português*, Gráfica Nagy, São Paulo (1983).
- [121] G. Studart, *Diccionario Bio–Bibliographico Cearense*, I–III, Typo–Lithographia a Vapor, Fortaleza (1910).
- [122] Giambattista Ubaldini, *Istoria della Casa degli Ubaldini*, Florença (1588).
- [123] C. Ugurgieri della Berardenga, *Gli Acciaiuoli di Firenze nella Luce de’ loro Tempi*, I e II, Florença, Leo S. Olschki (1962).
- [124] J. F. Velho Sobrinho, *Dicionário Bio–Bibliográfico Brasileiro*, I–II, Pongetti, Rio (1937).
- [125] M. D. Wanderley, “Notas Genealógicas sobre os Barros Pimentel,” *Rev. Inst. de Estudos Genealógicos* 3, 291 (1939).
- [126] J. M. Wanderley Pinho, *Salões e Damas do Segundo Reinado*, Martins, São Paulo (1942).
- [127] E. Zöllner, “Woher stammte der heilige Rupert ?” *Mitteilungen des Instituts für österreichische Geschichtsforschung* 57, 1–22 (1947).

Não se faz um estudo sobre famílias cujos membros se espalharam por uma região tão ampla sem a ajuda de um bom grupo de colaboradores. Ei-los, portanto:

- *Alba Maria Accioli de Vasconcellos*, que nos detalhou os descendentes atuais do ministro José Inácio Accioli de Vasconcellos.
- *Carlos Alberto Villarinho do Amaral*, que com seus colaboradores *Carmen Lúcia Lins Cavalcanti* e *Fernando Carneiro Campello Filho* nos forneceram os ascendentes de muitos dos alunos da Faculdade de Direito do Recife, entre os quais aqueles da família [Collor] Affonso de Mello.
- *Gilda Paes de Carvalho*, que nos corrigiu a descendência de Quintilla Accioli de Vasconcellos e de Humberto Antunes.
- *Jorge Ricardo Almeida Fonseca*, cuja imensa boa-vontade e capacidade de investigação nos descobriu os inventários do marechal José Inácio Acciaioli de Vasconcellos Brandão, e de seus próximos parentes, Maria Acciaioli e seu marido Antonio Pedroso de Albuquerque, e Venceslau Miguel de Almeida.
- *Margot Doria*, a quem devemos a biografia de Tomás Xavier Garcia d'Almeida, fundada em relatórios secretos sobre sua atuação no julgamento dos conjurados pernambucanos de 1824, além da referência (em Alberto Rangel) ao *barão de Accioli* que nunca o foi.
- *Paulo Carneiro da Cunha*, guardião dos arquivos do Colégio Brasileiro de Genealogia, que nos ajudou a levantar os descendentes dos Acciolis de Brito, no Rio, e do professor José Cavalcanti de Barros Accioli.
- *Roberto Alves da Cunha* e *D. Tania*, proprietários da Livraria Brasileira, que nos repassaram inúmeros textos raros e esgotados, deste século e do anterior, sobre a história do Brasil e do nordeste.
- *Victorino Coutinho Chermont de Miranda*, secretário do Colégio Brasileiro de Genealogia, que insistentemente cobrou a um dos autores (FAD) algumas notas sobre os Acciaiolis.

Citamos também, *in memoriam*, Alair Accioli Antunes, cujas conversas com o avô materno, Francisco de Barros e Accioli de Vasconcellos, preservaram em boa medida a memória oral da família, e Zaide Antunes de Miranda Montenegro, a quem devemos o primeiro esboço do texto sobre os descendentes do mesmo Francisco de Barros e Accioli de Vasconcellos.

O Projeto Águila agradece ao Colégio Brasileiro de Genealogia o apoio recebido, e também ao Programa de Estudos sobre Teoria da Comunicação da Escola de Comunicação da UFRJ e ao *Projeto Griffó*, que aceitaram publicar este trabalho como parte do subprojeto referente à estrutura da elite agrária brasileira.

profissionalmente à genealogia; exterior, possui um bem Brasil dos tempos coloniais de Comunicação da Matemáticas da historiador e genealogista. brasileiro na época séculos XVII e XVIII. Brasileiro de

Sumário

Acciaioli no Brasil	1
Prosopografia dos Acciaioli	3
Acciaioli no Brasil	7
Fontes e Critérios	7
A Grafia do Nome no Brasil	10
Contactos Entre os Diversos Ramos	11
Heráldica dos Acciaioli	12
Acciaioli no Brasil	15
1 <i>De Florença à Madeira.</i>	<i>15</i>
O Grão-Senescal Nicola	18
Os Duques de Atenas	18
Médicis e Bourbons	19
O Humanista Donato	19
Na Ilha da Madeira	23
Os Últimos Marqueses Acciaioli	31
2 <i>Os Alcaldes-Mores de Olinda</i>	<i>32</i>
2.1 <i>De Volta à Madeira</i>	35
3 <i>A Oligarquia Accioly no Ceará</i>	<i>36</i>
O Comendador Nogueira Accioly	39
3.1	42
3.2 <i>Peregrino Júnior</i>	43
3.3 <i>Francisco Sá</i>	43
3.4 <i>Raymundo Borges</i>	44
3.5 <i>Juracy Magalhães</i>	45
3.6 <i>José Pompeu Pinto Accioly</i>	45
3.7 <i>O Acciolito</i>	45
O Jornalista Accioly Netto	46
3.8 <i>O Embaixador Hildebrando Accioly</i>	46
4 <i>Acciolis de Vasconcellos na Paraíba</i>	<i>47</i>
4.1 <i>Condes de Carvalhal, de Porto Santo, de Rezende, de Seisal, de Torre Bela, e Visconde da Ribeira Brava</i>	50
O Inconfidente Sá Bittencourt e o Intendente Câmara	51
5 <i>Barros Pimentais e Acciolis</i>	<i>52</i>
Genealogia dos Lins	53
5.1 <i>Lins e Vasconcellos</i>	57
6 <i>Accioly Lins, os Barões de Goicana, Granito e Rio Formoso</i>	<i>58</i>

7	<i>Barros Acciolis da Vila das Alagoas</i>	62
	O Constituinte Inácio Accioli	64
	O Ministro Inácio Accioli	65
	7.1 <i>Os Barões de Pereira Franco</i>	67
	7.2 <i>O Historiador da Bahia Colonial</i>	68
	O Historiador Inácio Accioli	69
8	<i>O Segundo Ramo da Vila das Alagoas</i>	70
	O Poeta Inácio Accioli	73
	O Coronel Accioli de Vasconcellos	73
	Um <i>Barão de Accioli</i> Coordena a Imigração Italiana para o Brasil	74
	Carta de Brasão de João Maria do Valle	75
	A Volta do Imperador	78
	8.1 <i>Dois Professores</i>	78
	José Accioli	78
	Roberto Accioli	79
9	<i>O Ramo de Quintilla</i>	79
	9.1 <i>Alair Accioli Antunes</i>	80
	9.2 <i>Berenice e Sylvio Piergili</i>	81
	9.3 <i>Zaide e Luiz Montenegro</i>	81
	Genealogia dos Pintos de Miranda Montenegro	81
	9.4 <i>Carmen e José Montenegro</i>	84
	Betinho e Yolanda	84
	9.5 <i>Regina e Raul Braga</i>	84
	9.6 <i>Gilda e Antonio Paes de Carvalho</i>	85
	9.7 <i>Maria Thereza e Fernando Pereira da Cunha</i>	86
	9.8 <i>Myriam e Manduquinha</i>	86
10	<i>O Ramo de Lucilla</i>	86
	Francisco Eduardo Rabello	87
	Armando de Freitas Filho	88
11	<i>O Ramo de Inesilla</i>	89
	Origem dos Dorias do Brasil	90
	11.1 <i>Gustavo Doria, Crítico de Teatro</i>	96
12	<i>Barros Pimentéis e Acciolis em Sergipe</i>	97
	A vacina de Jenner no Brasil.	99
	12.1 <i>O Conde Negreiro Pedroso de Albuquerque</i>	101
	12.2 <i>Barros Pimentéis de Sergipe</i>	104
	12.3 <i>O Carrasco de Frei Caneca</i>	106
	12.4 <i>O Barão de Japarutuba</i>	107
	O Barão Assassino	108
	12.5 <i>Madureira Accioli</i>	109
	12.6 <i>Accioli de Brito</i>	109

12.7 <i>Accioli do Prado; o Barão de Aracaju</i>	110
Referências	112
Colaboradores	119

O *Projeto Águila*, subordinado ao Programa de Estudos em Teoria da Comunicação, tem por objetivo documentar as formas de transmissão e comunicação do poder—nas suas manifestações concretas e simbólicas—dentro da classe dominante brasileira. O *Projeto Águila* é coordenado por Francisco Antonio Doria.

Suas publicações fazem-se na *Coleção Marcello de Ipanema*.

Versão 1.1.

Tirados vinte exemplares da versão 1.0.

Terminou-se de compor em Computer Modern Roman,
uma versão dos tipos Bodoni,
com itálicos baseados no desenho de Claude Garamond,
usando-se um Macintosh *Powerbook 160* e um Quadra 630, uma
impressora

DeskWriter, e a linguagem T_EX de Don Knuth,
na versão L^AT_EX de Leslie Lamport,
no formato *Textures*,
em 16 de Novembro de 1994.